

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Reconhecimento e diferenciação nos caminhos da integração: a
identidade judaica nas colônias agrícolas da Jewish Colonization
Association – Quatro Irmãos e Moisés Ville (1890-1930).**

Dissertação de Mestrado em História

Tatiana Machado Barboza

Orientadora: Prof^a Dr^a Claudia Wasserman

Porto Alegre, abril de 2002.

Reconhecimento e diferenciação nos caminhos da integração: a identidade judaica nas colônias agrícolas da Jewish Colonization Association – Quatro Irmãos e Moisés Ville (1890-1930).

Tatiana Machado Barboza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Claudia Wasserman

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Ieda Gutfreind

Prof. Dr. René Ernani Gertz

Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Porto Alegre, abril de 2002.

Agradecimentos

Os últimos anos estiveram intensamente marcados por esta pesquisa, e muitos são os agradecimentos que devem ser feitos.

À Claudia Wasserman, minha orientadora, professora e amiga, pelo incentivo, por não me deixar abandonar a Argentina, por sua orientação competente, sua avaliação séria e rigorosa. Os possíveis méritos deste trabalho são dedicados à sua crítica, observações e sugestões, sempre pertinentes, provocativas e estimulantes.

À minha mãe, pelo exemplo de coragem e dignidade, e por estar sempre presente.

Ao Ben-Hur, por tudo. Por ter entendido as crises, pelo apoio, por ter participado até mesmo da pesquisa e principalmente por fazer parte da minha vida...

Aos amigos, em especial Paulo e Fabiana, pela presença e conforto. Ao Paulo, pelas discussões e críticas que tanto ajudaram na construção deste trabalho. À Fabi, pela atenção, estímulo e paciência nos momentos de crise.

Aos colegas do curso de mestrado pelos momentos de troca nos intervalos, pelas conversas de bar, por compartilharem dúvidas e ansiedades.

Ao Arquivo Histórico Judaico Brasileiro de São Paulo, por abrir suas portas e proporcionar o acesso a fontes tão ricas e infelizmente ainda tão pouco trabalhadas.

À AMIA, em Buenos Aires, especialmente à Ana Weinstein, que conseguiu aplacar meu desespero diante da ausência de fontes ao abrir as portas da biblioteca Marc Turkow, permitindo que Moisés Ville continuasse a fazer parte deste estudo.

Ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, nas pessoas de Andréa e Esther, que sempre fizeram o possível para facilitar meu trabalho.

Enfim, a todos aqueles que, a seu próprio modo, entenderam, apoiaram e estiveram presentes nesta etapa.

Resumo

Esta dissertação propõe uma análise sobre a identidade judaica nas colônias agrícolas empreendidas pela Jewish Colonization Association (ICA), especificamente Quatro Irmãos (Brasil) e Moisés Ville (Argentina), no período entre 1890 e 1930, período de construção e consolidação de Estados Nacionais, onde a entrada de imigrantes estava intimamente relacionada às idéias sobre o futuro das nações. O objetivo central desse estudo é discutir de que forma o sentimento de pertencer a uma coletividade judaica pôde estabelecer vínculos com uma identidade regional, num período em que o processo de construção da nação estava se consolidando e perpassando as demais formas de identificação social do sujeito, passando por questões como a afirmação da identidade cultural judaica pré-migratória, o conflito identitário entre a sociedade pré-migratória e a sociedade receptora e a adoção parcial de uma identidade local (regional). A hipótese central deste trabalho é de que as condições de assimilação, e portanto de construção de uma nova identidade, variam de acordo com as condições concretas de formação e existência destas colônias. A formação destas colônias, por sua vez, envolvia a constituição de dois espaços diferenciados: o espaço concreto, vivido cotidianamente, ou seja, a colônia e sua estrutura de preservação da identidade judaica, e a sociedade de instalação destas colônias, um espaço diferenciado onde era preciso integrar-se/adaptar-se. Partindo de um estudo comparativo, defendendo a idéia de que a constituição das colônias da ICA, considerando as formas por estas assumidas, e considerando as sociedades receptoras, permitiram a construção de uma nova identidade, sem que isto implicasse numa renúncia ao judaísmo diante da integração.

Abstract

This dissertation proposes an analysis about the Jewish identity in the agricultural colonies carried by the Jewish Colonization Association (ICA), specifically Quatro Irmãos (Brazil) and Moises Ville (Argentina), in the period between 1890 and 1930, period of National Estates building and consolidation, when the immigrants entrance was closely related to the ideas about the nations' future. The main objective of this study is to discuss which way the Jewish collectivity belong feeling could establish links with a regional identity, in a period when the nations building process was consolidating and arising together with the other individual social identification ways, going through questions as the pre-migratory Jewish cultural identity consolidation, the identifiably conflict between the pre-migratory society and the host society and the partial adoption of a local identity (regional). This work central hypothesis is that the assimilation conditions, and so the building of a new identity vary according the concrete formation and being conditions of these colonies. The formation of these colonies, by itself, involves the constitution of two different spaces: the concrete space, daily lived, or, the colony and its Jewish identity preservation structure, and these colonies host society, a different space where adaptation/integration was required. From a comparative study, defending the idea that the ICA colonies constitution, considering the form they assumed, and considering the host societies, allowed the building of a new identity, without implying in a refuse to the Jewishly in the presence of the integration.

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1. Brasil e Argentina – as políticas imigratórias e o surgimento da ICA enquanto companhia privada de colonização.....	22
1.1 Brasil e Argentina: as políticas imigratórias.....	27
1.2 A Jewish Colonization Association e os inícios da imigração judaica organizada.....	39
Capítulo 2. Moisés Ville e Quatro Irmãos – a formação de colônias agrícolas judaicas na América Latina.....	46
2.1 A organização do espaço e a instalação dos colonos.....	48
2.2 Normalização através da terra: a agricultura.....	66
2.3 A construção do espaço coletivo e a configuração da fronteira.....	78
2.4 Algumas considerações.....	90
Capítulo 3. Momentos de crise: Quatro Irmãos e Moisés Ville.....	96
3.1 Quatro Irmãos e a Revolução de 1923.....	98
3.2 Moisés Ville: <i>colonos X ICA</i>	116
Conclusão: Judeu brasileiro, Judeu argentino e vice-versa.....	125
Referências Bibliográficas.....	134
Relação das Fontes.....	139

Introdução

"Este livro conta a história da humanidade em trânsito. É uma história perturbadora, pois poucas pessoas abandonam a terra natal por vontade própria. Em geral elas se tornam migrantes, refugiadas ou exiladas constrangidas por forças que não têm como controlar, fugindo da pobreza, da repressão ou das guerras. Partem com os pertences que conseguem carregar, avançam como podem a bordo de frágeis embarcações, espremidas em trens e caminhões, a pé... Viajam sozinhas, com as famílias ou em grupos. Algumas sabem para onde estão indo, confiantes de que as espera uma vida melhor. Outras estão simplesmente em fuga, aliviadas por estarem vivas. Muitas não conseguirão chegar a lugar nenhum"¹.

Fuga de migrantes, de refugiados e de pessoas deslocadas em diferentes pontos do mundo, tragédias individuais e coletivas, projetadas inúmeras vezes em incontáveis períodos da História. Histórias individuais, de homens e mulheres, que abandonam seus lares, inventando novas vidas longe dos lugares onde nasceram. Falar da *humanidade em trânsito* é refletir sobre a própria condição humana, é pensar em situações onde impera o instinto individual, ou coletivo, de sobrevivência, e onde os deslocamentos provocam profundas transformações.

A partir dos anos 80 do século XIX, um grande surto imigratório proveniente da Europa Oriental fez com que milhares de pessoas se dirigissem à Europa Ocidental, à América do Norte e aos países latino-americanos. No final do século XIX, milhares de judeus russos foram impelidos para o outro lado do Atlântico. A política de russificação do Império czarista, de caráter assimilacionista, acompanhava-se de legislações restritivas e repressão bruta, ignorando particularidades e atropelando tradições a fim de consolidar o Império². A onda de pogroms³ que estendeu-se até o início do século XX tornava a situação dos judeus russos insustentável e provocava repercussões em toda a Europa. Várias instituições de auxílio a refugiados se organizaram, o movimento sionista⁴ ganhou adeptos e buscavam-se alternativas para a solução dos problemas que atormentavam a população judaica européia.

¹ SALGADO, Sebastião. *Êxodos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 7.

² AARÃO REIS, Daniel. *Uma revolução perdida. A história do socialismo soviético*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997. p.25.

³ Massacres organizados contra judeus na Europa Oriental. Destacam-se os massacres de Odessa, Rússia, em 1882 e em Kishinev, Bessarábia, em 1903.

⁴ Segundo Haim Avni, a onda de violência na Rússia czarista conduziu círculos progressistas e ilustrados judaicos ao movimento da *ressurreição nacional judaica*, o sionismo, que brotava em cidades e aldeias do Império Russo. Grupos e associações enviaram suas primeiras delegações à Palestina a fim de preparar o retorno à terra dos antepassados. Entre estas organizações, o autor destaca os *Jovevé Tziôn*, partidários do movimento

Entre as instituições que surgiram neste período, destacava-se a Jewish Colonization Association (ICA), instituição de caráter filantrópico fundada pelo Barão Maurice de Hirsch em 1891. Esta instituição promoveu a saída de um grande número de judeus russos em direção às Américas, instalando-os em colônias agrícolas organizadas pela companhia. Em 1890 o Barão Hirsch estabeleceu em Moisés Ville, Argentina, a primeira colônia da ICA com o objetivo de atender a judeus russos que fugiam da perseguição cotidiana e aceitavam a agricultura como atividade econômica, ainda que tivessem pouca ou nenhuma experiência neste campo. Após a morte do Barão, a ICA iniciou seus estudos de expansão para o Brasil, fundando, em 1909, a colônia Quatro Irmãos, segunda colônia estabelecida pela instituição no país⁵.

A atuação da ICA associava vários países, visando a transferência de um grande número de pessoas da Europa para a América. Se considerarmos os deslocamentos populacionais, vinculados ao fenômeno imigratório que caracteriza o final do século XIX e início do século XX, como um fenômeno universal, inserimos a colonização judaica em um movimento mais amplo, tendo em vista que no mesmo período milhões de europeus, como italianos e alemães, dirigiram-se às Américas em busca de melhores condições de vida. De forma geral, este fenômeno está associado às transformações sociais, políticas e econômicas que ocorreram na Europa em decorrência da expansão do capitalismo, deslocando um grande número de pessoas para as Américas. Ao mesmo tempo, é possível identificar particularidades concretas, características específicas de cada um dos movimentos imigratórios, tornando cada processo único e essencial para a compreensão da história nacional de cada país que recebeu imigrantes.

No processo de colonização agrícola judaica em países latino-americanos, destaca-se que o impulso imigratório se dava em um momento marcado pelas perseguições vivenciadas na Europa, onde delimitavam-se concepções do passado (afirmação da tradição e identidade do grupo) e possibilidades de projetar o futuro (a configuração de uma nova diáspora em

Jibat Tzión (Amor a Israel), precursores da Organização Sionista. Em 1890 o *Jibat Tzión* contava com um Comitê Central em Odessa e havia sido responsável pela instalação de um grupo de aproximadamente dez famílias na colônia Ekron, na Palestina. O movimento, tendo entre seus líderes o rabino Shmuel Mohilevu e presidido pelo coronel Albert Goldsmid, contava com o apoio financeiro do Barão de Rothschild e não concordava com instituições que previam a transferência de judeus para outro destino que não Eretz Israel (AVNI, Haim. *Argentina y la historia de la inmigración judía – 1810-1950*. Israel, Buenos Aires: Editorial Universitaria Magnes, Universidad Hebrea de Jerusalén, AMIA Comunidad de Buenos Aires, 1983, pp. 87, 131, 137, 140. O movimento também é mencionado por COCIOVITCH, Noé. *Gênesis de Moisés Ville*. Buenos Aires: Editorial Milá, 1987, pp. 28, 30 e 46).

⁵ A primeira colônia estabelecida pela ICA no Brasil foi Philippon, fundada em 1902 nas proximidades de Santa Maria. A colônia foi ocupada por famílias russas provenientes da Bessarábia. No entanto, em apenas dois anos, a colônia encontrava-se em crise, fator que contribuiu para a decisão de fundar uma nova colônia no Rio Grande do Sul como forma de assegurar a atuação da instituição no país.

busca de uma vida melhor em outros lugares). Nesse processo de deslocamento e conseqüente transformação, a relação entre o velho e o novo, o passado e o presente, a tradição e a integração são uma constante, e se revestem de importância fundamental para a compreensão do processo.

Ao mesmo tempo, a atuação da ICA evidenciava a existência, em planos paralelos, de políticas nacionais ou regionais que atuaram no sentido de facilitar a imigração. Temos ainda, por outro lado, a questão econômica, envolvendo os interesses da ICA enquanto instituição, e os interesses dos governos que receberam estas comunidades, fatores que explicam a dimensão do processo imigratório e a importância que lhe foi atribuído em épocas específicas. Além disso, não podemos esquecer a dimensão social/cultural do processo, ou seja, esta imigração envolvia a integração de pequenas coletividades portadoras de uma especificidade que atuava como fator de diferenciação em relação às sociedades receptoras.

Especificamente no caso da imigração judaica no Brasil e Argentina num momento de consolidação de Estados Nacionais, as colônias foram o ponto de partida para a formação de uma nova identidade e para a construção das sociedades das quais os imigrantes passavam a fazer parte. A integração destas comunidades, de forma particular, envolvia a questão da identidade cultural judaica em relação a uma possível articulação com um sentimento de pertencimento mais amplo, envolvendo uma identidade regional e aproximando-se da inserção à unidade nacional. Envolvia, portanto, a questão da nação enquanto elemento aglutinador de identidades, e a possível construção e legitimação de símbolos ligados a esta nova identidade.

A atuação da ICA, portanto, permite inserir a história judaica na história nacional dos países onde foram instaladas estas comunidades e, ao mesmo tempo, permite extrapolar as fronteiras nacionais na medida em que esta instituição atuava em diversos países.

Esta dissertação propõe uma análise sobre a identidade judaica nas colônias agrícolas empreendidas pela Jewish Colonization Association (ICA), especificamente Quatro Irmãos (Brasil) e Moisés Ville (Argentina), no período entre 1890 e 1930, período de construção e consolidação de Estados Nacionais, onde a entrada de imigrantes estava intimamente relacionada às idéias sobre o futuro das nações.

Em relação à temática estabelecida, o primeiro ponto a ser discutido é a questão da *identidade*, e mais particularmente da *identidade judaica* constituída nas colônias empreendidas pela ICA no Brasil e Argentina. Que mudanças foram exigidas no processo de incorporação à identidade nacional, ou regional? O que era ser judeu em Quatro Irmãos e Moisés Ville? De que forma o contato com as condições que caracterizavam a imigração

puderam atuar no sentido da transformação de identidades constituídas e construção de uma nova identidade, dando origem a uma comunidade ligada a uma identidade nacional? Se as identidades são construídas, reformuladas e atualizadas à medida que novos contextos sociais são criados, de que forma situações históricas, políticas e econômicas novas, como no caso da imigração, evocam, atualizam e repõem a questão identitária?

A discussão sobre identidade enquanto conceito, ligada à idéia de *sentimento de pertencimento*, e particularmente no que se refere à *identidade judaica*, tem por objetivo apresentar alguns aspectos que considero fundamentais sobre a problemática, mas não pretende dar conta de todos os autores contemporâneos e tampouco de todas as discussões relacionadas ao tema.

A questão identitária vem sendo amplamente discutida em vários campos do conhecimento científico. A historiografia tem se dedicado muito ao tema, principalmente no que diz respeito à *identidade nacional*, termo derivado da problemática que envolve o conceito de nação, e nacionalismo. Nessa discussão, a identidade nacional é vista como prioritária na medida em que refere-se a uma comunidade permanente, e da qual é certo ser membro. A princípio, todo indivíduo, independente de etnia, religião, sexo, etc., estaria marcado pela identidade nacional, seria membro de uma comunidade na qual nasce e permanece. No entanto, segundo Claudia Wasserman, a identidade nacional se transforma através do tempo, da mesma forma que a própria idéia de nação vai se transformando. Essas transformações, no que se refere ao sentimento de pertencimento, dizem respeito à lealdade que os sujeitos prestam à identidade nacional em relação às demais formas de identificação social. Ao mesmo tempo, embora a identidade nacional seja vista como prioritária nos tempos modernos, não pode ser considerada como a única forma de identificação possível⁶.

Segundo Hobsbawm, “*não podemos presumir que, para a maioria das pessoas, a identificação nacional – quando existe – exclui ou é sempre superior ao restante do conjunto de identificações que constituem o ser social. Na verdade, a identificação nacional é sempre combinada com identificações de outro tipo, mesmo quando possa ser sentida como superior às outras*”⁷. Neste sentido, não haveria contradição em ser/tornar-se *judeu brasileiro* ou *judeu*

⁶ WASSERMAN, Claudia. *Problemas teóricos que envolvem a questão da identidade social e a formação de novas identidades*. Mimeo. Porto Alegre, 2000. p. 1.

⁷ Hobsbawm, Eric J. *Nações de nacionalismo desde 1780: Programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.20.

*argentino*⁸, principalmente em um período onde o componente territorial não estava presente, não havendo a existência concreta de um “Estado judeu”.

Ainda neste sentido, convém salientar a possibilidade de perceber a identidade como forma de *representação*. Ao permitir ao grupo e ao indivíduo exibir uma maneira própria de estar no mundo, marcando a sua existência de forma diferenciada em relação ao outro, a identidade pode ser vista como resultado e expressão de processos com os quais se constrói sentido e se atribui significados à realidade. Segundo Roger Chartier, a identidade é, ao mesmo tempo, percepção de si e do outro, inscrição num espaço, relação consigo ou com o outro, pertencimento e exclusão. Essas representações, contraditórias e em confronto, expõem as formas pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles⁹. Entre os autores que compartilham desta visão está Denise Jodelèt, ressaltando que através de suas diversas significações, as representações exprimem aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dotam de uma definição específica os objetos que representam. Estas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade para este grupo. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas. Desta forma, as representações conectam a via mental individual e coletiva, sendo, portanto, produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior e elaboração simbólica desta realidade. A representação é, ao mesmo tempo, construção e expressão do sujeito¹⁰.

A identidade, seja ela religiosa, étnica, nacional ou qualquer forma que indique a idéia de pertencimento, também implica em diferenciação, ou seja, reconhecimento e afastamento em relação a um outro, construído socialmente. Neste sentido, ser judeu é ser o outro, ou posicionar-se em relação a um *outro*. E como é ser o *outro* duplamente? Quer dizer, o que é ser judeu e imigrante ao mesmo tempo?

⁸ Utilizar a expressão *judeu brasileiro*, ou *judeu argentino*, não significa perceber este momento de transformação como momento de formação de uma identidade brasileira ou argentina nova e uniforme, entendida como uma união de diferentes identidades. Convém salientar que este trabalho percebe a identidade judaica pré-migratória como situacional, e não como identidade primordial imutável, fazendo com que, em determinados momentos, os imigrantes pudessem vivenciar sua “judaicidade” tanto quanto sua nova nacionalidade. A identidade cultural judaica muitas vezes atua em planos paralelos, ou em planos cruzados, com o nacionalismo, tornando estas identidades extremamente flexíveis. Para um aprofundamento das discussões sobre este aspecto ver LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

⁹ CHARTIER, Roger. *O Mundo como Representação*. Estudos Avançados 11[5], 1991, p. 177.

¹⁰ JODELÈT, Denise. *Représentations sociales: un domaine en expansion*. p. 31. Ainda sobre a utilização do conceito de representação ver: CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990; GINZBURG, Carlo. *Représentation: le mot, l'idée, la chose. Pratiques de la représentation*. Annales – École des Hautes Études en Sciences Sociales: Paris, 1991.

Estas questões passam por elementos como a própria identidade judaica, a identidade regional, ou nacional (em que medida os Estados tinham interesse ou atuaram na integração destas comunidades), e como se deu a transformação desta identidade constituída, permitindo ao imigrante um sentimento de pertencimento mais amplo. Em que medida sentir-se parte de um contexto mais amplo indicaria uma renúncia ao judaísmo?

Atualmente, as discussões sobre identidade judaica apontam para várias dimensões em relação ao “ser judeu” na sociedade contemporânea. Segundo o rabino Henry I. Sobel,

“Os judeus obviamente não constituem uma raça, pois raça é uma designação biológica; tampouco são apenas adeptos de uma mesma religião, embora certamente professem a religião judaica; também não se pode descrevê-los unicamente como ‘nação’, embora a identidade judaica tenha indubitavelmente um componente de caráter nacional”¹¹.

Esta passagem traz alguns elementos que poderiam ser apontados como definidores da *identidade judaica*: a questão racial, descartada pelo rabino; a religião e o caráter nacional. Provavelmente o caráter nacional a que se refere Sobel esteja relacionado com o Estado de Israel, fator que também deve ser descartado como elemento da identidade judaica em Quatro Irmãos e Moisés Ville tendo em vista que, no período da colonização, o componente territorial não fazia parte desta identificação¹². Como então definir o judeu que colonizou Quatro Irmãos e Moisés Ville, sem correr o risco de transpor discussões atuais para um contexto que é específico e particular?

De acordo com Brumer, a identidade judaica estaria caracterizada por múltiplos critérios, envolvendo portanto a “... *consciência de ser judeu – consubstanciada na pertinência a uma comunidade judaica e no fato de partilhar alguma coisa junto com outros judeus - , no reconhecimento da existência de alguma distinção entre judeus e não judeus e no fato de ser reconhecido como judeu pelos demais membros da comunidade*”¹³.

Neste sentido, a *identidade judaica*, como categoria de atribuição de significados específicos a tipos de pessoas em relação umas com as outras, estaria relacionada à consciência de ser judeu na existência de uma comunidade judaica, e ser reconhecido como tal pelos demais membros da comunidade. De acordo com essa definição, a compreensão das

¹¹ SOBEL, Henry I. *Ser Judeu*. In SLAVUTZKY, Abrão (org.) A Paixão de Ser: Depoimentos e Ensaios sobre a identidade judaica. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998. p. 115.

¹² Neste sentido, é preciso lembrar que a criação do Estado de Israel data de 1948, fazendo com que as comunidades judaicas de Quatro Irmãos e Moisés Ville devam ser vistas como ainda pertencentes à comunidade da Diáspora, onde a dispersão, embora não caracterize uma fragmentação no que se refere à identidade, não inclui o caráter territorial ou o elemento “nacional”.

¹³ BRUMER, Anita. *A identidade judaica em questão*. In SLAVUTZKY, Abrão (org.) A Paixão de Ser: Depoimentos e Ensaios sobre a identidade judaica. Porto Alegre: Artes e Ofícios: 1998. pp. 178, 179.

formas de organização das colônias fornece sentido à construção identitária do povo judeu nos países latino-americanos. Ao mesmo tempo, esta identidade pressupõe a distinção entre estes indivíduos e as sociedades de instalação das colônias, afastando-os destas sociedades. A construção desta identidade ocorre num duplo sentido, o do próprio indivíduo, que se identifica enquanto judeu, e a sua identificação pelos outros, estabelecendo uma *fronteira* entre quem é e quem não é membro do grupo. Esta fronteira demarca a diferença, apresentando graus diferenciados de permeabilidade de acordo com condições sociais e históricas específicas.

As alterações na vida destes indivíduos dependeram de vários fatores, e a manutenção de uma unidade baseada em um sentimento de identidade se contrapunha ao processo de assimilação que era inerente à adaptação a uma nova realidade. A partir dessa discussão é necessário estabelecer uma diferenciação entre *assimilação* e *aculturação*. De acordo com Jeffrey Lesser, a assimilação se caracteriza quando a cultura pré-migratória da pessoa desaparece por completo. A aculturação, por sua vez, implica na modificação de uma cultura em resultado do contato com uma outra¹⁴. Na assimilação, integrar-se seria abrir mão da judaicidade, enquanto que, na aculturação, seria possível tornar-se judeu-brasileiro, ou judeu-argentino, sem que isso significasse uma renúncia ao judaísmo.

Francis Korn¹⁵ propõe três dimensões do processo de *assimilação* que operam em sentido diferente do proposto anteriormente:

- 1- *participação* nas distintas estruturas da sociedade receptora: quantidade e eficiência com que chega a desempenhar atividades que são fundamentais para esta sociedade;
- 2- *aculturação*, quer dizer, internalização de valores e normas de comportamento que são próprias à sociedade de imigração;
- 3- *identificação* com a sociedade nacional em que tenha imigrado.

Em Korn, a assimilação assume uma dimensão diferente, é capaz de englobar o conceito de aculturação e não implica necessariamente no abandono completo da identidade pré-migratória. O conceito utilizado por Korn aponta para a *integração*, onde seria possível perceber a transformação desse sentimento de pertencimento, salientando as relações de troca entre culturas diferentes. Neste sentido, seriam indicadores do processo de assimilação, assim como as questões apontadas anteriormente, o fato de que as comunidades judaicas não

¹⁴ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p.22.

¹⁵ KORN, Francis. *Algunos aspectos de la asimilación de inmigrantes en Buenos Aires* in América Latina. Rio de Janeiro: Ano 8, nº 2, abril-junho de 1965. p. 78.

possuíam desejo algum de regresso a seus países de origem. No entanto, as variáveis definidas como componentes do processo de assimilação atuam diferentemente segundo aspectos da própria imigração, entre os quais podemos incluir as motivações que impulsionaram estes indivíduos em direção à imigração, e a estrutura organizacional das colônias.

O período a ser discutido será aquele que se refere à instalação e consolidação de colônias agrícolas na América Latina empreendidas pela ICA entre os anos de 1890, ano em que esta associação inicia seus estudos na Argentina visando a constituição de colônias, e quando é fundada a colônia Moisés Ville, em Santa Fé, e 1930, quando evidencia-se um processo de crise agrária na Argentina que atinge as colônias, desencadeando um processo de êxodo e concentração urbana no país. No mesmo período a ICA se vê obrigada a buscar na Europa um novo grupo de imigrantes para dar continuidade ao processo de colonização no Brasil diante da desarticulação de Quatro Irmãos.

De forma geral, o período de análise proposto estaria delimitado tendo em vista que, neste espaço de tempo, podem ser evidenciados os aspectos necessários ao trabalho com o tema da formação de colônias e adaptação a uma nova realidade, apresentando portanto as possíveis transformações na identidade judaica e a construção de uma nova identidade em função do processo de assimilação decorrente da imigração. Os anos de formação das colônias são essenciais para a compreensão do processo de integração destes colonos e da preservação de uma cultura judaica num contexto específico.

Na Argentina, no período após a queda de Rosas e unificação da província de Buenos Aires com as províncias confederadas em 1860, delineava-se uma nova estratégia para o desenvolvimento de vastas extensões de um país que encontrava-se ainda em grande medida despovoado e não totalmente livre dos índios¹⁶: a classe dirigente argentina decidiu abrir as portas sem limitações a uma política de imigração massiva que serviria como “força de trabalho” para a elite terratenente e ao mesmo tempo ocuparia os territórios vazios do país.

A Lei 817 de Imigração e Colonização, promulgada em 1876, foi o mais claro sinal da vontade das autoridades de atrair uma corrente massiva de imigrantes ao país. Julio Argentino Roca, que governou entre 1880 e 1886, ditou um decreto convidando especificamente os judeus russos a estabelecerem-se no país. Segundo Ricardo Feierstein, a atitude de Roca,

¹⁶ A eliminação da população indígena promoveu, a partir de 1850, um incremento significativo das áreas economicamente produtivas, realizando a expansão do latifúndio em direção às terras indígenas. A expansão da pecuária exigia um avanço crescente da fronteira em direção ao sul e ao oeste do pampa, originando uma guerra permanente com os índios, pelo menos até o início do século XIX. No período em questão, a problemática envolvendo as populações indígenas ainda se fazia presente e a questão da apropriação de terras ocupava governo e produtores. Para maiores informações ver CARDOSO, Ciro Flamarion S. e BRIGNOLI, Héctor Pérez. *História econômica da América Latina*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

identificado com a oligarquia ilustrada de seu tempo (positivista, maçônica ou católica liberal), baseava suas esperanças de progresso na imigração de mãos e cérebros europeus, fazendo com que surgisse uma conjuntura especial argentina em prol da imigração¹⁷.

Ao mesmo tempo, a situação dos judeus russos, que despertou a preocupação do Barão Hirsch, fundador da ICA, criava circunstâncias favoráveis à saída em massa desta população do país. Os pogroms que se produziram em 1881, depois do assassinato do czar Alexandre II, e principalmente após 13 de março com a ascensão de Alexandre III ao trono, dificultaram progressivamente a situação dos judeus russos.

Em 1890, o Barão Hirsch enviava uma missão de estudos à Argentina, dando os primeiros passos da imigração promovida pela ICA em várias províncias. Neste momento era nítida a confluência da história judaica com a história Argentina, tendo como intersecção a questão dos mútuos interesses. A fundação de Moisés Ville dava início à obra da ICA no país. Em 1891 a instituição era formalizada em Londres como companhia privada de colonização, enfatizando o seu caráter de associação filantrópica que visava promover a imigração de judeus perseguidos na Europa através do estabelecimento de colônias agrícolas.

Os anos de maior crescimento demográfico da população judaica na Argentina compreendem a década de 1920, quando aproximadamente 22% da população judaica no país vivia em colônias agrícolas. Em 1930, a crise agrária que afetou o funcionamento de todo sistema agroexportador argentino já havia atingido as colônias da ICA, dando início ao processo de concentração urbana desta população. Neste sentido, a crise da colonização agrária judaica se insere na crise global do campo argentino, e a forma através da qual estas comunidades responderam ao processo de crise pode ser vista como indício do processo de assimilação iniciado com a instalação das colônias.

Em relação à imigração no Brasil, em 1901, após a morte do Barão, a ICA iniciou seus estudos de expansão para o país, visto que alguns de seus diretores eram também grandes investidores na economia brasileira¹⁸. Sendo assim, ao mesmo tempo em que prestava assistência aos refugiados, a ICA representava interesses estrangeiros no país, indo ao encontro dos objetivos do governo do Rio Grande do Sul, que pretendia subsidiar e patrocinar a colonização agrícola de áreas despovoadas, além de incentivar o investimento estrangeiro. A colonização destas áreas, acompanhada de toda uma infra-estrutura (comércio, transportes,

¹⁷ FEIERSTEIN, Ricardo. *Historia de los judíos argentinos*. Buenos Aires: Ameghino, 1999. p.55.

¹⁸ LESSER, J. *O Brasil e a Questão Judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 41.

etc.), fazia parte do programa do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), assegurando à ICA o apoio necessário às suas atividades de colonização.

Em dezembro de 1909 a fazenda Quatro Irmãos fazia parte do município de Passo Fundo, estando atualmente localizada entre os municípios de Getúlio Vargas e Erechim. O processo de organização da Colônia estendeu-se de 1909, ano em que foi efetuada a aquisição da fazenda até 1912, quando esta recebeu os primeiros colonos, contando com aproximadamente 40 famílias recrutadas nas colônias argentinas e em seguida 60 famílias vindas da Bessarábia¹⁹. Em 1913 veio da Rússia mais um grupo de famílias.

Durante seu desenvolvimento, a colônia agrícola de Quatro Irmãos apresentou um movimento de êxodo constante, oscilando de acordo com as circunstâncias. Merece destaque o ano de 1923, quando a colônia foi atingida pela revolução de 1923, fruto da oposição à posse de Borges de Medeiros para seu quinto mandato consecutivo na presidência do Estado. Neste momento, muitos colonos abandonaram Quatro Irmãos, obrigando a ICA a buscar um novo grupo de imigrantes na Europa, em 1926, para dar continuidade à colonização na região. Este processo se prolongou até 1930, quando foi evidenciada uma nova crise na colônia.

Além da bibliografia indicada ao longo do texto e relacionada no final da dissertação, as fontes utilizadas ao longo deste trabalho compreendem correspondências, fontes impressas, como jornais ou revistas, assim como documentos oficiais da ICA e documentos relacionados à organização legal destas colônias no Brasil e na Argentina. Ao falar da documentação oficial da ICA, refiro-me às correspondências, relatórios e memorandos produzidos pela Direção Geral da instituição, localizada em Paris, e seus escritórios locais, localizados nas colônias. Em sua totalidade, esta documentação refere-se às atividades de colonização desenvolvidas pela instituição nos diversos países em que atuou como companhia privada de colonização.

Como a direção geral da ICA encontrava-se em Paris, a documentação oficial da instituição encontra-se quase em sua totalidade redigida em francês; as citações de documentos são traduções feitas por mim. Por outro lado, a centralização da administração em Paris não acarretou a concentração espacial desta documentação, fazendo com que as fontes referentes à atuação da ICA na América Latina encontrem-se dispersas em várias instituições.

No Brasil, particularmente em Porto Alegre, destacam-se instituições como o Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), sendo que os fundos documentais que este possui não constituem uma série capaz de dar conta de todo o processo de colonização desenvolvido

¹⁹ Arquivo Institucional Jewish Colonization Association. Porto Alegre: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, s/d.

pela ICA no Estado. O ICJMC destaca-se por seu Departamento de Memória, que possui um número significativo de entrevistas, testemunhos de imigrantes ou de indivíduos que representam um resgate da história da imigração judaica para o Rio Grande do Sul. As entrevistas disponíveis, embora sejam de extrema importância para a percepção do ponto de vista do indivíduo em relação ao processo de imigração, não foram utilizadas como fonte principal para este trabalho. Ao mesmo tempo, a Federação Israelita do Rio Grande do Sul possui uma biblioteca bastante significativa, dispondo de vários exemplares em relação à atuação da ICA no Brasil e Argentina.

Em relação à colônia judaica de Quatro Irmãos, foi fundamental a pesquisa realizada no Arquivo Histórico Judaico Brasileiro (AHJB-SP), localizado em São Paulo. Este Arquivo reúne documentos essenciais ao trabalho com o tema da imigração judaica promovida pela ICA no Brasil, possuindo uma extensa documentação que compreende todo o período de atuação da ICA na Fazenda Quatro Irmãos, de 1909 a 1962. Como o ICJMC, o Arquivo possui um departamento de História Oral, Biblioteca, e o Fundo Jewish Colonization Association, que forneceu as principais fontes para o trabalho com o tema. Grande parte dos documentos disponíveis no AHJB-SP encontram-se microfilmados no ICJMC, mas não existe qualquer possibilidade de acesso a esta documentação na medida em que o Instituto não dispunha de equipamento adequado à leitura deste material.

Em relação à Moisés Ville, mesmo diante da existência de 14 colônias empreendidas pela ICA na Argentina, os principais centros de pesquisa da comunidade judaica, como a Asociación Mutual Israelita Argentina (AMIA) e o Instituto Científico Judío (IWO), atualmente não possuem fundos documentais relativos à atuação da ICA no país. Em pesquisa à AMIA, em Buenos Aires, a informação obtida foi de que a documentação oficial da ICA foi sistematicamente enviada para os arquivos de Londres e Israel. Principalmente após o atentado à AMIA, em 1994, a documentação que ainda se encontrava nos arquivos argentinos foi enviada para fora do país. Mesmo nos arquivos e museus regionais, mantidos nas colônias, não há documentação da ICA, e sim depoimentos de imigrantes, documentos pessoais destes indivíduos e arquivos fotográficos. A princípio, a falta completa de documentação da ICA para tratar de Moisés Ville representou um sério risco à realização deste trabalho. Diante desse quadro, a pesquisa realizada na Argentina teve como objetivo a busca de fontes alternativas à esta documentação, e destaca-se o levantamento bibliográfico realizado no país. Selecionei o livro de Noé Cociovitch, *Gênesis de Moisés Ville*²⁰, como guia para a análise de

²⁰ COCIOVITCH, Noé. *Gênesis de Moisés Ville*. Buenos Aires: Editorial Milá, 1987.

Moisés Ville. Outras obras, e mesmo artigos selecionados, serão indicados ao longo do texto. No que se refere à obra de Cociovitch, trata-se de um registro pessoal, publicado pela primeira vez em ídiche²¹, em 1947. Por iniciativa do Instituto IWO, a obra foi traduzida para o espanhol como forma de preservar fontes para o trabalho sobre a imigração judaica no país. A intenção era a de publicar um material documental em sua maior parte desconhecido e disperso em diversas publicações, principalmente diante da falta de acesso aos arquivos da ICA no país.

Noé Cociovitch nasceu em Slonim, Lituânia, em 1862. Trabalhava no comércio, no distrito de Grodno, quando resolveu se inscrever como candidato à colonização promovida pelo barão Hirsch na Argentina. Viajou ao país como delegado de seu grupo, em 1894, e como colono, em 1895, instalando-se em Moisés Ville. Atuante como liderança entre os colonos, foi encarregado pela ICA de buscar novos grupos em Grodno em 1899 e 1901. Viveu quarenta e dois anos em Moisés Ville, atuou durante mais de vinte anos na cooperativa "La Mutua Argentina", da qual foi fundador em 1908. Atuou, em diversos momentos, como representante dos colonos em suas relações com a ICA.

Cociovitch começou a escrever suas memórias em 1930, cinco anos antes de sua morte. Começa o relato na aldeia Amstibove, onde vivia, nos anos 80 do século XIX. Sua abordagem de Moisés Ville busca um caráter informativo, onde procura ser objetivo. No entanto, por se tratarem de suas memórias, não está isento de humor, lembranças e impressões. Não terminou suas memórias, e o período a que se dedica vai de 1894 a 1905. Diante desta delimitação temporal, Cociovitch não fornece elementos para a análise de Moisés Ville em todo o período proposto neste trabalho. A lacuna entre 1905 e 1930, será trabalhada utilizando a bibliografia específica sobre a colonização judaica na Argentina, tendo como referência autores que tiveram acesso à documentação da ICA existente nos arquivos de Londres e em outras instituições na Europa.

No que diz respeito à documentação selecionada sobre a colônia estabelecida no Brasil, merecem destaque os relatórios e correspondências da ICA, que constituem a principal fonte utilizada neste trabalho. Esta documentação permite perceber a dimensão oficial do processo de imigração, assim como suas implicações e conseqüências no que se refere à

²¹ Ídiche: "é a língua que foi falada majoritariamente pelos judeus da Europa Oriental até a Segunda Guerra Mundial, e tinha nas suas origens dialetos alemães medievais, o hebraico e, de acordo com as variações regionais, contribuições das línguas eslavas da população majoritária de cada país. Após o Holocausto, a sua base social desapareceu, e o ídiche tornou-se uma língua pouco utilizada mesmo pelos judeus, que na sua parcela majoritária aderiram aos desígnios do Estado de Israel que decidiu fazer do hebraico revivido a sua língua nacional". GRÜN, Roberto. *Construindo um lugar ao sol: os judeus no Brasil*. in FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p.353.

instalação e consolidação das colônias. No entanto, é preciso ressaltar que esta documentação, por sua vez, apresenta a visão da instituição a respeito do processo imigratório de instalação e consolidação das colônias. Mesmo que a ideologia e a proposta oficial da ICA não seja considerada um guia para aquilo que estava nas mentes dos colonos, é possível perceber, através desta documentação, elementos essenciais que estavam presentes no processo de formação das colônias, tendo em vista que a documentação reflete a relação da ICA com o colono, e as reações do colono no que diz respeito à atuação da instituição.

A correspondência oficial praticada entre a administração central da ICA, em Paris, e as administrações locais, de um modo geral, revelam as disposições gerais que orientaram a atuação destes representantes locais, determinado as medidas a serem tomadas em nome da instituição. Mesmo as orientações do Conselho Agrícola, localizado em Paris, eram transmitidas aos colonos através de correspondência.

Os relatórios, por sua vez, são capazes de fornecer um quadro bastante detalhado das colônias no período a que se referem. Entre prestações de contas, diagnósticos e propostas, os relatórios apresentam uma visão minuciosa da situação econômica das colônias (as atividades desempenhadas pelos colonos na agricultura, a exploração da madeira realizada pela instituição, etc.), e informações gerais sobre as características físicas da colônia (composição do solo, extensão dos lotes, hidrografia, possibilidades de cultivo, condições meteorológicas, etc.). Além disso, os relatórios apresentam dados referentes à organização dos espaços comunitários como sinagogas, escolas, clubes, estabelecendo comparações com outras atividades de colonização e revelando momentos de crise vivenciados por estas comunidades. Essa documentação, em seu conjunto, constitui a chave principal para acessarmos Quatro Irmãos em seu contexto específico.

A bibliografia existente sobre a imigração judaica no Brasil, restrita e específica, é cheia de lacunas e faz com que o tema da imigração judaica e as condições de integração destas comunidades nas sociedades receptoras permaneça em aberto.

Na bibliografia sobre a imigração judaica no Brasil, destacam-se os trabalhos de Isabel Rosa Gritti²² e Jeffrey Lesser²³. O trabalho desenvolvido por Gritti dedica-se à análise da ação da ICA no processo de imigração e colonização judaica no Rio Grande do Sul, particularmente na colônia agrícola de Quatro Irmãos. O objetivo do trabalho consiste em identificar os fatores que explicam o fracasso da colonização em Quatro Irmãos através da

²² GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração judaica no Rio Grande do Sul. A Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

²³ LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a Questão Judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

análise de elementos que envolvem a relação da ICA com os colonos, as atividades econômicas desenvolvidas na colônia, principalmente o trabalho agrícola, e os interesses da Companhia na exploração florestal de suas terras. Ao dedicar-se exclusivamente à análise que privilegia uma colônia como objeto de estudo, perde as regularidades que caracterizam os empreendimentos da ICA enquanto companhia privada de colonização, e as possíveis alterações neste projeto de acordo com a sociedade de instalação destas colônias, deixando de lado questões referentes à manutenção de uma identidade judaica e as possíveis transformações nesta identidade em função do contexto que envolve a imigração.

O Brasil e a Questão Judaica, de Jeffrey Lesser, por outro lado, apresenta uma proposta mais ampla, enfocando aspectos diferenciados em relação à imigração judaica no Brasil. A obra dedica-se ao estudo das políticas imigratórias durante o Estado Novo, analisando a construção das imagens do preconceito evidenciadas no período e as questões diplomáticas que envolveram a chegada de imigrantes judeus ao Brasil. Além disso, Lesser contribui sensivelmente para o estudo da imigração judaica no país ao buscar a integração da história judaica à história latino-americana. A questão judaica brasileira, completamente ausente na historiografia tradicional latino-americana, têm sido sistematicamente relegada à categoria de “outros” quando se trata do processo imigratório, principalmente devido ao fato de não apresentar grande proporção numérica se relacionada a grupos como por exemplo alemães, italianos, poloneses, etc. Neste sentido, a obra de Lesser recupera esta dimensão mais ampla da imigração judaica em suas especificidades, conectando a história judaica à história dos países nos quais constituíram-se grupos significativos desta comunidade.

Ao realizar esta análise, enfatizando as políticas governamentais de normatização da imigração para o Brasil e suas restrições, principalmente no que se refere à imigração judaica, o autor retrocede às décadas de 20 e 30 quando a imigração judaica tornou-se foco de atenção entre os intelectuais brasileiros e membros do governo. Ainda com este propósito, a análise de Lesser avalia a atuação da ICA no Rio Grande do Sul, dando ênfase ao significado desta experiência para o governo gaúcho. Embora trabalhe paralelamente com o impacto destas políticas de imigração sobre a coletividade judaica, através da observação das formas de organização assumidas por estes grupos, assim como com as condições de ingresso e circulação destes indivíduos no país, Lesser não analisa a problemática da identidade judaica e sua transformação em função do processo de integração às sociedades receptoras.

Entre a bibliografia considerada “memorialista”, merece destaque a obra de Jacques Schweidson, intitulada *Judeus de Bombachas e Chimarrão*, tendo como objeto os colonos judeus vindos da Rússia para a colônia de Philipson, primeira colônia agrícola empreendida

pela ICA no Rio Grande do Sul. Nas memórias do autor, o ponto de partida é a infância na colônia, relatando as dificuldades de adaptação vivenciadas por uma comunidade imigrada da Rússia czarista onde a maioria dos colonos era proveniente de um meio urbano e passava então por um processo de adaptação não apenas a uma nova realidade mas à vida rural de forma particular. Este trabalho, embora não diga respeito diretamente à Quatro Irmãos, é extremamente interessante no sentido de pensar o ponto de vista do indivíduo, pertencente a uma coletividade específica, em relação ao processo de integração à sociedade receptora, possibilitando perceber os passos, e em que medida, estes judeus poderiam “agauchar-se” em função do processo de integração, sem abrir mão da judaicidade²⁴.

Sob coordenação de Abrão Slavutzky, a recente obra denominada *A Paixão de Ser*²⁵, apresenta ensaios e depoimentos de membros da coletividade judaica, entre os quais rabinos e pesquisadores ligados a diversas áreas como a sociologia, psicologia, medicina, etc., tendo como ponto de partida a pergunta: “O que é ser judeu?”. São ensaios atuais, contemporâneos, preocupados com a situação de um judaísmo moderno, relacionado portanto com as questões específicas de seu tempo sem deixar de considerar uma trajetória que lhe é particular.

Os artigos variam de depoimentos pessoais, onde a judaicidade é atravessada por aspectos cotidianos de vivências individuais, à reflexões como a da socióloga Anita Brumer, por exemplo, que escreve sobre a identidade judaica e analisa as transformações que esta identidade vem apresentando na sociedade contemporânea. Brumer, ao trabalhar com a mudança nos componentes da identidade judaica no Rio Grande do Sul, analisa a chegada de imigrantes judeus ao Estado sem, com isso, prender-se a uma análise que explore as colônias como ponto fundamental para a compreensão do início do processo de transformação desta identidade. Mesmo assim, coloca em jogo questões como a inserção econômica, a integração e o processo de assimilação destas comunidades a sociedades não-judaicas, fatores que são decisivos para compreender a tensão e a transformação desta identidade judaica construída coletivamente.

A obra, em seu conjunto, parece marcada pela problemática da manutenção ou não da memória do judaísmo e de suas tradições nas sociedades contemporâneas. Embora apresente inúmeras contribuições para uma teorização a respeito das questões identitárias, não há uma

²⁴ Entre as obras consideradas memorialistas podemos citar: FAERMANN, Martha Pargendler. *A promessa cumprida: histórias vividas e ouvidas de colonos judeus no Rio Grande do Sul (Quatro Irmãos, Baronesa Clara, Barão Hirsch e Erebangó)*. Porto Alegre: Metrópole, 1990; IOLOVITCH, Marcos. *Numa Clara Manhã de Abril*. Porto Alegre: Movimento, 1987. 2ª ed.; NICOLAIEWSKY, Eva. *Israelitas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Garatuja, 1975.

²⁵ SLAVUTZKY, Abrão (org.) *A Paixão de Ser: Depoimentos e Ensaios sobre a Identidade Judaica*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.

preocupação com a análise empírica destes fenômenos ligados à manutenção de uma identidade judaica nas colônias agrícolas e sua integração à sociedade de instalação destas colônias.

Sobre a imigração na Argentina, destacam-se os trabalhos de Jacob Shatzky²⁶, Ricardo Feierstein²⁷ e Haim Avni²⁸.

Trabalhos como *Comunidades judias en latinoamerica*, de Jacob Shatzky, constituem um excelente panorama da imigração judaica em vários países latino-americanos, mas não solucionam lacunas que precisam ser trabalhadas. Ao traçar um panorama da imigração judaica em todos os países latino-americanos, há uma restrição do espaço dedicado à análise de cada país, e o autor detêm-se numa descrição linear e na construção de quadros demonstrativos apresentando um balanço geral sobre a colonização no período que estende-se de 1891 à década de 1950. Nestes “quadros”, constam informações relacionadas às atividades econômicas desenvolvidas por estes imigrantes, assim como descrição de sua vida comunitária, religiosa, cultural e um levantamento sobre as instituições educacionais instaladas por judeus nos países para os quais imigraram.

Feierstein, por sua vez, embora dedique-se apenas à imigração judaica na Argentina, aborda um longo período que estende-se da Era pré-colombiana aos dias atuais. Analisa a chegada e integração dos judeus ao país, observando suas formas de organização e inserção no contexto nacional argentino, enfatizando a construção de organizações comunitárias, a vida nas cidades e relaciona personalidades da comunidade que destacaram-se no contexto nacional da Argentina. Pela amplitude da proposta de Feierstein, a obra não se restringe à colonização agrícola judaica, embora esta tenha adquirido um caráter significativo no país. A análise, no entanto, não ignora a atuação da ICA, mas sua abordagem em relação a este projeto de colonização é breve; não há profundidade no tratamento deste tema nem referência à problemática da identidade e adaptação desta comunidade como ponto essencial para a compreensão do processo de integração que propõe analisar.

Haim Avni, em *Argentina y la historia de la inmigración judia*, assim como Feierstein, dedica-se à análise de um longo período, trabalhando com o fenômeno da imigração entre os anos de 1810 e 1950. Este trabalho destaca-se pela preocupação com a contextualização histórica e com a efetiva inserção da história judaica na história Argentina. Trabalha com a imigração judaica nos últimos 150 anos como uma imigração específica e

²⁶ SHATZKY, Jacob. *Comunidades judias en latinoamerica*. Buenos Aires: American Jewish Committee, 1952.

²⁷ FEIERSTEIN, *op. cit.*

²⁸ AVNI, Haim. *Argentina y la historia de la inmigración judia (1810-1950)*. Israel: Editorial Universitaria Magnes, Universidad Hebrea de Jerusalén; Buenos Aires: AMIA, 1983.

particular na medida em que constituiu-se em um dos fatores decisivos para a sobrevivência de uma coletividade judaica. A exemplo de Lesser para o caso brasileiro, Avni escreve sobre as políticas de imigração praticadas pelos governos argentinos, sobre os motivos que sustentaram estas políticas e suas mudanças ao longo do tempo, sendo estes os eixos principais de sua análise. Analisa ainda o processo de integração dos judeus na sociedade receptora e na economia nacional, sua função e participação no seio do proletariado argentino e o surgimento de instituições judaico-argentinas, tornando-se uma obra de referência em relação a estes temas. No entanto, mesmo que as tentativas de imigração envolvendo a colonização agrícola não estejam ausentes em sua análise, estas colônias não são objeto de um estudo minucioso.

É interessante salientar que, no caso da bibliografia Argentina, nenhum dos trabalhos citados dedica maior atenção às comunidades agrícolas, e não foram encontrados trabalhos que realizem uma abordagem específica neste sentido. O projeto da ICA na Argentina é de grande amplitude, envolvendo a formação de 14 colônias, quando no Brasil apenas 2 são fundadas pela instituição. Estas 14 colônias, por sua vez, distribuem-se em 7 províncias argentinas, incluindo Buenos Aires, e os números relacionados à esta colonização atestam sua importância enquanto projeto de colonização: em 1895, por exemplo, a população de colonos em estabelecimentos da ICA alcançava o número de 1.222 pessoas sendo que a população judaica total no país no mesmo período somava 1.763 pessoas. O número de colonos em estabelecimentos da instituição chega a totalizar aproximadamente 2.000 pessoas na década de 1960²⁹.

Ao mesmo tempo, a bibliografia sobre imigração judaica no Brasil e Argentina raramente procura explicitar as condições de inserção destas comunidades às sociedades receptoras. Esta proposta de trabalho pretende mostrar como a imigração pôde promover a integração destas populações à identidade nacional, atuando no sentido da construção de uma nova identidade. Procuro discutir a problemática que caracteriza a relação entre este sentimento de pertencimento mais amplo, ou a própria identidade nacional, e as identidades coletivas constituídas nas colônias. Esta relação é de importância para a compreensão da integração destas comunidades à nação e o papel desempenhado pela ICA neste processo.

Além disso, ao adotar uma postura comparativa, esta proposta inaugura uma nova perspectiva no que se refere ao trabalho com estes temas, tendo em vista que, até o presente

²⁹ Números fornecidos por FEIERSTEIN, *op. cit.* pp 82 e 399.

momento, não foram encontrados trabalhos neste sentido em relação à temática da imigração agrícola judaica.

O procedimento que constitui o centro desta proposta de pesquisa é a atitude comparativa, tendo em vista o esforço no sentido de compreender e respeitar as peculiaridades latino-americanas, comparando-as entre si. Partindo da observação de que as colônias partilham de muitas similitudes históricas, como o programa de imigração incentivado pelos governos argentino e riograndense, onde a preocupação com a ocupação de áreas vazias do território atuou como facilitador da atuação da ICA nestes países, este trabalho propõe a comparação entre Brasil e Argentina como processo essencial no caminho para a sistematização dos conhecimentos, possibilitando a realização de generalizações na busca das semelhanças e diferenças, tomadas de meios sociais distintos.

A formação de colônias agrícolas judaicas na América Latina através da atuação da ICA nos coloca em confronto com processos que articulam de forma complexa elementos de origens diversas. A atitude comparativa, neste sentido, nos permite ampliar os horizontes da história regional e nacional, oferecendo novas leituras de uma realidade multifacetada sem abandonar o espaço e o tempo como categorias essenciais à produção do conhecimento histórico.

Segundo o historiador Serge Gruzinski:

“Me parece que a tarefa do historiador pode ser a de exumar as ligações históricas ou, antes, para ser mais exato, de explorar as ‘connected histories’ se adotamos a expressão proposta pelo historiador do império português, Sanjay Subrahmanyam. O que implica que as histórias só podem ser múltiplas – em vez de falar de uma História única e unificada com h maiúsculo. Esta perspectiva significa que estas histórias estão ligadas, conectadas e que comunicam entre elas”³⁰.

Sendo assim, a formação de colônias agrícolas judaicas na América Latina aproxima vários países, várias formas de governo e de organizações sociais. No entanto, uma atitude comparativa não implica necessariamente a busca de similitudes entre duas ou mais realidades. Convém salientar que, na perspectiva de um trabalho comparativo, coloca-se a importância do respeito à especificidade estrutural e histórica das sociedades incluídas na comparação, ou seja, embora partilhem de similitudes históricas, é necessário considerar as singularidades de cada país (Brasil e Argentina).

³⁰ GRUZINSKI, Serge. *Os mundos misturados da Monarquia e outras “connected histories”*. EHESS, Paris, mimeo, s/d.

Segundo C. F. Cardoso e H. P. Brignoli³¹, ao estudar este processo, no espaço e no tempo, será preciso descobrir os elementos comuns a todos os casos, os elementos típicos para cada caso e os elementos individuais, ou seja, aqueles que não podem repetir-se. Assim, o trabalho representa o esforço para tentar a atitude comparativa, a fim de realizar uma síntese histórica, sem sacrifício das peculiaridades.

O objetivo central desse estudo é discutir de que forma o sentimento de pertencer a uma coletividade judaica pôde estabelecer vínculos com uma identidade regional, num período em que o processo de construção da nação estava se consolidando e perpassando as demais formas de identificação social do sujeito. Nesse sentido, a construção e/ou transformação de uma identidade judaica nas colônias estava demarcada pelas seguintes questões:

1. Afirmação da identidade cultural judaica pré-migratória, ou seja, a afirmação de uma identidade marcada por componentes religiosos, sociais e comunitários baseados na tradição e cultura judaica;
2. Conflito identitário entre a sociedade pré-migratória e a sociedade receptora, ou seja, a relação entre o velho e o novo, o passado e o presente, a tradição e a integração;
3. Adoção "parcial" de uma identidade local (regional), ou seja, o reconhecimento mais amplo, e até que ponto esta identificação estaria constituída, ou teria condições de se constituir, entre os imigrantes nas colônias estabelecidas pela ICA;
4. Adoção "parcial" de uma identidade nacional (no momento de sua consolidação).

Neste sentido, o termo parcial é usado entre aspas devido à especificidade do povo judeu. É necessário ressaltar que o impulso imigratório se dava em um momento marcado pelas perseguições vivenciadas na Europa. A história de perseguições, a diáspora, a manutenção consistente de uma identidade que é ao mesmo tempo religiosa, cultural e comunitária permitem a construção de identidades múltiplas em constante transformação, ligadas à vivência diária, à trajetória individual e coletiva. Por isso mesmo, defendo a idéia de que a constituição das colônias da ICA, considerando as formas por estas assumidas, e considerando as sociedades receptoras, permitiram a construção de uma nova identidade, sem que isto implicasse numa renúncia ao judaísmo diante da integração.

³¹ CARDOSO, C. F. e BRIGNOLI, H. P. *Os métodos da história*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. 2ª edição, p. 417.

A visão dos colonos, suas percepções e reações em relação ao processo de imigração, é extremamente difícil de ser descoberta, principalmente quando se trabalha com os documentos oficiais da ICA. Estas fontes, no entanto, constituem um filtro através do qual podemos perceber estes aspectos. Mesmo que se matizem os aspectos subjetivos, é necessário estabelecer de que forma as aspirações coletivas destes colonos, envolvidos no processo de colonização para fugir das perseguições e esperançosos de um mundo livre, podem constituir um momento de transição em direção à construção de uma nova identidade. Neste sentido, é preciso buscar as ações e reações dos colonos, suas percepções e sentimentos através dos relatos da instituição, salientando que a postura oficial da ICA, e mesmo o relato de Noé Cociovitch, não são considerados um guia para acessar o plano individual e subjetivo dos colonos. As situações evidenciadas na documentação e no relato de Cociovitch são vistas como indicadores das relações vivenciadas nas colônias e representam uma versão do acontecido, mesmo que se chegue à conclusão de que constitui a mais verossímil possível.

O processo de assimilação destes colonos apresenta uma estrutura bastante complexa, onde, de um lado, encontramos o desejo de imigração e aceitação desta nova realidade e, de outro, a questão da memória e repetição de estruturas capazes de manter a unidade do grupo em torno da tradição e identidade judaicas. É necessário discutir qual o papel do processo de imigração e instalação destas colônias na redefinição da identidade cultural judaica, e perceber como este processo atuou na assimilação destas comunidades, estabelecendo os limites de integração dos imigrantes em Quatro Irmãos e Moisés Ville em relação às sociedades receptoras.

O presente trabalho encontra-se organizado em três capítulos nos quais procuro desenvolver os aspectos considerados necessários à análise da transformação da identidade judaica nas colônias estabelecidas pela ICA no Brasil e Argentina, entre os anos de 1890 e 1930.

O primeiro capítulo tem como objetivo analisar o contexto e os fatores que envolvem o surgimento da ICA enquanto companhia privada de colonização e as condições que determinaram o estabelecimento dos primeiros núcleos desta comunidade no Brasil e Argentina. Trabalha, portanto, com duas dimensões do processo imigratório, ou seja, com a questão da política oficial de imigração praticada por governos nacionais ou regionais, e a questão da ICA e seus interesses enquanto companhia privada de colonização. Ao analisar as condições que determinaram o surgimento da ICA, este capítulo propõe uma rápida análise da situação de judeus russos, tendo em vista que estes constituíram o foco principal do impulso imigratório em direção à América.

O segundo capítulo se propõe a analisar a estrutura organizacional das colônias e sua função na manutenção/preservação de uma identidade judaica. A organização desta estrutura e a construção de um espaço coletivo é essencial à existência de um sentimento de pertencimento particular. Em certo sentido, a existência de um “nós” está invariavelmente ligada ao número de coisas de “temos em comum”, criando a necessidade de um espaço reconhecível de existência onde encontrem-se as condições concretas para a construção do sentimento de identificação. Ao mesmo tempo, este capítulo procura discutir em que medida a atuação desta estrutura determinou a capacidade de circulação desta população nos espaços então constituídos, ou seja, a circulação entre as colônias e as sociedades de instalação das mesmas. Neste sentido, procura estabelecer a relação entre o sentimento de pertencimento constituído nas colônias e a possível articulação com uma identidade nacional, tendo em vista o processo de integração destas comunidades e a construção de uma nova identidade no contexto da imigração.

O terceiro e último capítulo pretende observar os principais momentos de crise nas colônias, analisando como estes momentos podem explicar o processo de assimilação, ou seja, discutir como os problemas vivenciados pelas colônias afetaram o processo de integração e/ou manutenção de tradições nestas comunidades.

1. Brasil e Argentina – as políticas imigratórias e o surgimento da ICA enquanto companhia privada de colonização

Na segunda metade do século XIX, as elites políticas latino-americanas, tanto no âmbito federal como estadual, formulavam políticas de imigração que visavam povoar as áreas fronteiriças com imigrantes europeus que ajudariam na construção da economia agrícola e trariam progresso e desenvolvimento para as regiões onde se instalassem. Ao mesmo tempo em que a colonização das terras latino-americanas estava intimamente ligada à imigração, estabeleciam-se vínculos diretos entre a questão imigratória e a introdução do capitalismo no campo. Este processo, por sua vez, atuou de forma diferenciada, dependendo da realidade específica de cada país onde estas transformações se desenvolveram.

O fenômeno imigratório que caracteriza este período, ou seja, entre o final do século XIX e o início do século XX, não é um fato isolado e não pode ser relacionado exclusivamente à realidade latino-americana. O deslocamento de milhares de pessoas da Europa para a América estava associado às transformações sociais, políticas e econômicas que ocorreram em vários países europeus em decorrência da expansão do capitalismo, acompanhado de novas formas de produção que passaram a ser adotadas. Nestes países, ao longo do século XIX e início do século XX, a imigração serviu como um dos meios de aliviar as tensões sociais internas provocadas pela expansão das relações capitalistas de produção que, na agricultura, expropriava os camponeses e, nas cidades, expropriava artesãos. Com a expulsão do camponês da terra e a destruição do pequeno artesanato, formou-se um excedente populacional que, sem terra e sem trabalho, transformava-se em foco de tensão social. Em tais países, a saída destas populações de seus territórios tornou-se uma necessidade.

Enquanto isso, por volta de 1870, iniciava-se na América Latina o processo de formação de Estados Nacionais, período de consolidação e reordenamento econômico, político e cultural. As oligarquias centrais realizaram as tarefas de implantação do capitalismo, organizando um mercado de trabalho adaptado às exigências da economia primário-exportadora, e regularizaram as questões relativas à posse de terras. Neste período, evidenciou-se a afluência maciça de capitais estrangeiros, acompanhada de uma forte

demanda nos países industrializados por produtos primários³². A organização interna dos países latino-americanos passava necessariamente pela expansão do capitalismo na agricultura, pela afluência de capital estrangeiro e pela chegada de imigrantes.

Ao analisar a implantação do capitalismo nos países latino-americanos, Ciro Flamarion Cardoso e Héctor Brignoli destacam que “*O processo de transição pode caracterizar-se como um conjunto de mudanças a nível da economia e sociedade nacionais, exigidos por fazer possível a expansão em grande escala das atividades exportadoras. Estas transformações se efetuaram através de três processos básicos: abolição da escravidão, a reforma liberal e a colonização de áreas vazias. Estes três mecanismos estão presentes, em maior ou menor grau, nos processos de transição de todos os países latino-americanos, porém seria ilusório crer que em todos os casos operam de forma similar*”³³.

Sendo assim, a transformação das relações de trabalho pré-capitalistas, na América Latina, estaria ligada, em maior ou menor grau, aos três mecanismos indicados por Cardoso e Brignoli: a abolição da escravidão, a reforma liberal e a colonização de áreas vazias. A partir desta classificação, é possível perceber algumas regularidades no que se refere ao processo de introdução do capitalismo no campo nas regiões do Brasil e Argentina onde se efetivou a colonização agrícola judaica. Embora a abolição da escravidão coloque Brasil e Argentina em grupos diferentes, já que seria uma característica predominantemente brasileira, a colonização em áreas vazias coloca as histórias das províncias do litoral, ou litoraleñas³⁴, como Santa Fé, e gaúcha, no mesmo plano, tendo em vista que este processo é característica comum às duas regiões.

A história da imigração de europeus para o Brasil, e portanto da colonização de áreas despovoadas do território brasileiro, iniciou-se em princípios do século XIX. Até então o povoamento brasileiro se realizara com a vinda espontânea de colonos brancos, em sua maioria portugueses. No entanto, a presença de estrangeiros no Brasil não significou a existência de correntes propriamente imigratórias, ou seja, originadas por uma política oficial de incentivo à imigração. Os poucos casos de imigração ligada a uma política intencional de governo, que ocorreram antes do século XIX, tiveram como objetivo povoar e ocupar regiões

³² CARDOSO, Ciro Flamarion S. e BRIGNOLI, Héctor Pérez. *História econômica da América Latina*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. p. 138.

³³ *Idem*.

³⁴ As províncias ribeirinhas aos rios Uruguay e Paraná, formadores da bacia do Prata, como Entre Ríos, Corrientes, Misiones e Santa Fé, podem ainda ser designadas como "pampa húmeda" ou "planície de aluvião". Em Entre Ríos e Santa Fé teremos a atuação da ICA com a formação de colônias agrícolas (colônias Moisés Ville e Montefiore em Santa Fé, e colônias Clara, San Antonio, Lucienville, López y Berro, Santa Isabel, Curbelo-Moss, Palmar-Yatay, Louis Oungre, Avigdor e Leonard Cohen, em Entre Ríos).

de valor estratégico, como as zonas fronteiriças de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, cuja posse Portugal pretendia assegurar.

A imigração ao Brasil, como parte de uma política intencional do governo para atrair estrangeiros no século XIX, deve ser relacionada ao processo de transição das relações escravistas para as relações assalariadas, ou seja, o imigrante estrangeiro destinou-se a fornecer mão-de-obra em substituição ao trabalho escravo nas lavouras de café.

A imigração européia para o Brasil estava relacionada, portanto, à estrutura de produção vigente no país no início do século XIX. Voltada para o mercado externo, esta produção mantinha-se através da monocultura, principalmente no que se refere à lavoura do café. A lavoura cafeeira, a partir de 1850, com a abolição do tráfico de escravos no Brasil, teve que enfrentar o problema da mão-de-obra, que se intensificou com a abolição em 1888.

Em âmbito nacional, portanto, o início da imigração européia para o Brasil está intimamente ligado ao problema da escravidão. A imigração representava a chegada da mão-de-obra necessária ao desenvolvimento econômico, ameaçado com a diminuição do número de escravos e, posteriormente, com sua inexistência, a partir da abolição da escravidão. De um modo geral, a imigração subordinava-se, assim, aos interesses da grande lavoura. No entanto, se a imigração em São Paulo surgiu como uma solução alternativa para o problema da mão-de-obra nas áreas de produção de café para exportação, em outros estados ela atendeu a objetivos diferentes destes. A imigração européia que se realizou no sul do país constituiu um caso à parte no contexto do processo imigratório brasileiro. Sendo assim, faz-se necessária uma distinção entre os imigrantes que se dirigiram à São Paulo, para as lavouras de café, daqueles que vieram para o Rio Grande do Sul.

Os imigrantes que se dirigiram para o Rio Grande do Sul eram atraídos por uma política governamental que pretendia, fixando-os à terra, formar colônias que produzissem gêneros necessários ao consumo interno. Em sua maioria, estes imigrantes localizavam-se próximos aos centros urbanos, suficientemente distantes das áreas da grande propriedade, a fim de que não chegassem a representar uma ameaça à hegemonia política e econômica dos latifundiários gaúchos. Em São Paulo, por sua vez, os imigrantes vinham contratados para o trabalho nas lavouras de café. Na condição de assalariado rural, o imigrante dispunha apenas de sua força de trabalho e, em alguns casos, de uma pequena parcela de terra para sua subsistência. Os fazendeiros do café, em busca de mão-de-obra, preferiam a imigração à colonização, isto é, davam preferência à importação de trabalhadores livres para as suas fazendas ao invés de incentivar a formação de núcleos coloniais. Resumidamente, a diferença essencial entre São Paulo e o Rio Grande do Sul consiste no fato de que, enquanto nas

fazendas de café o que interessava era a imigração, no sentido de atrair mão-de-obra livre para o trabalho na lavoura de exportação, no sul do país a colonização é enfatizada, ou seja, a formação de núcleos populacionais estrangeiros, ligados à pequena propriedade, era vista como forma de incentivar o crescimento de um mercado interno e ocupar áreas vazias do território.

No que diz respeito à colonização em áreas vazias, fator que interessa analisar neste momento, é preciso salientar três variáveis fundamentais: as condições de acesso à propriedade da terra; as características do povoamento, e a penetração do capital estrangeiro, com a construção de estradas-de-ferro, organização do comércio, etc. Cardoso e Brignoli distinguem ainda duas situações: uma na qual a imigração européia é substancial e origina a maior parte do povoamento (Argentina, Uruguai e Brasil), e outra, na qual a migração interna desempenha o papel decisivo (Colômbia e Costa Rica)³⁵.

No Rio Grande do Sul, assim como na Argentina, deve ser acrescentado o fato de que os imigrantes foram instalados em terras até então desocupadas, não aproveitadas pelo latifúndio pecuarista, implicando, com seu povoamento, a abertura de estradas que facilitariam as comunicações, e o alargamento das possibilidades de expansão do mercado interno através do estabelecimento de pequenas propriedades voltadas para a atividade agrícola.

Em relação à Argentina, a economia do Vice-Reinado do Rio da Prata tinha dois centros de gravidade: o Alto Peru, cuja mineração sofreu um decréscimo na maior parte do século XVIII, e Buenos Aires, porto e capital, com uma atividade mercantil cada vez mais importante. Entre estes dois pólos situava-se o interior da atual Argentina, dedicado à atividades agrícolas diversificadas (cereais, cana-de-açúcar, vinhedos, oliveiras), e uma pecuária orientada para a produção de mulas destinadas ao transporte. A pecuária da região platina se desenvolveu em função das exportações de couro e sebo e, desde os princípios do século XIX, com a difusão das charqueadas. No entanto, a pecuária da charqueada entrou em crise na década de 1830, em função de grandes secas e, posteriormente, em função da concorrência das charqueadas do sul do Brasil. Diante dessa situação, certos pecuaristas introduziram ovelhas de raça merino, abrindo caminho para as exportações de lã. Entre 1865 e a década de 1880 a lã representou quase 50% do total de exportações argentinas. A expansão desta atividade exigia um avanço crescente da fronteira em direção ao sul e ao oeste do pampa. A primeira, nos anos de 1820, culmina com a “campanha de Rosas ao deserto” em

³⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion S. e BRIGNOLI, Héctor Pérez. *op. cit.* p. 193.

1833. O segundo processo de expansão, vinculado à ovinocultura, culmina com a “campanha de Roca ao deserto” em 1879 e com o extermínio dos índios³⁶.

A expansão argentina se baseava sobre a lã, a carne e o trigo, apresentando o mesmo ritmo rápido que a cultura do café no Brasil. Com a expansão das culturas cerealíferas, iniciada em 1870, a Argentina entrou em um período de desenvolvimento acentuado de sua economia. Esta expansão, gerada pelo desenvolvimento das exportações de cereais, só se tornou possível graças ao fluxo de imigrantes, direcionado às áreas que se consolidavam como centro de expansão de culturas como o trigo e o milho³⁷.

Na década iniciada em 1880, a prosperidade argentina aumentou rapidamente, graças ao vertiginoso aumento da imigração e aos investimentos estrangeiros; os imigrantes eram provenientes sobretudo da Itália, enquanto os capitais eram predominantemente britânicos³⁸.

Segundo Joseph Love, os mesmos fatores que transformaram os pampas argentinos, como inovações tecnológicas, investimento externo e imigração, exerceram um impacto semelhante sobre o Rio Grande do Sul, fazendo com que, entre outras coisas, a produção do charque fosse transformada num grande negócio. Nas últimas décadas de governo imperial (1870/89) importantes mudanças ocorreram na estrutura econômica e social do Rio Grande do Sul. Em 1874, por exemplo, surgia a primeira ferrovia da província, ligando Porto Alegre à maior colônia alemã, São Leopoldo³⁹.

Na Argentina a estrada de ferro cumpriria a função de integrar as diferentes regiões do país, criando um verdadeiro mercado nacional, enquanto no Brasil não houve situação semelhante. As estradas de ferro paulistas, assim como as rio-grandenses, tiveram um papel limitado às suas regiões, e o Brasil não dispunha de uma rede ferroviária de alcance nacional.

A partir de 1870, políticos e intelectuais de ambos os países relacionavam as vantagens da imigração européia como um elemento de extrema importância para a transformação social. Assim, a entrada de imigrantes era algo que não podia ser desvinculado das idéias sobre o futuro das nações, tendo em vista que originaram controvérsias sobre como a chegada de um novo grupo étnico viria a afetar a identidade, ou a construção de identidades nacionais no período.

Ao mesmo tempo, as condições gerais, objetivas, nas quais se desenvolveu a imigração judaica tanto no Brasil como na Argentina, em muitos casos não se diferencia essencialmente das que motivaram a imigração de não-judeus. Neste sentido, é preciso

³⁶ *Idem.* p.195.

³⁷ DONGHI, Túlio Halperin. *História da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. p.181.

³⁸ *Idem.* p. 194.

³⁹ LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho*. São Paulo: Perspectiva, 1971. p.17.

estabelecer uma relação entre o deslocamento de populações em nível mundial, principalmente nos países europeus no século XIX, e a integração destas nas sociedades brasileira e argentina, seja na condição de trabalhadores assalariados ou como pequenos proprietários. A imigração é um processo que se insere na dinâmica do processo de introdução do capitalismo no campo, e que representou, para os países de emigração, um estágio de expansão do capital que envolvia a expropriação de camponeses e artesãos em função da expansão das relações capitalistas de produção. Neste capítulo, procuro explicitar as condições gerais ligadas às políticas imigratórias praticadas nestes países e as especificidades ligadas às necessidades da coletividade judaica, onde destaca-se a atuação da ICA.

1.1 Brasil e Argentina: as políticas imigratórias

O ano de 1880 é um ano chave no processo histórico argentino, tendo em vista que, consolidada a organização do Estado, com a designação de Buenos Aires como capital da República, o governo do general Roca (1880-1886) conferia ao processo imigratório características mais definidas.

O estímulo e fomento à imigração era um dos principais objetivos da República, que passou a atrair imigrantes aos quais oferecia facilidades de incorporação ao país sem, no entanto, garantir-lhes a posse de terras. Entre as causas que impulsionaram a imigração na Argentina podemos destacar a necessidade de integrar-se ao mercado europeu, além do fato de que o país precisava de mão-de-obra, como consequência do projeto de expansão do setor agropecuário. Enquanto isso, a Europa liberava mão-de-obra, como consequência da aplicação da tecnologia ao campo e da Segunda Revolução Industrial. Além disso, encontramos os traços característicos do pensamento do século XIX, marcado pela idéia evolucionista que via na imigração européia fator de progresso e desenvolvimento.

Os pensadores latino-americanos do século XIX, *“Preocupados com os problemas constitucionais dos novos países e com a orientação econômica dos governos, foram influenciados pelo cientificismo que dominava os pensadores sociais europeus e atribuíam aos fenômenos da natureza – geografia e clima – e aos fatores raciais todas as causas dos problemas dos países latino-americanos”*⁴⁰. Segundo Wasserman, a influência das teorias deterministas, cientificistas e positivistas européias conduzia o pensamento político latino-americano ao sonho de progresso ilimitado à exemplo dos países centrais do capitalismo. No

⁴⁰ WASSERMAN, Claudia. *A Questão Nacional na América Latina no começo do século XX: México, Argentina e Brasil*. Tese de Doutorado. RJ, UFRJ, 1998. p.37.

entanto, estas reflexões estavam acompanhadas de diagnósticos dos obstáculos à consolidação das nações latino-americanas e pelas tentativas de solucionar os problemas que se apresentavam a esta consolidação. Entre as temáticas desenvolvidas por estes pensadores encontrava-se a necessidade de branqueamento da população, marcada pelas idéias de superioridade da raça branca, acompanhada de propostas envolvendo a imigração massiva de europeus como fator de progresso e desenvolvimento.

Em relação às idéias em favor da imigração, merecem destaque as discussões e reflexões sobre a realidade argentina realizadas pela chamada *Geração de 1837*. A geração de 37 foi formada por um grupo de jovens, entre vinte e trinta anos, que em 1837 organizaram uma sociedade literária de onde partiria uma reflexão crítica sobre o país. Ao tentar identificar os principais problemas e traçar um programa que fizesse da Argentina uma nação moderna, a imigração aparecia como parte das medidas a serem tomadas pelo governo visando o progresso do país. Embora tenham como referência as idéias de seus contemporâneos europeus, tinham como base de análise as observações da realidade argentina em que viviam.

Durante o governo de Juan Manuel de Rosas estas idéias tomaram novo impulso, tendo em vista que um setor considerável de ilustrados liberais, exilados em outros países, conspiravam não somente para provocar a queda de Rosas mas também para estabelecer as bases da República liberal que surgiria a partir de então. Segundo Nicolás Shumway⁴¹, Domingo Faustino Sarmiento, nas páginas finais de *Facundo*, pode ser considerado um expoente no que se refere à defesa da imigração européia como elemento principal para alcançar a ordem e moralização da República Argentina. Em suas reflexões, propunha uma política oficial para atrair estes imigrantes, sendo os governos sul americanos responsáveis por subsidiar viagens, instalação, compra de ferramentas, sementes e aquisição de terras para os recém-chegados. Veremos adiante que todas estas medidas foram tomadas pela Jewish Colonization Association em seu projeto de colonização com imigrantes judeus na Argentina a partir de 1890.

Para Sarmiento, os habitantes do campo eram completamente distintos dos habitantes da cidade, já que a população urbana podia gozar os frutos da cultura material e espiritual da Europa, representando – segundo Sarmiento – a *civilização*, enquanto os habitantes do campo eram identificados com a *barbárie*. Para a transformação deste estado de coisas não bastava derrotar Rosas, e a imigração era apontada com um dos fatores que se apresentavam para alcançar o progresso argentino.

⁴¹ SHUMWAY, Nicolás. *La invención de la Argentina*. Buenos Aires: Emecé, 1995. pp.131-187 – La Generación de 1837.

No mesmo sentido encontravam-se as idéias de Juan Bautista Alberdi, intelectual da geração de 37:

“Cada europeo que viene a nuestras playas nos trae más civilización en sus hábitos que luego comunica a nuestros habitantes, que muchos libros de filosofía. Se comprende mal la perfección que no se ve, toca ni palpa. Un hombre laborioso es catecismo más edificante. ¿Queremos plantar y aclimatar en América la libertad inglesa, la cultura francesa, la laboriosidad del hombre de Europa y de Estados Unidos? Traigamos pedazos vivos de ellas en las costumbres y radiquémoslas aquí”⁴²

Com a derrota de Rosas, Alberdi, que encontrava-se exilado em Santiago do Chile, reuniu suas idéias e propostas em um pequeno volume denominado *Bases y puntos de partida para la organización política de la República*. Concluído em maio de 1852 (apenas dois meses depois da derrota de Rosas na batalha de Caseros por Justo José de Urquiza), sua obra teve grande influência sobre os constituintes argentinos que buscavam estabelecer as bases de organização do país. Alberdi propunha fazer da Argentina um país de imigração.

O ponto de partida para seu plano era o postulado de que a população argentina naquele momento era inferior por natureza à população européia, e que a dupla assimilação era a solução para os problemas argentinos, ou seja, à medida em que os imigrantes se tornassem argentinos, a Argentina se europeizaria. A colônia, enquanto espaço vivido cotidianamente, deveria trazer elementos de progresso para o espaço de instalação da mesma, ou seja, representaria um papel fundamental na organização da Argentina no período de consolidação de um Estado Nacional.

Os primeiros anos de abertura do país apresentaram uma imigração predominantemente de origem latina: espanhóis e italianos chegavam à Argentina em grande número. O quadro de imigração espontânea⁴³ que se caracterizou a partir de então veio a sofrer profundas transformações no decorrer da história argentina, pois o agrupamento de pequenas coletividades insinuava a formação de grupos isolados, alheios aos interesses do país e orientados exclusivamente para a solução de problemas individuais. A construção de estradas de ferro criou uma importante fonte de trabalho para os imigrantes e desencadeou uma mudança radical na economia do país.

⁴² ALBERDI, Juan Bautista. *apud* SHUMWAY, Nicolás. *op. cit.* p. 166.

⁴³ O termo *imigração espontânea* será utilizado para designar o tipo de movimento imigratório onde indivíduos, de forma isolada, ou até mesmo grupos, deslocam-se de uma região a outra por conta própria, voluntariamente, sem depender exclusivamente de qualquer incentivo governamental ou de instituições particulares. *Imigração artificial* ou *importada* designará todo movimento imigratório realizado sob orientação (atração, incentivos, recursos, etc.) de governos federais ou regionais, ou realizadas por companhias privadas destinadas à realização destas atividades.

Em 1862 foi eleito o primeiro presidente da república unificada, o general Bartolomé Mitre, expoente das forças que exigiam a imigração espontânea, sem que o governo tivesse que se comprometer com convênios especiais. Para incentivá-la, quis criar facilidades que atraíssem os imigrantes, como a isenção de impostos aduaneiros e oferecimento de terras a imigrantes a preços especialmente baixos⁴⁴. Em função desta predisposição, o período esteve fortemente marcado pela imigração espontânea, na qual evidenciava-se a presença de grupos de judeus. No mesmo ano foi fundada a Congregação Israelita da República Argentina, que até 1890 foi a única instituição judaica em Buenos Aires⁴⁵, atestando a presença de comunidades judaicas organizadas no país.

O segundo presidente da República, Domingo Faustino Sarmiento, era partidário de uma imigração artificial, estabelecendo a atuação direta do governo para promover a entrada de imigrantes no país. No entanto, a Guerra do Paraguai, nos anos de 1865-70, desenvolvida em seu governo, assim como a força de seus opositores no Congresso, anularam todos os esforços que em sua época se fizeram para promulgar uma lei de imigração. Somente com o terceiro presidente – Nicolás Avellaneda – se sancionou a legislação pertinente à imigração.

Com a presidência de Nicolás Avellaneda (1874-1880) surgia a Lei 817 de Imigração e Colonização, promulgada em 1876, como o mais claro sinal da vontade das autoridades de atrair uma corrente massiva de imigrantes ao país. Esta lei permaneceu em vigência por mais de setenta anos, configurando a imagem da Argentina enquanto nação em relação à entrada e fixação de estrangeiros em seu território. A política de imigração estava diretamente ligada à crença de que "*el inmigrante ha de ser um poblador útil, que con su trabajo aumente la producción del país y contribuya al fomento de la riqueza pública, y al mismo tiempo sus costumbres y su educación contribuyan a consolidar los elementos de civilización de orden y de paz*"⁴⁶. No mesmo período foi criado o Departamento de Imigração, que deveria abrir uma rede de agências de imigração nos países da Europa, que se ocupariam da publicidade e organização dos imigrantes. A nível local, este Departamento organizaria comissões que se ocupariam de encaminhar os recém-chegados aos locais de instalação, principalmente de acordo com o objetivo de “povoar o deserto” e ocupar todo o território da República.

Os quatro anos que se seguiram à Lei de Imigração e Colonização foram decisivos para a República Argentina. Segundo Haim Avni, a "conquista do deserto", que teve lugar nos

⁴⁴ AVNI, Haim. *Argentina y la historia de la inmigración judía (1810-1950)*. Israel: Editorial Universitaria Magnes, Universidad Hebrea de Jerusalén; Buenos Aires: AMIA, 1983. p.71.

⁴⁵ SAIDMAN, Sheila Nadia. *Colectividad judía de Posadas*. Monografía. Universidade Nacional de Misiones. Posadas, Misiones, República Argentina, outubro de 1999. p.8.

⁴⁶ AVNI, Haim. *Argentina y la historia de la inmigración judía (1810-1950)*. Israel: Editorial Universitaria Magnes, Universidad Hebrea de Jerusalén; Buenos Aires: AMIA, 1983, p.72.

anos de 1878 e 1879, ampliou o território sob domínio real da República em aproximadamente 15.000 léguas quadradas⁴⁷. Neste contexto que privilegiava a ocupação efetiva das áreas vazias do território argentino, Julio Argentino Roca, que sucede Avellaneda e governa entre 1880 e 1886, ditava um decreto convidando especificamente os judeus russos a estabelecerem-se no país. As notícias sobre a situação destes grupos na Rússia se difundiram rapidamente por toda a Europa, chegando aos ouvidos do representante do Departamento de Imigração da Argentina em Paris, Carlos Calvo. Este decidiu comunicar-se com outras agências em São Petersburgo, a fim de conseguir que parte dos imigrantes judeus, perseguidos na Europa, fossem conduzidos à Argentina. Esta iniciativa foi acolhida favoravelmente pelo governo argentino. Em 6 de agosto de 1881, foi emitido um decreto, assinado pelo presidente Julio Argentino Roca e pelo Ministro do Interior, Antonio del Viso, nomeando o cidadão argentino Jose Maria Bustos agente honorário na Europa. Assim, Bustos teria a tarefa de dirigir à Argentina a emigração israelita iniciada no Império Russo em decorrência das perseguições⁴⁸.

O ano de 1889 representou um giro decisivo da imigração judaica à Argentina, movimento relacionado diretamente com as transformações introduzidas pelo governo argentino em sua política de imigração e colonização. Em novembro de 1886, pouco tempo depois que Miguel Juárez Celman sucedera Julio A. Roca na presidência, a Câmara de Deputados aprovou a introdução de mudanças consideráveis na organização das representações argentinas para a imigração na Europa. Foram criadas, em 1887, oficinas de propaganda para a imigração, responsáveis pela distribuição de prospectos e informações em diversos idiomas. A partir de 1887, estas oficinas ofereciam uma exposição ambulante de frutos da produção agrícola do país. No mesmo ano, foi aprovada uma resolução que autorizava ao governo o financiamento de passagens aos imigrantes, política que, durante a presidência de Roca, não havia sido colocada em prática. A princípio, o dinheiro das passagens foi utilizado para facilitar a viagem dos familiares de imigrantes que já se encontravam no país; mais ou menos um ano mais tarde a facilidade foi estendida a todos os imigrantes potenciais, sendo que o imigrante se comprometia a reembolsar o dinheiro da passagem. Esta medida significou um impulso considerável à imigração artificial à Argentina⁴⁹.

⁴⁷ AVNI, Haim. *op. cit.* p.85.

⁴⁸ *Idem.* p.88.

⁴⁹ *Idem.* p. 104.

A imigração e, principalmente, o contato com a cultura européia, eram vistos como fator de progresso para a Argentina. No entanto, a imigração apontava para a formação de coletividades pertencentes ao mesmo grupo, gerando pequenas concentrações de indivíduos e grupos provenientes do mesmo país. Muitas vezes, estas concentrações populacionais davam origem a colônias, formadas espontaneamente ou por iniciativa estadual e de particulares. A formação de colônias, por sua vez, envolvia a constituição de dois espaços diferenciados: de um lado, o espaço concreto, vivido cotidianamente, ou seja, a colônia e sua estrutura organizacional e, de outro lado, a sociedade de instalação da colônia, um espaço diferenciado onde era preciso integrar-se/adaptar-se. A existência destes dois “espaços” pode ser vista como foco de tensão que provocava a transformação e a possível construção de novos sentimentos de pertencimento num período de construção da nação e da própria identidade nacional. Neste sentido, as margens de contato entre estes espaços poderiam provocar mesclas, confrontações, conflitos, influenciando o processo de assimilação destas comunidades e de construção de uma nova identidade.

No Brasil, a imigração judaica deve ser vista como desdobramento da atividade de colonização desenvolvida pela ICA na Argentina, e como consequência do surgimento de uma política oficial de incentivo à imigração no país, principalmente no que se refere ao governo do Rio Grande do Sul. Com a morte do Barão Hirsch, em 1896, seu testamento legava à ICA os recursos necessários à expansão de suas atividades de colonização. No início de 1901, a ICA começou a estudar as possibilidades de uma expansão para o Brasil, e o estado do Rio Grande do Sul foi considerado adequado para a instalação dos judeus russos. Além da proximidade com as colônias argentinas, havia o desejo do governo estadual de receber novos colonos⁵⁰.

Segundo Nachman Falbel, para o imigrante europeu, o Brasil era menos conhecido do que a Argentina e não despertava tanto interesse e tanta atração quanto aquele país. Além disso, o governo brasileiro, ao contrário do argentino, não se dispôs a uma atividade propagandística para atrair o elemento judeu da Europa à colonização agrícola⁵¹. No entanto, estes fatores não impediram que a ICA voltasse seus olhos para o Brasil e se envolvesse nas tarefas de colonização no país.

A imigração no Brasil sempre esteve relacionada aos projetos agrários, tanto federais, quanto estaduais, principalmente no século XIX. Em sua maioria, estes projetos envolveram

⁵⁰ LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a Questão Judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p.40.

⁵¹ FALBEL, Nachman. *Estudos sobre a comunidade judaica no Brasil*. São Paulo: Federação Israelita do Estado de São Paulo, 1984. p.41

elementos como a colonização de áreas despovoadas através da criação de núcleos coloniais, tanto oficiais (criados pelo Estado), quanto privados (companhias de colonização).

Segundo Luiza Helena S. Kliemann, até o século XVIII a política de colonização e povoamento do Rio Grande do Sul caracterizava-se por manter a ordem militar que privilegiava a defesa do território contra invasões estrangeiras e tentava assegurar para Portugal o domínio da Bacia do Prata. Esta disposição resultou numa organização sócio-econômica baseada nas estâncias pecuaristas, nas fortalezas e nas datas de base agrícola distribuídas aos açorianos⁵².

No século XIX, com a Lei de 1822, extinguiu-se a doação de sesmarias no Brasil e intensificava-se a posse desordenada e a concentração de terras nas mãos de particulares. Neste período, a reorganização geral da economia brasileira, ligada à questão da introdução do capitalismo no campo, atrelava os interesses de povoamento e defesa do território à uma política imigratória que atenderia aos objetivos do governo brasileiro. A imigração seria capaz de criar mão-de-obra livre nas áreas de produção para a exportação e um mercado interno consumidor, além de povoar estrategicamente as regiões despovoadas do território.

A política de colonização surgiu atrelada à política global de imigração no Brasil. A formação de núcleos de produção agrícola representava a formação de pequenas propriedades que contribuiriam para a diversificação da estrutura produtiva brasileira e para o abastecimento do mercado interno, inserida no processo mais amplo de internalização do capitalismo no país.

A Lei de Terras de 1850, ao tentar enquadrar os diversos problemas de ocupação e povoamento do solo brasileiro, substituía a concessão de terras pela venda e protegia o latifúndio, permitindo ao Estado regular a posse da terra e construir regiões de interesse ao avanço do capitalismo. Algumas dessas regiões, como o Rio Grande do Sul, acabaram por criar núcleos de colonização estrangeira a fim de gerar uma economia subsidiária ao centro do país, ligado à agroexportação⁵³. Sendo assim, esta legislação procurava criar condições para o desenvolvimento do capitalismo no campo, favorecendo o centro do país sem respeitar as necessidades e especificidades regionais.

De acordo com Luiza H. S. Kliemann:

"Teoricamente, a Lei de Terras de 1850 resolveria inúmeros problemas: acesso à terra, reorganização da produção e da sociedade e satisfação dos anseios das elites produtoras e dos

⁵² KLIEMANN, Luiza H. Schmitz. *RS: Terra & Poder. História da questão agrária*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p.17.

⁵³ *Idem.* p.150.

*intelectuais anti-escravagistas, partidários da necessidade de uma purificação do sangue e da cultura brasileira através da colonização estrangeira. Na prática, ela foi geradora de novos conflitos, pois a centralização forçada não conseguiu atenuar o descompasso entre o projeto do governo central e dos governos provinciais, ou seja, entre a legislação e as realidades agrárias regionais*⁵⁴.

No final do século XIX, os problemas oriundos do desenvolvimento da agropecuária, da introdução do trabalho livre, da valorização monetária da terra e da organização administrativa do Estado, referentes ao setor fundiário, tornavam clara a necessidade de adequar a região aos novos interesses da classe dominante do país. Principalmente no Rio Grande do Sul, onde a questão agrária e a existência de grandes extensões de áreas desocupadas constituíam um quadro diferenciado em relação ao restante do país, um significativo número de imigrantes passou a buscar a posse de pequenas propriedades. Luso-brasileiros e alemães ocuparam as melhores áreas. As terras próprias para a pecuária estavam ocupadas. Quanto ao restante dos imigrantes, na maioria italianos que, a partir de 1870, começaram a entrar na província, restaram as regiões da beira do planalto, montanhosa e coberta de matos, do Alto Uruguai e da faixa reservada de dez léguas da fronteira.

Esta situação, e os problemas que surgiam em torno da questão da distribuição e ocupação de terras no Rio Grande do Sul, criavam a necessidade de aplicação de um projeto político diferente, desenvolvido por um novo grupo. A partir de 1882, o Partido Republicano Riograndense (PRR) começou a desempenhar esse papel. Na base do PRR estavam muitos latifundiários e alguns pecuaristas, partidários da diversificação econômica. A eles se uniram os setores emergentes do comércio e indústria e os profissionais liberais. Segundo Pesavento, “*Resolver problemas cruciais mediante um programa progressista, englobar em seus quadros novos setores, formar uma aliança com o exército e recolher da ideologia positivista uma pauta de conduta e moral para a realidade regional foi a estratégia adotada pelo PRR, sob liderança de Castilhos*”⁵⁵. No Rio Grande do Sul, o positivismo praticado pelo PRR atuou de forma significativa como estratégia da classe dominante para a implantação do capitalismo no campo, e como fator progressista no que se refere às idéias de industrialização e desenvolvimento⁵⁶.

Por ser essencialmente agrário, como a maior parte do país, no Rio Grande do Sul os problemas fundiários e de imigração começaram a ser encarados como prioritários. As teses

⁵⁴ *Idem.* p.20.

⁵⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imigrante na política rio-grandense*. in: DACANAL, José Hildebrando (org.). *RS: Imigração & Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. p.169.

⁵⁶ Sobre o positivismo ver: LINS, Ivan. *História do positivismo no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1967; RODRIGUES, Ricardo Vélez. *Castilhismo: uma filosofia da república*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981; CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; QUEIRÓS, César Augusto Bubolz. *O governo do Partido Republicano Rio-Grandense e a questão social (1895-1919)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

econômicas do PRR, postas em prática, propunham o controle total da economia pelo Estado e a sua diversificação. Entre os principais objetivos do programa do PRR estavam o desejo de desenvolvimento da agricultura, a criação de indústrias rurais e o desenvolvimento dos meios de transporte, tendo em vista que organizar o plano geral de viação era uma garantia da defesa do território, do desenvolvimento industrial do país e de facilidades em suas relações exteriores.

Tendo em vista que a iniciativa oficial de colonização implicava grandes gastos com a vinda e instalação de imigrantes nas colônias, esta tornou-se uma atividade bastante onerosa ao governo, demonstrando a necessidade que havia de se apelar para os recursos de particulares dedicados ao projeto imigratório. Além disso, a proposta oficial do governo acabou se restringindo à imigração espontânea, salientando-se a importância da atuação das companhias particulares que se encarregavam da colonização.

A tarefa de impulsionar o desenvolvimento do capitalismo no campo estava atrelada à imigração estrangeira e à exploração de recursos naturais no Estado. O PRR abria as portas do Rio Grande do Sul à penetração de capitais, tecnologia e mão-de-obra estrangeira, fazendo com que as novas regiões fossem, na sua quase totalidade, colonizadas por essas empresas particulares. Destes empreendimentos surgiram núcleos coloniais estruturados com finalidades lucrativas, sem a preocupação de que tais colônias fossem dotadas de condições concretas de desenvolvimento.

Estas empresas responsabilizavam-se pela divisão, demarcação, medição e venda das terras, construção de estradas, exploração agrícola, instalação de colonos e ainda pela propaganda a ser realizada em outros países com o objetivo de atrair imigrantes. Ao analisar este tipo de atividade de colonização e povoamento, Kliemann aponta para o fato de que, nesse tipo de contrato, o colono só interessava enquanto força produtiva, constatando, no que se refere à atuação destas companhias, as seguintes características:

- "a) a existência de contratos onde resguardar o colono não era preocupação prioritária;*
- b) o afastamento paulatino das disposições contratuais em função de interesses lucrativos;*
- c) a desatenção total do Estado para com os problemas dos colonos, localizados pelas companhias;*
- d) o interesse do Estado em facilitar a atuação dessas companhias e empreendimentos que pudessem manter o programa econômico estabelecido"⁵⁷.*

Mais do que uma fase de afirmação de uma mentalidade positivista e liberal que via na chegada de imigrantes europeus fator de progresso e desenvolvimento, o Estado do Rio Grande do Sul abria suas portas ao capital estrangeiro, atendendo aos objetivos do governo através da colonização de áreas despovoadas do território e de investimentos necessários ao

⁵⁷ KLIEMANN, *op. cit.* p.108.

crescimento estadual. Assim como na Argentina, o desenvolvimento interno passava pela entrada de capital estrangeiro e mão-de-obra importada.

No Rio Grande do Sul, os grandes proprietários de terra não desenvolviam culturas de latifúndio, mas sim dedicavam-se à atividades de criação de gado. Esta atividade era voltada para o mercado interno, ao contrário do que ocorria na lavoura cafeeira, cujo produto era destinado ao comércio exterior. Sendo assim, os latifundiários gaúchos não encaravam a imigração como forma de resolver o problema da escassez de braços. Neste sentido, formavam-se duas correntes diferentes: uma que defendia a formação de pequenas propriedades, como no Rio Grande do Sul, e outra que reclamava importação de braços para a lavoura, principalmente na região de São Paulo. Assim, a formação de núcleos coloniais no sul do país, principalmente aqueles organizados por particulares, atendia plenamente aos interesses do PRR na medida em que seria capaz de promover a diversificação da estrutura produtiva do estado, a ocupação de áreas vazias com a abertura de estradas, ao mesmo tempo em que representava a entrada de capitais estrangeiros destinados ao desenvolvimento regional.

Os investimentos estrangeiros acabaram ganhando destaque no estado, principalmente no que se refere às atividades ligadas à colonização. Além de filantropos, vários diretores da ICA eram também grandes investidores na economia brasileira, representando a afluência do capital britânico na economia regional. Assim, a ICA unia, no mesmo processo, o auxílio à comunidades judaicas perseguidas na Europa através da organização de colônias agrícolas, e a continuidade de suas atividades econômicas no país.

Franz Philipson, vice-presidente da ICA, era também presidente da *Compagnie Auxiliaire de Chemins du Fer au Brésil*, arrendatária da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Este influenciou a escolha das colônias no Estado, estrategicamente localizadas nas proximidades da linha férrea administrada pela *Auxiliaire*. A partir de 1905, esta companhia foi arrendatária de toda rede ferroviária gaúcha.

Empregar capital no Brasil era objetivo da *Auxiliaire*, que já atuava na Argentina, além do interesse em explorar riquezas naturais na América Latina. Sendo a região de Philipson (primeira colônia da ICA no Estado) e de Quatro Irmãos extremamente ricas em madeira, a exploração destes recursos reduziria custos da construção de casas e móveis, podendo também constituir produto a ser exportado para a Argentina. Sendo o povoamento dessas áreas e a construção de estradas objetivos inseparáveis no projeto de desenvolvimento

do governo estadual, uniram-se interesses do capital estrangeiro e da classe dominante gaúcha⁵⁸.

Os acionistas da ICA, de acordo com a proposta da instituição, embora fossem donos da sociedade, nunca poderiam receber dividendos, bonificações ou lucro de qualquer espécie tendo em vista os fins puramente filantrópicos a que se destinavam o projeto de colonização. No entanto, aos olhos da direção da instituição, o Brasil figurava como uma “*mina de ouro*”, e a possibilidade de exploração da madeira nas proximidades da linha férrea administrada pela *Auxiliaire* representava o momento de “*concretizar o desenvolvimento de nossa (ICA) colonização*” e posterior expansão com a criação de outras colônias⁵⁹.

Embora declarasse em sua correspondência que “*...o lucro que esta (ICA) obtém de seus negócios é um lucro moral. A Jewish Colonization Association vem em auxílio à um grande número de instituições na Europa, que se encarregam de guiar e proteger os imigrantes no curso de sua viagem*”⁶⁰, a ICA revelava uma outra dimensão de sua atuação na América Latina: não era pura filantropia, funcionava como uma caixa de empréstimos, fornecendo casa, terras, ferramentas, cujos valores deveriam ser reembolsados pelos colonos em um prazo pré-determinado pela instituição. Por um lado, este projeto estimulava os colonos à mais completa liberdade, fazendo com que cada um fosse responsável por conseguir através de seu trabalho a posse da terra. Por outro lado, os interesses econômicos da instituição, assim como sua preocupação com as atividades de exploração da madeira, condenavam os colonos ao mais completo abandono, sem que houvesse uma efetiva orientação com relação às atividades agrícolas que deveriam, obrigatoriamente, ser desenvolvidas na colônia. Este abandono, por sua vez, significava uma redução significativa das possibilidades de êxito do colono no que dizia respeito à atividade agrícola. Impossibilitado de explorar a madeira de seu lote, restava ao colono a agricultura como forma de subsistência, levando-o, na maioria das vezes, ao fracasso e ao êxodo⁶¹.

⁵⁸ *Idem*. p. 110.

⁵⁹ Correspondência n° 268, de 6 de fevereiro de 1911, assinada por A. Leibovich e endereçada à direção da ICA em Paris, in *Pesquisas Regionais*: Ano 7, n° 15. Erechim/RS, julho de 1985. p. 5. AHRS.

⁶⁰ Correspondência de Paris para Erebangó, 12 abr 1921, n° 571 – AHJB-SP – cx 9 M3

⁶¹ Os artigos 6 e 7 do contrato de promessa de venda assinado entre a ICA e o colono estabelecia a impossibilidade deste último em explorar a madeira de seus lotes. Segundo o artigo 6, “*é adotado, e fica bem entendido que o número de hectares que o colono será autorizado, de acordo com seu contrato, a desmatar em seu lote não representará mais de 10% da superfície total de floresta que se encontrar sobre o terreno*”. Já o artigo 7 prevê o estabelecimento de multa a ser paga pelo colono em caso de desmatamento de uma superfície maior do que a estabelecida pelo contrato. Assim, a ICA garantia o direito de explorar a madeira existente na colônia e impedia o colono de envolver-se nas atividades de exploração, vinculando-o à agricultura como única possibilidade de trabalho em seu lote (Contrato anexo à correspondência de Paris para a Administração das colônias da ICA em Erebangó, 27 de novembro de 1919, n° 539 – AHJB-SP – cx9 M2).

O projeto da ICA e suas propostas foram facilmente aceitas pelo governo na medida em que o Estado se propunha a incentivar o tipo de imigração que garantiria o progresso material sem desequilibrar o orçamento estadual, ao mesmo tempo em que os planos dessa companhia fossem capazes de dotar o estado de um projeto de viação que garantisse tanto a defesa do território quanto facilitasse as relações interiores. Sendo assim, o governo estadual isentou a ICA de pagar por 5 anos o imposto territorial sobre as terras adquiridas.

Entre 1904 e 1924, a ICA formou duas colônias agrícolas judaicas no Rio Grande do Sul. Os colonos judeus da Europa Oriental que se estabeleceram no Brasil nunca totalizaram mais do que alguns milhares de pessoas, mas comprometiam-se com a vida no país. Os judeus nunca compartilharam do sonho de "fazer a América"⁶², já que a imigração para o Brasil não incluía a possibilidade de um retorno ao país de origem. No entanto, este vínculo que se estabelecia entre o imigrante judeu e o país de instalação não era relevante para a ICA, que comparava apenas as possibilidades de sucesso entre as diferentes colônias e dava ênfase aos resultados obtidos por outros tipos de colonização. Nestas comparações realizadas pela instituição, o sucesso da atividade colonizadora estava relacionado aos resultados obtidos na agricultura, ligados às colheitas, lucros, etc⁶³.

Assim como na Argentina, a formação de colônias no Brasil envolvia a constituição de dois espaços, ou seja, a colônia e a sociedade receptora. Os pontos de contato entre estes dois espaços é o ponto de partida para a transformação e a possível construção de novos sentimentos de pertencimento num período de construção da nação e da própria identidade nacional. Neste sentido, são as margens de contato entre estes espaços que poderiam influenciar o processo de assimilação destas comunidades e, portanto, a construção de uma nova identidade.

Em 1902, a ICA adquiria uma área de 4.472 hectares, posteriormente ampliada para 5.500 hectares, em Pinhal, no município de Santa Maria, instalando Philipson, a primeira colônia da instituição no Rio Grande do Sul. Em 1904 tinha início a colonização na região, com a instalação de 37 famílias (267 pessoas) vindas da Bessarábia. A colônia atravessou uma série de dificuldades e em 1909, ano da aquisição de Quatro Irmãos, Philipson encontrava-se praticamente despovoada.

⁶² A expressão "*fazer a América*" tornou-se bastante conhecida em relação à imigração européia na América, onde os colonos tinham o objetivo de acumular riquezas através de seu trabalho para retornar em melhores condições a seus países de origem. A imigração é vista como momento transitório, de passagem, sem que o país de instalação, nestes casos, seja visto como um novo lar.

⁶³ Correspondência de Paris para Erebangó, 14 de abril de 1921, nº 572 – AHJB-SP – cx9 M3. O 2º Rapport sur Quatro Irmãos, de 1924, dedica-se amplamente à análise de outras colônias no Estado, como as colônias de Sarandy e Erechim (AHJB-SP – cx33). A comparação estabelecida pela ICA entre suas colônias e as colônias existentes na vizinhança será melhor discutida ao longo deste trabalho.

1.2 A Jewish Colonization Association e os inícios da imigração judaica organizada

A imigração judaica para o Brasil e Argentina no final do século XIX teve origem na iniciativa da Jewish Colonization Association, ou ICA (em ídiche, Yidishe Kolonizatsye Gezelshaft), instituição de caráter filantrópico fundada pelo Barão Maurice de Hirsch em 1891, visando promover a imigração de judeus perseguidos através do estabelecimento de colônias agrícolas nas Américas. A partir de 1900, cresceu significativamente o número de judeus que deixaram a Europa, principalmente entre as comunidades pobres da Europa Oriental e dos Bálcãs, regiões onde a atuação da ICA se fez de forma mais efetiva.

A ICA foi registrada em 1891 como uma Companhia Limitada, com um capital inicial de dois milhões de libras, divididos em vinte mil ações de cem libras cada. Da soma inicial de dois milhões de libras o Barão legou à ICA posteriormente outros 6.000. Isto equivalia a cerca de 40 milhões de dólares, que na época tinham um poder aquisitivo incomparavelmente maior e provavelmente superavam os recursos de qualquer organização filantrópica do período⁶⁴. Assim, o Barão Maurice de Hirsch de Géreuth, filantropo judeu nascido na Bavária, com a cooperação de alguns judeus proeminentes de Paris e Londres, dava início a seu projeto de colonização agrícola judaica no Novo Mundo.

Os judeus russos constituíram o grupo que mais chamou a atenção do Barão em função das condições a que estavam sujeitos na Rússia czarista. A Rússia sempre foi uma nação em movimento, multiplicando terras, riquezas, deslocando tropas e população. A expansão imperial do Estado czarista anexava povos, Estados, religiões, costumes e tradições. Os pogroms que se produziram em 1881 depois do assassinato do czar Alexandre II, principalmente após 13 de março com a ascensão de Alexandre III ao trono, dificultaram progressivamente a situação dos judeus russos.

Desde o século XVI, pelo menos, dois programas passaram a se contrapor nos centros de decisão do Estado czarista: a política de russificação, de caráter assimilacionista onde era preciso homogeneizar tudo segundo um padrão único, ditado pelo centro, e a política de coexistência de culturas e tradições diferentes, respeitando identidades adquiridas. O Estado czarista, em geral, optou pelo segundo programa, mas houveram oscilações nesta orientação.

⁶⁴ GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração Judaica no Rio Grande do Sul. A Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997. p. 24. e BARON, Salo W. *História e Historiografia do Povo Judeu*. São Paulo: Brasiliense, 1974. p. 320.

Eventuais surtos de russificação se impuseram, acompanhados por legislações restritivas e repressão bruta. Em fins do século XIX, o Estado czarista viveu a tentação de uma política centralista, de russificação, acompanhada de uma onda de violência.

Em momentos de explosão social, muitos movimentos conduziram aos pogroms que os reacionários do império czarista estimulavam, sobretudo após o assassinato do czar Alexandre II por revolucionários sociais. Alexandre II era adepto a uma política de respeito às minorias étnicas. Com sua morte, e sob comando do czar Alexandre III, iniciou-se um período onde massacres de judeus tornaram-se freqüentes. "*La aristocracia y las esferas del gobierno resolvieran desviar a las masas de la verdadera causa del asesinato, las pavorosas condiciones de explotación y opresión a las que estaban sometidas, orientando la ira del populacho por la muerte del 'padrecito zar' hacia los judíos*"⁶⁵. Durante todo o verão uma poderosa onda de violência estendeu-se a todo o sul da Rússia, atingindo mais de cem comunidades; dezenas de judeus foram mortos em plena rua e milhares ficaram sem teto e sustento.

Alexandre III manteve todas as leis restritivas e discriminatórias que eram utilizadas contra judeus, provocando fugas e tornando ainda mais crítica a situação destes na Rússia⁶⁶. Em 1882 publicaram-se várias leis restritivas que permaneceram em vigência até a revolução de 1917. As mais importantes afetavam a população rural judaica, proibindo judeus de se assentarem em aldeias, assim como adquirir ou arrendar parcelas de terra para cultivo. Autoridades locais passaram a expulsar os judeus mais antigos dos pequenos povoados e multiplicavam-se os casos de expulsão de grupos de judeus das zonas da fronteira ocidental da Rússia, por pretensas razões de segurança. Além disso, os pogroms estenderam-se até o início do século XX, impelindo milhões de judeus russos para o outro lado do Atlântico entre 1881 e 1914⁶⁷.

O grande afluxo de emigrantes judeus da Europa Oriental para outros países durante as últimas décadas do século XIX suscitou um caloroso debate entre organizações e lideranças judaicas sobre a atitude a ser adotada frente à emigração. Divididos entre posições contrárias encontravam-se aqueles favoráveis à emigração como forma de resolver o problema judaico, e aqueles que julgavam mais correto a realização de programas para melhorar a situação dos judeus nos países em que estavam domiciliados. Instituições de auxílio aos israelitas surgiram em várias partes do mundo. Entre elas podemos citar a Alliance Israélite Universelle, fundada

⁶⁵ AVNI, *op. cit.* p. 86.

⁶⁶ GRITTI, *op. cit.* p. 24.

⁶⁷ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: O Breve Século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 22.

em Paris em 1860, a Anglo Jewish Association, fundada em Londres, em 1871, a Israelitische Allianz, fundada em Viena, em 1872 e a Hilfsverein der Deutschen Juden, de Berlim, fundada em 1901⁶⁸.

Os incidentes anti-judaicos de 1881 na Rússia incentivaram a ação de agentes de imigração. A *Alliance Israélite Universelle*, fundada com a finalidade de promover a emancipação e o progresso dos judeus e prestar ajuda às vítimas de perseguições anti-semitas, teve um papel importante em orientar a imigração judaica saída da Rússia czarista aos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que ensaiava a formação de núcleos imigratórios na Argentina, o que de fato veio a ocorrer em 1884. Poucos anos após, em 1889, chegavam à província de Santa Fé cerca de oito famílias que se estabeleceram em "Monigotes-Vieja", para mais tarde se estabelecerem como colonos em Moisés Ville, colônia fundada pela Jewish Colonization Association.

No ano de 1887 o Barão Maurice de Hirsch e sua esposa, a Baronesa Clara de Bischoffsheim, sofreram a perda de seu único filho, Lucien. O Barão resolveu então dedicar à memória de seu filho uma obra que contribuiria para melhorar a situação dos judeus da Rússia, fundando para estes uma rede de instrução laica e profissional. Através deste projeto, o Barão buscava a integração dos judeus à Rússia através da efetiva participação destes na estrutura produtiva do Império czarista. No entanto, após várias tentativas frustradas e da manutenção de um projeto paralelo que auxiliava estes judeus na sua saída do país, em 1899 o Barão comprovou que o governo russo não estava disposto a fomentar a integração dos judeus e então voltou-se definitivamente à outra solução: a emigração.

Estes fatores fazem com que a imigração judaica à América Latina deva ser vista como um fenômeno social específico, pois a fuga dos pogroms da Rússia czarista assumia o caráter de uma nova diáspora e atribuía à viagem sentimentos ligados à ansia de liberação, de retorno à terra e busca de uma vida melhor. A imigração passava a constituir um dos fatores decisivos para assegurar a sobrevivência de uma coletividade judaica.

Em fins de 1889, o professor Guilherme Loewenthal submeteu ao Barão Hirsch um projeto de colonização judaica na Argentina, onde via a possibilidade de organizar anualmente uma imigração de 5.000 pessoas provenientes da Rússia, considerando ainda que esta colonização não deveria possuir apenas caráter filantrópico mas permitir que os colonos lutassem pela sua independência econômica e chegassem a ela através do trabalho agrícola⁶⁹.

⁶⁸ GRITTI, A imigração judaica para o Rio Grande do Sul: a Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos. Dissertação de mestrado. PUCRS, Porto Alegre, março de 1992, p.27.

⁶⁹ FALBEL, *op. cit.* p. 38

O Barão aceitou o projeto de Loewenthal, e resolveu enviar uma missão de estudos sob chefia deste à Argentina. Em fins de 1890, logo após sua chegada, a comissão encontrou em Moisés Ville 68 famílias que ocupavam 4.350 hectares de terra. Loewenthal organizou no lugar uma Sociedade Cooperativa de Agricultores, formada por judeus ali residentes, envolvidos na atividade agrícola. A Sociedade recebia o primeiro apoio financeiro por parte do Barão, com uma quantia de 15.000 francos.

A partir de 1891 a ICA estabeleceu uma representação em Buenos Aires que, a partir de 1893, se estabilizava com David Cazes e Samuel Hirsch ocupando sua direção. Estes permaneceram em suas funções durante 10 anos contínuos e constituíam os principais contatos da organização no país. David Cazes e Samuel Hirsch seriam os porta-vozes das colônias argentinas em relação à direção central da ICA e, ao mesmo tempo, os representantes oficiais da instituição diante de colonos e, posteriormente, nas relações que se estabelecessem entre as colônias argentinas e as colônias brasileiras.

O governo russo, por sua vez, autorizou o funcionamento de um Comitê Central da ICA em São Petersburgo, bem como filiais nas principais províncias. Do outro lado do Atlântico, o governo argentino, em 1900, reconhecia a ICA como uma "Associação Civil com fins filantrópicos". A fim de se evitar uma saída desordenada de um grande número de judeus da Rússia, o Barão decidiu publicar e difundir uma circular pedindo que os interessados em emigrar se inscrevessem nos devidos comitês estabelecidos para tanto, advertindo ao mesmo tempo que não poderia arcar com a responsabilidade sobre aqueles que se aventurassem a imigrar por conta própria⁷⁰.

O empreendimento colonizador foi concebido para funcionar dentro dos padrões mais modernos de administração de empresas com objetivos que deveriam ser metodicamente executados. Para a constituição do Conselho de Administração Central, com sede em Paris, foram nomeados judeus influentes e bem estabelecidos em atividades financeiras, industriais e profissões liberais, a maior parte deles recrutados entre os membros da *Alliance Israélite Universele*. O Conselho concentrava todo o poder decisório do projeto⁷¹.

A princípio o Barão pensava na constituição de uma empresa de alcances reduzidos cujo fim seria distribuir imigrantes judeus em vários países de imigração e desta maneira contribuir para sua assimilação como cidadãos em pé de igualdade com os demais habitantes destes países. No entanto, a empresa na Argentina estabeleceu uma colonização judaica centralizada, dotada de uma força numérica tal que lhe assegurava uma boa autonomia.

⁷⁰ *Idem.* p.39

⁷¹ *Idem.* p.94.

A criação da ICA, em 1891, inaugurava um tipo novo de ação filantrópica. Diferentemente das práticas tradicionais da filantropia judaica neste período, que objetivavam, principalmente, aliviar as enormes dificuldades enfrentadas pelos refugiados de pogroms e pelos emigrantes que se dirigiam desordenadamente para as capitais da Europa Central e Ocidental e para os Estados Unidos, a ICA pretendia estabelecer uma saída metódica e ordenada de judeus russos. O Barão Hirsch esperava que a emigração fosse o início de um processo de regeneração física e moral dos judeus russos, sendo a atividade agrícola o principal instrumento desta *transformação*. Segundo as palavras do próprio Barão:

*"Tornou-se uma máxima e uma agressão típica contra os judeus que eles não têm inclinação para a agricultura ou para trabalhos manuais. Este é um erro que é contradito não somente por exemplos modernos, mas pela história. Os israelitas no tempo de Cristo eram agricultores por excelência, enquanto o comércio, julgando-se pela prática dos judeus atuais, deveria ser a tradição de Israel, era totalmente controlado pelas mãos dos fenícios, gregos e pelo povo dos estados do Mediterrâneo. Os judeus, enquanto eram politicamente independentes, cuidaram de seus campos como nunca vi. Eles criaram seu gado, e eram artesãos. A tendência para o trabalho nos campos e lojas existiu, contudo, e minhas próprias observações e de outros provaram que é possível reavivar na raça esta capacidade e o amor pela agricultura, e trazê-la à existência novamente. Por suas próprias forças, contudo, os judeus pobres, que até agora foram classificados como marginais, conquistarão por si mesmos a paz e a independência, o amor pela terra em que cultivavam a liberdade; e ele se tornará um cidadão patriótico da sua nova casa"*⁷².

Sobre a atuação da ICA, alguns autores, como Bila Sorj, pretendem argumentar que a imigração, especificamente, e a própria auto-imagem do judaísmo moderno, de forma mais ampla, foram moldadas pelo discurso dos filosemitas, isto é, os não judeus que defendiam a integração dos judeus na sociedade mais ampla. No entanto, o filosemitismo não foi um discurso de aceitação dos judeus respeitando suas particularidades. Buscava argumentar que a discriminação e isolamento aos quais eram submetidas as comunidades judaicas na Europa eram responsáveis pela manutenção dos "vícios" culturais e sociais que os caracterizavam. Argumentavam ainda que, livres da discriminação e isolamento, eles passariam a ser iguais ao resto da população. Essa era a posição da ICA, ou seja, a crença de que, em países onde os judeus não fossem isolados e discriminados, poderia haver uma assimilação. No projeto de colonização proposto pela ICA, a assimilação, no sentido de uma integração total destas comunidades à sociedade de instalação, teria na agricultura um meio concreto de obter esta transformação.

No entanto, na medida em que os judeus continuaram a manter suas características culturais, mesmo em situações onde desfrutavam de liberdades civis e políticas, os

⁷² HIRSCH, Maurice. *Apud* SORJ, Bila. "Normalizando" o Povo Judeu: a Experiência da Jewish Colonization Association no Brasil. In: SORJ, Bila (org.) Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 93. (tradução livre).

movimentos sociais judaicos e suas instituições orientaram suas ações para mudar a estrutura ocupacional dos judeus através de vários experimentos de engenharia social, entre os quais podemos incluir a atuação da ICA. O objetivo destas ideologias era "normalizar" o povo judeu, propondo, por exemplo, um retorno à terra como tentativa de integração dos judeus à sociedade mais ampla. Estes experimentos baseavam-se nos pressupostos filosemitas de que a tendência dos judeus de se concentrarem em áreas urbanas e em atividades de serviço era uma anomalia e deveria ser combatida.

A integração dos judeus não foi um processo unívoco, e as versões anti-semita e a filosemita implicavam um projeto disciplinador do povo judeu. Enquanto a versão anti-semita repunha os preceitos católicos característicos de períodos específicos que ditavam a irrecuperabilidade do povo judeu⁷³ como, por exemplo, no caso da Espanha da Inquisição, onde milhares de judeus foram obrigados à conversão ou à fuga, a versão filosemita, mesmo concordando com esta caracterização, distinguiu-se por considerar os "vícios" judaicos produto do meio ambiente, particularmente do isolamento a que estas comunidades foram condenadas. Diante de condições adequadas, estes judeus deixariam seus vícios de lado e se integrariam ao restante da sociedade. Embora esta postura não aponte necessariamente para a integração como abandono da judaicidade, a assimilação proposta por estes projetos indica o objetivo de transformação do povo judeu através da agricultura. Somente esta transformação seria capaz de fazer com que estas comunidades abandonassem seus "vícios" culturais a fim de integrarem-se à sociedade mais ampla.

A atuação da ICA e seus objetivos devem ser vistos como uma tentativa de "normalizar" o povo judeu, assegurando a integração à medida em que os judeus russos se tornassem *agricultores argentinos e brasileiros*. A agricultura, objetivo principal do Barão, atendia às necessidades dos governos argentino e gaúcho no que se refere à instalação de colonos e atuava como instrumento, e condição, para a adaptação destes imigrantes a uma nova realidade. Ao mesmo tempo, embora a proposta da ICA estivesse imbuída na tentativa de promover a assimilação destas comunidades, a estrutura montada pela instituição atuava em sentido contrário, criando condições para a manutenção de uma identidade judaica no

⁷³ Daniel J. Goldhagen, ao trabalhar com as origens do anti-semitismo na Europa, expõe que "...a concepção sobre os judeus na cristandade medieval, com sua visão inflexível, não pluralista e intolerante sobre a base moral da sociedade, era do tipo que apresentava os judeus como violadores da ordem moral do mundo. Ao rejeitar Jesus, ao supostamente tê-lo matado, os judeus se alinharam em oposição desafiadora à concepção universalmente aceita de Deus e do homem, denegrindo e profanando, com sua simples existência, tudo o que era sagrado. Assim sendo, os judeus tornaram-se representantes, simbólica e racionalmente, dos males do mundo; eles não apenas os representavam, mas também se tornaram, para os cristãos, sinônimo de agentes voluntários do mal". (GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.48).

contexto da imigração. A imigração afastava a ameaça externa dos pogroms ao mesmo tempo em que a organização da colônia diminuía o risco de assimilação. A ICA preocupou-se com uma imigração de caráter dirigido, envolvendo colônias que possuíam uma estrutura específica de organização, fazendo com que a imigração resolvesse o problema das perseguições, ao mesmo tempo em que mantinha uma organização interna capaz de preservar a identidade do grupo. Além disso, na colônia não houve ruptura com as formas do shtetl⁷⁴, garantindo a unidade do sistema tradicional e identidade do grupo. A concentração espacial de populações provenientes de um mesmo país assegurava que a colônia constituísse um refúgio num mundo exterior diferente, estranho e talvez hostil.

No próximo capítulo, tratarei especificamente da estrutura organizacional das colônias, e como essa estrutura atuou na manutenção da cultura judaica, ao contrário da própria proposta da ICA, que objetivava a integração dos judeus às comunidades locais. A formação de colônias acabava por efetivar a construção de um espaço coletivo onde encontravam-se condições concretas para a existência de um sentimento de pertencimento específico e particular. Ao mesmo tempo, este capítulo procura discutir em que medida a atuação desta estrutura influenciou a capacidade de circulação da população judaica nos espaços então constituídos, ou seja, as colônias e as sociedades de instalação das mesmas. Neste sentido, procura estabelecer a relação entre o sentimento de pertencimento constituído nas colônias e a possível integração destas comunidades, com a construção de uma nova identidade no contexto da imigração.

⁷⁴ Comunidade judaica aldeã da Europa Oriental.

2. Moisés Ville e Quatro Irmãos – a formação de colônias agrícolas judaicas na América Latina

"Aún en las condiciones más favorables, el emigrante es siempre una planta exótica en su nueva tierra. Toma su tiempo hasta que echa raíces en su nuevo hogar y logra que 'la gracia del lugar se refleje en sus habitantes', especialmente después de haber llegado, tras muchas peripecias, a un récondito paraje de la remota Argentina. Todo le es extraño, nada está de acuerdo con sus hábitos, sobre todo el pesado trabajo físico de labrador. La vivienda no condice con su gusto, aunque a comparación con las primitivas barracas térreas de la colonia su casa debía ser considerada un logro, ya que estaba construida con ladrillos cocidos y tenía techo de cinc. A los ojos de un judío lituano, criado en una zona boscosa, estas casas tenían la apariencia de establos, sin cielos rasos ni pisos de madera"⁷⁵.

O imigrante é sempre uma planta exótica em sua nova terra. A imigração envolve sempre transformação, adaptação a uma nova vida, em lugar distinto daquele de origem. Especificamente no caso da imigração judaica em países latino-americanos, o impulso imigratório se dava num momento marcado pelas perseguições vivenciadas na Europa, e a colonização indicava a possibilidade de projetar o futuro e buscar uma vida melhor longe do país de origem. No entanto, mesmo que o desejo de uma nova vida impulsionasse o imigrante para lugares distantes, o contato com a nova realidade exigia adaptação e provocava transformações, afirmava a identidade e demarcava fronteiras...

Este capítulo dedica-se especificamente a analisar a estrutura organizacional das colônias, percorrendo aspectos ligados à configuração do espaço físico, à obrigatoriedade da atividade agrícola e à construção de um espaço coletivo. Ao analisar essa estrutura, procuro perceber como esta atuou na manutenção da cultura judaica, ao contrário da própria proposta da ICA, que objetivava a integração dos judeus às comunidades locais. Minha hipótese é que a formação de colônias acabava por efetivar a construção de um espaço coletivo onde encontravam-se condições concretas para a existência de um sentimento de pertencimento específico e particular. Assim, a transformação da identidade judaica estaria relacionada a dois fatores: a inserção dos judeus na economia, e portanto sua relação com a atividade produtiva desenvolvida na colônia, e a organização de um espaço coletivo. Tendo em vista que a proposta do barão Hirsch era de defesa da reintegração do gueto judeu dentro da ordem econômica de cada país de instalação, a inserção na economia seria solução do problema da miséria e a normalização da posição judaica na sociedade, garantindo sua integração. Desta forma, a agricultura era vista como meio e condição para esta integração. A organização de

⁷⁵ COCIOVITCH, Noé. *Gênesis de Moisés Ville*. Buenos Aires: Editorial Milá, 1987, pp.150-151.

um espaço coletivo, por sua vez, demarcava a tentativa de reconstrução, em lugar diferenciado, da vida comunitária judaica da Europa, evidenciando o plano das mudanças no nível das mentalidades.

Ao mesmo tempo, este capítulo procura discutir em que medida a atuação da estrutura organizada nas colônias influenciou a capacidade de circulação da população judaica nos espaços então constituídos (as colônias e as sociedades de instalação das mesmas), principalmente no que se refere ao período de formação de Moisés Ville e Quatro Irmãos. Este período, que abrange os anos iniciais da colonização em cada espaço, é fundamental para observar as formas assumidas na instalação de colonos, e a configuração da colônia como espaço coletivo.

Teremos, então, a constituição de dois movimentos paralelos: o trabalho voltava o colono para a sociedade, estabelecendo-o em lugares onde as práticas cotidianas eram alteradas. De outro lado, o colono conquistava, dentro da própria comunidade, o tempo e o espaço de uma vida coletiva judaica através da criação de instituições voltadas para a manutenção desta coletividade. A especialização destes lugares evidenciava as características específicas a cada um deles, e acentuava os contrastes entre estes dois espaços. No entanto, não podemos correr o risco de estabelecer uma oposição demasiado radical entre estas duas esferas de atuação, já que se estabeleceram articulações entre ambas dentro de uma mesma sociedade (veremos adiante que o criollo, na Argentina, ampliou suas possibilidades de trabalho com a pecuária realizada na colônia, assim como as crianças do entorno não-judaico freqüentavam as escolas estabelecidas em Quatro Irmãos).

Apesar da especificidade de cada colônia, as características gerais do complexo colonial são praticamente as mesmas, já que a atuação da ICA marcou a organização de cada um dos núcleos coloniais sob sua responsabilidade. No entanto, veremos que Moisés Ville e Quatro Irmãos surgiram em momentos diferenciados na história da instituição. Moisés Ville foi fundada antes mesmo da ICA ser formalizada como companhia privada de colonização, e a instituição se viu atuando em uma comunidade formada – os primeiros judeus de Moisés Ville não dependeram da ICA para sua instalação na colônia. Já em Quatro Irmãos, o processo de formação e organização da colônia foi controlado desde o princípio pela instituição, mas num momento em que o barão já não mais se encontrava na direção da ICA. Foi a instituição que escolheu terras e condições para o desenvolvimento do projeto de colonização no Brasil. Esta "diferença" levou a ICA a adotar posturas diferentes em relação aos colonos e à organização destas colônias. Em Moisés Ville, os critérios estabelecidos buscavam alterações em uma comunidade judaica pré-existente, prevendo inclusive a expulsão de famílias e/ou

colonos considerados inadequados às atividades propostas pela instituição. Em Quatro Irmãos, a comunidade estabelecida passou por uma seleção anterior à instalação, e a ICA já possuía disposições claras em relação à organização de suas colônias. Em Moisés Ville, a atuação do barão Hirsch marcou o caráter filantrópico dos inícios da atuação da ICA, e a postura de auxílio aos judeus perseguidos estava presente na decisão de compra da colônia e na seleção do primeiro grupo de imigrantes lituanos instalado na região (grupo de Noé Cociovitch). Foi a partir da experiência em Moisés Ville que a ICA começou a sistematizar suas propostas de colonização judaica na América Latina.

Com a morte do barão, Quatro Irmãos surgiu num momento de confusão entre filantropia e colonização, ou seja, num momento em que os interesses econômicos da instituição no Brasil prevaleceram sobre a postura filantrópica a que se destinava a ICA em seus princípios.

A formação de colônias, de acordo com os critérios estabelecidos pela ICA, somada à instalação destes núcleos em zonas desocupadas, criou um relativo isolamento destas em relação à sociedade nacional. Esse isolamento acabou por facilitar a manutenção dos costumes e o uso cotidiano da língua, assim como a criação de uma vida associativa (assistência religiosa, escolas, associações culturais e esportivas). Esse "isolamento" acabou por concretizar a existência de duas esferas de ação para os colonos: a comunidade que se organizava de acordo com princípios compartilhados, onde os grupos possuíam uma consciência coletiva que conformava limites internos e externos e, de outro lado, a sociedade mais ampla.

2.1 A organização do espaço e a instalação dos colonos

Em 1930 Moisés Ville era considerada uma das mais prósperas colônias da ICA na Argentina. Possuía uma superfície de 118.262 hectares, localizada ao norte da província de Santa Fé, dentro dos departamentos de San Cristóbal e Castellanos. Duas grandes linhas férreas a atravessavam: o *Ferrocarril Central Argentino*, que saindo de Buenos Aires chegava a Tucumán, onde encontrava-se com o *Ferrocarril del Estado*, que conduzia à Bolívia, e o *Ferrocarril de Santa Fé*, que corria de Santa Fé ao Chaco. Seis estações distribuíam-se dentro dos limites da colônia: Palacios, Las Palmeras e Monigotes (ligadas ao Ferrocarril Central

Argentino), Virgínia e Capivara (ligada ao Ferrocarril de Santa Fé) e, unida a um ramal especial, a estação de Moisés Ville, no centro da colônia⁷⁶.

Inicialmente, a colônia organizou-se em aldeias, onde se distribuía lotes de 25 a 50 hectares. Em 1900, ocorreu a instalação de famílias em lotes de 100 hectares, em 1905 em 150 hectares e, em 1912, houve uma redução para 75 hectares. O cultivo da alfafa, a criação de gado e a indústria leiteira passaram a constituir a base da exploração realizada na colônia⁷⁷.

No entanto, a próspera colônia que na década de 30 se destacava pelo cultivo da alfafa e pela indústria leiteira, teve inícios bastante conturbados. Segundo Jose Mendelson, "*de la fundación misma de Moisesville, del origen de su nombre y de la fecha exacta en que se llevó a cabo esta fundación no existen hasta ahora documentos fidedignos*"⁷⁸. Ao mesmo tempo, são escassas as informações sobre o grupo de pioneiros que se estabeleceram na colônia. Sendo assim, este capítulo procurará situar Moisés Ville em 1889, com este grupo de colonos que se dirigiram ao país sem a interferência da ICA, mas tomará como referência dos inícios da colônia a chegada do grupo de Noé Cociovitch, em 1894, grupo selecionado e instalado segundo critérios estabelecidos pela instituição.

O grupo inicial, que mais tarde passaria ao controle da ICA, recebeu o nome de *Palacios*, formando a primeira colônia judaica na Argentina. O grupo contava com aproximadamente 130 famílias chegadas ao país em 1889, em cumprimento de um contrato assinado em Paris com o representante do governo argentino para a colonização de regiões próximas a Buenos Aires. A maioria dos colonos era proveniente da Podólia, sendo alguns (uma pequena quantidade) vindos da Lituânia e Bessarábia.

Quando chegaram, o governo queria instalá-los em terras no Chaco, descontentando o grupo. Por meio de agentes judeus que se encontravam no país, o grupo foi instalado em terras de Pedro Palacios, próximo à estação que leva o mesmo nome sobre a linha do Ferrocarril Central Argentino. Palacios não ofereceu o auxílio esperado pelos colonos, que espalharam-se em três pontos. Alguns permaneceram no lugar posteriormente denominado Moisés Ville, formando a primeira colônia. Outros instalaram-se ao sul de Moisés Ville, próximo ao povoado de Sunchales, nas terras de um alemão chamado Steinleder. Esta colônia recebeu o nome de Aarón Ville. Ao norte de Moisés Ville, foi fundada a colônia Monigotes (Monigotes la Vieja) em terras de um banco colonizador que as vendeu para serem pagas em

⁷⁶ WEIL, Simon. *Provincia de Santa Fé – Colonia Moisesville*. In MENDELSON, Jose et all. 50 Años de Colonización Judía en la Argentina. Buenos Aires: Delegación de Asociaciones Israelitas Argentinas (D.A.I.A.), 1939. p. 160.

⁷⁷ *Idem*. p. 162.

⁷⁸ MENDELSON, Jose. *Fundación de Moisesville. Origen de este nombre. Primer año de su existencia*. In _____. *op. cit.* p. 127.

um prazo de 33 anos. A colônia Aarón Ville fracassou antes mesmo de completar um ano de existência. Monigotes la Vieja, fundada por um grupo de judeus lituanos que viviam anteriormente em Santa Fé, teve um destino diferente. O surgimento desta colônia está diretamente relacionado ao surgimento de Moisés Ville. Com a formação de Moisés Ville, várias famílias de judeus lituanos mudaram-se para suas proximidades e fundaram Monigotes. Um importante grupo de famílias que abandonou Palacios juntou-se a esse grupo.

Monigotes existiu durante aproximadamente três anos, e chegou a ser incorporada à obra do barão Hirsch quando o primeiro diretor, Guilherme Loewenthal, adquiriu estas terras ao mesmo tempo em que adquiria Moisés Ville. Segundo Cociovitch, o fracasso desta colônia estaria relacionado à um "acidente fatal": o assassinato de um judeu por um crioulo. Este acontecimento, somado ao problema das pragas que atingiam a lavoura, como os gafanhotos, que acabaram com o trigo e o milho, dificultando a situação dos colonos, fazendo com que muitos abandonassem suas terras⁷⁹. A relação que se estabelecia com os chamados criollos era de hostilidade. Neste sentido, a imagem que se construía do entorno não-judeu afirmava a identidade judaica diante da diferença, e as dificuldades enfrentadas pelos colonos, seja em relação ao contato com a vizinhança, ou em relação aos problemas vividos na nova atividade, criavam obstáculos para a integração via estrutura produtiva.

Guilherme Loewenthal, médico da Romênia em viagem à Argentina, se interessou pelos judeus de Palacios e, ao retornar à Europa, conseguiu que o barão Hirsch os tomasse sob sua proteção. Este foi o começo da atuação da ICA com a presidência exercida pelo próprio barão. Dois anos depois, Loewenthal retornou à Argentina como diretor da ICA, comprando, em nome da instituição, os 10.000 ha de Pedro Palacios, onde fundou oficialmente a colônia Moisés Ville (segundo Cociovitch, o boleto de compra das terras data de 28 de dezembro de 1891)⁸⁰.

Após ser formalizada em Londres, a ICA, presidida pelo barão Hirsch, estabeleceu em 1891 na Argentina uma direção especial para a colonização, "*que limpió Moisés Ville de los indeseables y dejó ahí solo 41 familias escogidas*"⁸¹. Em 1894 a ICA expulsou da colônia todos os elementos indesejáveis, que foram enviados, por conta da instituição, a qualquer lugar que escolhessem, menos à Rússia. A atuação da ICA na colônia, nos anos que se seguiram à aquisição de terras, resumiram-se a duas tarefas: "limpeza", ou seja, a retirada de

⁷⁹ COCIOVITCH, Noé. *op. cit.* p.94.

⁸⁰ *Idem.* p.41.

⁸¹ *Idem.* p.45.

colonos considerados inadequados à colonização, e organização da colônia para a chegada dos colonos escolhidos na Europa.

Segundo Noé Cociovitch, *"La J.C.A. ya no permitía la afluencia de inmigrantes ocasionales, sino sólo la de especialmente escogidos en Rusia, a los que colonizó sobre las tierras recientemente adquiridas en la provincia de Entre Ríos. La colonia Moisés Ville se quedó con sus 41 colonos, sin la afluencia de otros nuevos hasta el año 1895"*⁸².

Nas cartas escritas nos anos de 1892 e 1893 à direção da ICA em Buenos Aires, o barão acentuava a necessidade de uma organização severa: *"...Hay que tomar medidas contra los elementos perniciosos; si el asunto no marcha por las buenas, deberá expulsárselos por las malas junto con sus familias. No me detendría siquiera si tuviese que acudir a las fuerzas armadas..."*⁸³. Na carta de 19 de fevereiro de 1892, o barão dava as seguintes instruções: *"1) No dejar en nuestras colonias a ninguna persona que no trabaje con sus propias manos... Es necesario que procuremos liberarnos, a toda costa, sin miramientos ni compasión, de todos aquellos que demuestren escasa voluntad. 2) Controlar y vigilar, del modo más severo, el trabajo de esta gente"*⁸⁴. Assim, o barão buscava afirmar a postura a ser adotada pela ICA, ou seja, garantir a integração através da estrutura produtiva, selecionando colonos aptos e verdadeiramente voltados para a agricultura, e ressaltar a necessidade de assegurar-se, utilizando-se de todos os meios de controle possíveis, que essa integração pudesse acontecer.

A "limpeza", aos olhos do barão, se fazia necessária já que a colônia contava com 3 anos de existência quando foi colocada sob administração da ICA. Cociovitch afirma que, depois do período de fome e necessidade que os colonos viveram sob administração de Palacios, a passagem para a ICA foi vista como algo benigno. A organização inicial transformou os colonos em trabalhadores capazes e, após a seleção e expulsão dos indesejáveis, a administração da ICA encontrou uma colônia relativamente estabilizada. Os colonos instalados possuíam um pequeno inventário, contendo ferramentas e animais, que permitiam o trabalho de cada família em seu lote. A colheita de 1893, ano anterior à instalação dos primeiros colonos selecionados pela ICA, havia sido satisfatória e não faltava trabalho. Além disso, as tarefas de preparação para a instalação do grupo de judeus lituanos se converteu em mais uma fonte de renda para os colonos.

⁸² *Idem.* p.46.

⁸³ Carta de 20/12/1891 – escrita pelo barão Hirsch e endereçada à direção da ICA em Buenos Aires (publicada na revista *Judaica* n° 18, 1934, Buenos Aires) In COCIOVITCH, Noé. *op. cit.* p.126 (transcrição de trechos selecionados em nota de rodapé).

⁸⁴ Carta de 19/02/1892 – escrita pelo barão Hirsch e endereçada à direção da ICA em Buenos Aires (publicada na revista *Judaica* n° 18, 1934, Buenos Aires) In COCIOVITCH, Noé. *op. cit.* p.126 (transcrição de trechos selecionados em nota de rodapé).

Na Europa, agentes de David Feinberg, selecionado como diretor da obra de colonização na Argentina, percorriam as províncias de Podólia, Táuride e Bessarábia, recrutando candidatos à colonização na Argentina e formando grandes grupos, que eram concentrados no porto de Odessa. Ao mesmo tempo, a ICA havia instalado um Comitê Central em Petersburgo. O objetivo do comitê era recrutar grupos de agricultores para a colonização judaica na Argentina. Com esse objetivo, o comitê designou representantes locais em diversos lugares. Na região de Grodno, Abraham Frumkin, ativista comunitário, trabalhava como representante da ICA. Não dispondo de elementos rurais, Frumkin constituiu um grupo integrado por jovens urbanos, dispostos a partir para a distante Argentina (Hirsch Kaller, León Kaplan, José Trumper, José Ber Rejovitzky, Samuel Trumper, Schajne Bloj, Elias Kahan, Hertz Berezowsky e Noé Cociovitch)⁸⁵.

Iehoshúa Lapin, proveniente de uma destacada família de Grodno, formado em agronomia, foi encarregado de visitar a Argentina em 1893 por recomendação de Abraham Frumkin, em nome da ICA. Lapin deveria examinar as terras propostas para aquisição, e apresentar um relatório sobre a situação das colônias da ICA já existentes (este relatório foi publicado em um folheto russo, em Petersburgo, no ano de 1894). No relatório, recomendava efetuar a colonização com judeus lituanos, afirmando que, mesmo provenientes de um meio urbano, os agricultores desta procedência encontrados nas colônias alcançavam sucesso em suas atividades. Recomendava ainda estabelecer estes grupos em Moisés Ville e destiná-los às casas vazias das "Doze casas" e nas "Vinte e quatro casas", nomes de povoados na colônia que coincidiam com o número de casas que havia em cada aldeia. Este grupo de casas, desocupadas pelo processo de limpeza realizado pela ICA na colônia, precisava ser ocupado para evitar a deterioração das construções. O grupo de Grodno, apesar de ser basicamente urbano, foi incluído no processo de seleção.

Cociovitch, em suas memórias, relata que o recrutamento se realizou na casa de um judeu em Grodno. Havia uma multidão, candidatos não apenas para as 36 casas, mas para toda Moisés Ville. Muitos não estavam interessados de fato na colonização, mas buscavam o que poderia ser um "bom negócio"⁸⁶. *"Según el reglamento de la J.C.A. los principios de aptitud para la colonización eran lógicos: estar físicamente en condiciones de trabajar, tener formación apropiada e hijos solteros pero con la suficiente edad para el trabajo agrícola. No se permitía una sociedad entre dos familias jóvenes. El viaje debía ser costeadado por cada familia en forma privada en su totalidad o, cuando menos, en forma parcial. Esto último tenía*

⁸⁵ MERKIN, Moises. *Panorama de la colonia Moisésville*. In MENDELSON, Jose et all. *op. cit.* pp. 267-268.

⁸⁶ COCIOVITCH, Noé. *op. cit.* p.57.

un significado psicológico: quien nada posee y no tiene qué arriesgar, no puede ser lo suficientemente responsable. Sin embargo, se entiende que en ciertos casos debieron haber excepciones"⁸⁷. Se estabeleceu um tipo de colono que pagaria a soma completa relativa aos custos de viagem: 800 rubros. Estes não necessitariam da ajuda da ICA para o deslocamento até as colônias, mas apenas dois candidatos do grupo de Grodno puderam pagar esta quantia. Sendo assim, a ICA decidiu custear a viagem até as colônias, somando estas despesas à dívida de cada família para com a instituição.

O processo de seleção fazia ainda com que cada candidato fosse submetido a um interrogatório. Eram transmitidos os princípios de seleção, se discutia um pouco sobre dinheiro, gastos de viagem e se chegava a um acordo. Candidatos como comerciantes, artesãos, etc., obtinham menos privilégios. A ICA objetivava formar comunidades agrícolas judaicas na América Latina, e agricultores eram preferidos pelo processo de seleção. Além disso, exigia-se que os colonos fossem casados, e delineava-se a formação de uma comunidade onde não haveria risco de casamentos mistos nos países de instalação. A assimilação, no sentido de desaparecimento completo da cultura pré-migratória, não fazia parte da proposta de integração da ICA. O casamento exogâmico, por sua vez, colocaria em risco a coesão de qualquer minoria. Assim, casar na sinagoga era manifestar publicamente a ligação com a comunidade.

Após a seleção do grupo, era feita a escolha de um delegado. De acordo com o *sistema de delegados*, cada grupo de colonos aprovados para a colonização enviava um pioneiro que os precedia. O sistema de delegados foi planejado em Paris, como experimento para estabelecer nas colônias uma auto-administração, e facilitar a tarefa de instalação de colonos. *"Para que una empresa colonizadora sea coronada por el éxito es imprescindible, ante todo, que cuente con un material humano adecuado, pues éste es su factor primordial. Debe tener a su disposición pioneros, como los que existen hoy en Eretz Israel, personas decididas a luchar y vencer todas las dificultades inevitables en estos casos. Nuestra colonización tuvo la desgracia de comenzar con una masa formada fortuitamente, de la que una parte considerable ni siquiera tenía en mente la agricultura. Incluso había un elemento inmoral y perjudicial que influyó negativamente sobre la gente honesta del grupo"*⁸⁸.

Diante da necessidade de eliminar os indesejáveis, aceitar somente as famílias escolhidas na Rússia mediante seleção da ICA, preparar, com tempo, casa, inventário e condições para que estas pudessem começar a trabalhar logo após sua chegada na colônia, a

⁸⁷ *Idem.* p.58.

⁸⁸ *Idem.* pp.124-125.

auto-administração surgia como um projeto viável e eficaz. Assim, seria possível estabelecer uma instituição de delegados que dirigisse a obra de colonização. Os grupos selecionados na Europa enviariam com antecedência representantes eleitos que escolheriam os campos, dividiriam as parcelas e preparariam casas e inventário de acordo com um plano previamente determinado. As vantagens eram inúmeras, representando uma economia para a ICA, que não precisaria de um funcionário para estas atividades, e segurança para os colonos, que confiavam mais em seus representantes do que nos funcionários da ICA. Além disso, a proposta autogestionária da ICA (inicialmente com os delegados e, no decorrer da colonização, com o incentivo ao desenvolvimento de cooperativas), estava fundamentada na afirmação do caráter coletivo do empreendimento. Dessa forma, tinha por objetivo a instauração do trabalho coletivo.

Em 1892, o representante do Comitê Central da ICA em Petersburgo, David Feinberg, acompanhado por um agente do barão, Arnold White, começou a recrutar famílias de granjeiros nas colônias judaicas no sul da Rússia. Nove grupos, de 50 famílias cada um, foram selecionados para a província de Entre Rios, onde se adquiriram 25.000 hectares. Os primeiros grupos elegeram seus delegados, que trataram com o Comitê Central de Petersburgo as condições para a colonização. Em 1893, os primeiros delegados partiram para Londres, onde se encontraram com o barão Hirsch, e posteriormente foram enviados às colônias.

Os judeus da aldeia Amstibove, Grodno, Lituânia (situada atualmente na região da Bielorrússia), escolheram Noé Cociovitch como seu representante. A população judaica do vilarejo ocupava 60 casas no centro. Constituíam um terço da população, e se concentravam nas atividades de comércio. Em Amstibove, os judeus praticavam a agricultura no terreno próximo à casa. Eram feitas hortas para consumo próprio e para obter algum lucro com a venda de hortaliças na própria aldeia. Alguns produziam em maior quantidade para abastecer os mercados vizinhos. As parcelas de terra mais distantes eram utilizadas para o cultivo de batatas ou algum cereal, principalmente cevada. A cana e as gramíneas serviam de forragem para as vacas. Gansos eram criados durante o outono para obtenção de carne e gordura para o inverno. Para alguns, esta atividade era um negócio, já que eram capazes de distribuir gansos degolados segundo o rito *kasher* para vários locais nos arredores da aldeia. Os filhos eram educados por preceptores e professores. Existiam muito poucos estabelecimentos de educação especial⁸⁹.

⁸⁹ *Idem*. p.17.

Se esta comunidade não sofria com as perseguições, o que a fez imigrar? A inexistência de pogroms na região não isentava a aldeia de Amstibove das restrições legais a judeus, e a proximidade com regiões onde tais perseguições eram cotidianas criava uma atmosfera de ameaça. Por outro lado, as comunidades judaicas da Europa Oriental despertaram o interesse do governo argentino que, voltado para estas, montava uma estrutura de propaganda para atrair imigrantes. Esta estrutura divulgava a existência da possibilidade de viver em um mundo onde as restrições e as perseguições não se faziam presentes e, principalmente, onde o acesso à terra era algo possível. Segundo Cociovitch, *"En Rusia era imposible para los judíos conseguir tierras para trabajarlas. La colonización en Eretz Israel tenía vigencia en aquel entonces y los judíos ya habían fundado dieciséis colonias; esta era, empero, una tarea para idealistas dispuestos a innumerables sacrificios. (...) Argentina se convirtió en el tema de actualidad. Nuestros hermanos, los hijos de Israel, dieron rienda suelta a su fantasía. (...) En líneas generales no éramos candidatos para la emigración, aunque no nos desesperábamos por las aflicciones judías. Ninguna tormenta nos arrastaba a dar un paso de tal magnitud; nestras fuentes de subsistencia se deslizaban en forma relativamente normal; y pertenecíamos a una clase poseedora de recursos respetables. Menos aún pensábamos acerca de la Argentina, aunque éramos partidarios de la economía agrícola y opositores de los medios indefinidos de subsistencia"*⁹⁰.

Ao mesmo tempo, oficinas de propaganda para a imigração, criadas em 1887 na República Argentina, distribuíam nas principais capitais da Europa prospectos e informações sobre o país em diversos idiomas. No mesmo ano, foi aprovada uma resolução que autorizava ao governo o financiamento de passagens aos imigrantes, convertendo-se em mais uma fonte de atração para o país. A princípio, o dinheiro das passagens foi utilizado para facilitar a viagem dos familiares de imigrantes que já se encontravam na Argentina; mais ou menos um ano mais tarde a facilidade foi estendida a todos os imigrantes potenciais, sendo que o imigrante se comprometia a reembolsar o dinheiro da passagem. Esta medida significou um impulso considerável à imigração artificial à Argentina, e despertava o interesse por parte de candidatos à emigração da Europa.

"Las embajadas y consulados argentinos solían llevar a cabo una intensa propaganda en todas las ciudades capitales de Europa para atraer inmigrantes a la Argentina. En un volante para la emigración del elemento campesino (del año 1900) está escrito lo siguiente: 'El inmigrante, ni bien llega a Buenos Aires, debe registrarse en la Oficina Estatal de Colonización, que lo provee de los medios para viajar a cualquier lugar en el que quiera establecerse. [...] El gobierno le asigna a cada colono un terreno de 1.000 metros de largo por 250 de ancho, al precio de 45 pesos la hectárea, que se

⁹⁰ *Idem.* pp.50-52.

*pagan en cuotas. Además recibe 2 caballos, 2 bueyes, 2 vacas, semillas y herramientas por valor de 557 pesos. Se compromete a entregar el primer potrillo al gobierno, que mantiene al nuevo colono hasta la próxima cosecha*⁹¹.

Mesmo que tais medidas visassem a imigração espontânea, despertavam o interesse de possíveis candidatos à imigração, que se dirigiam à ICA em busca de auxílio. Para o grupo de Grodno, a proposta do barão representava a possibilidade de acesso à terra e obtenção de sucesso na atividade agrícola, contando ainda com a proteção da ICA em lugar desconhecido, como a remota Argentina.

Após seleção, em 1894 Cociovitch chegava a Buenos Aires como delegado de seu grupo. Visitou a direção da ICA na Avenida Santa Fé, apresentando-se aos srs. Samuel Hirsch, diretor da Escola de Agricultura da Alliance Israélite Universelle em Mikvé Israel, antes de sua chegada à Argentina, e David Cazes, que havia sido diretor das escolas da Alliance em Túnez. Hirsch e Cazes eram os novos diretores da ICA na Argentina, recentemente chegados. Todos os delegados deveriam seguir o mesmo caminho. Ao chegar à Buenos Aires, entravam em contato com os diretores da ICA no país e então eram enviados às colônias, para a realização de suas tarefas. No entanto, o sistema de delegados acabou gerando uma séria disputa entre estes representantes e a direção, principalmente no que dizia respeito à organização das colônias. Os delegados propunham a organização em aldeias, semelhante à estrutura comunitária vivida na Europa, enquanto a direção local defendia que cada família deveria ficar restrita a seu lote. A direção autorizou a construção temporária de aldeias na organização de novas colônias, somente como uma experiência. Em Buenos Aires, a direção se opunha ao sistema de representantes: Paris não havia previsto que este sistema criaria uma administração dualista e que os conflitos criados entre delegados e a instituição poderiam comprometer as atividades de colonização.

A defesa de uma organização em aldeias é um indicativo de que a configuração da *fronteira* começava a delinear-se, antes mesmo da ocupação do espaço pelos colonos. Essa fronteira, que delimitava os limites internos e externos da colônia, surgia relacionada ao desejo de reconstruir a organização comunitária da Europa, onde a ênfase era a própria coletividade judaica.

Em Moisés Ville não havia terras a escolher. Não restavam outros terrenos do que os que haviam sobrado dos primeiros 10.000 hectares comprados de Palacios; a metade, aproximadamente, estava nas mãos dos velhos colonos. Cociovitch, alojado na casa de um

⁹¹ Folheto de propaganda para emigração de agricultores à Argentina, datado de 1900. In: COCIOVITCH, Noé. *op. cit.* pp.41-42 (transcrição em nota de rodapé).

colono, começou a cultivar a terra a fim de assegurar-se da viabilidade do projeto de colonização.

No relato de Cociovitch sobre a colônia, em 1894, Moisés Ville é situada a uma distância de 16 km de Palacios, a estação da ferrovia. Sobre o deserto, haviam sido marcadas linhas retas, uma de norte a sul, de três km de extensão, e duas de leste a oeste, uma de 1 km e a outra de 2 km de extensão. Estavam separadas por uma distância de 1 km. Disseminadas sobre estas linhas, com um total de 3 km de extensão, havia apenas uma centena de casinhas. Sobre o espaço vazio do centro se divisavam, ao longe, três casas de ladrilhos com telhados de chapas metálicas, destinadas às construções comunitárias como administração, sinagoga e banho público. Por toda parte pastavam bois, vacas e cavalos, que pertenciam aos proprietários da aldeia. *"Con excepción de algunas barracas, todas las demás eran de adobe y tenían tejado de media agua. Algunos de los tejados eran de caña y otros de chapa galvanizada y acaralada. Estas barracas no tenían cielo raso ni piso de madera. El suelo estaba cubierto por una capa de estiércol de vaca"*⁹².

A imagem da colônia, no relato de Cociovitch, diferenciava-se radicalmente da realidade vivida na Europa. Seu grupo chegou em 27 de dezembro de 1894, formado por 42 famílias, sendo que algumas vieram depois. Ficaram um dia em Palacios, hospedados em um galpão, pois as chuvas do dia anterior impediam a viagem até a colônia. No dia seguinte, foram conduzidos a Moisés Ville. Cociovitch não encontrou sua família no grupo pois haviam ficado em um hospital em Bremen, onde morreram sua filha de 8 anos e um filho de 4. O grupo trouxe consigo 3 rolos da Torá e 2 professores (Reuvén Sinay e Jaikl Zukowski). Além disso, Jaikl trouxe seu genro, que era cantor litúrgico e matarife ritual judaico*, e Sinay trouxe de Grodno uma apreciável quantidade de livros de conteúdo religioso, que conservava em seu poder⁹³.

*"A cada agricultor se le adjudico una quinta junto a su casa: una franja de terreno de 100 metros de ancho por 1.000 de largo, es decir, 10 hectáreas. Detrás de las quintas se hallaba la tierra de labranza: un kilómetro cuadrado (100 hectáreas) por colono. Había por aquel entonces cerca de 50 agricultores, pero además habitaban la colonia aproximadamente otras tantas familias que, sin dedicarse a las labores agrícolas, se acercaban mimosamente a los colonos para ganarse la vida en torno a ellos"*⁹⁴.

⁹² COCIOVITCH, Noé. *op. cit.* p.103.

* Matarife Ritual Judaico, ou *Shohet*: na prática religiosa judaica, designa aquele responsável por sacrificar animais para consumo segundo as leis religiosas judaicas; considerado um funcionário semi-eclesiástico especializado, seu trabalho é controlado pelas autoridades rabínicas (AUSUBEL, Nathan. Enciclopédia Conhecimento Judaico II. Volume 6).

⁹³ COCIOVITCH, Noé. *op. cit.* p.134.

⁹⁴ *Idem.* p.104.

Alguns colonos, principalmente os imigrantes recém chegados, recebiam da ICA uma carroça com cavalos – a princípio, e até sua colonização definitiva, se mantinham transportando carga comum e cereais até a estação da ferrovia e, mais tarde, à Cooperativa. Somente em 1901 a direção local da ICA conseguiu que um ramal da estrada de ferro chegasse à colônia. No entanto, a chegada da estação ao centro de Moisés Ville foi considerada um obstáculo à atividade de transporte de mercadorias, pois reduzia as distâncias e provocava perdas aos colonos que se dedicavam à esta atividade.

O grupo de Grodno encontrou em Moisés Ville uma população agrícola de cerca de 50 famílias, restante dos pioneiros de Palacios. Entre 1892 e 1895, o número de colonos se elevou de 40 a 90 famílias, enquanto que em Maurício a população chegou a 208 famílias e, em Entre Rios, o número chegava a 656. O grupo de Grodno recebeu da ICA "*Casas de ladrillo con techos de zinc, un aljibe, cielorazos de madera, si bien los pisos eran de tierra, con un horno en la cocina y las habitaciones blanqueadas*". Foram distribuídos em 4 setores: a linha Doze, a Vinte e Quatro, a Seis e a Quatro. Cada família recebeu 4 juntas de bois, 2 cavalos, 2 vacas leiteiras, uma carroça, um arado de mão e outros implementos, assim como um subsídio de 8 pesos por adulto e 4 por criança mensalmente, sementes de trigo, linho, milho e aveia.

Este grupo encontrou um embrião comunitário já constituído, estruturado em redes de parentesco e de auxílio mútuo. Assim, a chegada de novos judeus, com o grupo de Cociovitch, operou no sentido de uma renovação. O crescimento do grupo favorecia o fortalecimento de um judaísmo demasiado distante de suas raízes, para que então desenvolvesse um modo de vida de acordo com a cultura judaica. A comunidade passava, aos poucos, a reunir seus atributos (a sinagoga, a escola, etc.). Além disso, a chegada do grupo trouxe artesãos, sapateiros, o prof. Sinay, que iniciou o ensino judaico para crianças na primeira escola da colônia, e a escola atuava como fator de transmissão da cultura judaica

A chegada deste grupo dava início à organização e afirmação da identidade judaica, e o grupo trazia consigo os elementos necessários à preservação desta identidade. A organização da escola marcava o início da construção de um espaço coletivo onde o reconhecimento desta identidade fosse possível. Quando a ICA assumiu estas funções, o espanhol passou a ser ensinado nas escolas, fazendo com que a escola fosse inserida na proposta de integração da instituição, já que o uso da língua local facilitaria ao colono as relações com o entorno não-judaico. O domínio do idioma figurava entre as condições para a integração.

Além disso, a chegada do rabino Aarón Goldman atendia às necessidades religiosas, principalmente sabendo-se que o grupo trouxera rolos da Torá, livros, etc. A Lei escrita (Torá) e oral (Talmude) regulamentam todas as manifestações da vida cotidiana, como alimentação, sexualidade, educação, festas, vida social, etc., atuando na organização efetiva de uma comunidade judaica. Assim, a chegada do grupo de Grodno significou um impulso ao fortalecimento da comunidade judaica em um espaço que começava a organizar-se. Ao mesmo tempo, as famílias recém-chegadas passariam a dedicar-se à atividade agrícola: até 1895 as 90 famílias semearam trigo, linho e milho.

No Brasil, em 4 de agosto de 1909, a administração da ICA enviava um requerimento ao presidente do estado do Rio Grande do Sul, solicitando a designação de um funcionário da Diretoria de Terras e Colonização para realizar a medição da fazenda dos Quatro Irmãos, propriedade que esta instituição pretendia adquirir para dar continuidade a seus objetivos de colonização e povoamento no Estado⁹⁵. No mesmo documento, a ICA solicitava ao governo informações sobre o registro das terras, sobre a validade dos títulos de domínio privado sobre o imóvel e procurava garantias para a realização da compra de terras.

Segundo Isabel Rosa Gritti, o nome "Quatro Irmãos" estava associado ao fato de que as terras pertenciam realmente à quatro irmãos: o coronel David dos Santos, mais tarde Barão dos Campos Gerais, o Dr. José Gaspar dos Santos Lima, juiz de direito da comarca de São Borja que residiu em Cruz Alta até 1854, Antônio dos Santos Pacheco e Clementino dos Santos Pacheco. Este último residia na fazenda e fora assassinado pelos índios em 1856, sob suspeita de que teria se apossado de uma grande parcela de terras que pertenceria aos índios⁹⁶.

A colonização de áreas despovoadas do território através da criação de núcleos coloniais, tanto oficiais, criados pelo governo, quanto privados, estabelecidos por companhias de colonização, fazia parte dos objetivos do governo federal e dos governos estaduais. Ao mesmo tempo, a ocupação de áreas despovoadas, acompanhada da criação de toda uma infraestrutura necessária à instalação de imigrantes, unia os interesses do Partido Republicano Riograndense e do capital estrangeiro, tendo em vista que os acionistas da ICA eram também grandes investidores na economia brasileira. Neste sentido, os fundos destinados à compra de Quatro Irmãos foram enviados por intermédio de Gustavo Vauthier, diretor da *Compagnie de Chemin du fer de Santa Maria*. Sendo "*muito competente nas questões de aquisição de terras*

⁹⁵ Correspondência integrante do *Grupo Obras Públicas – Terras; Jewish Colonization Association – 1909*. AHRS.

⁹⁶ GRITTI, Isabel Rosa. *A imigração judaica no Rio Grande do Sul: a Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos*. Dissertação de Mestrado. PUCRS, Porto Alegre, março de 1992. p.13.

no Rio Grande"⁹⁷, Vauthier estava à disposição da administração local da ICA para a realização desta operação. Além disso, o Conselho geral da ICA, em Paris, havia decidido a compra de duas ou três léguas de terras devolutas para fazer a ligação de Quatro Irmãos com a estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, então em construção pela *Compagnie Auxiliaire de Chemin du Fer au Brésil*. Ligar Quatro Irmãos à linha da viação férrea do Rio Grande do Sul significava facilitar a exploração da madeira realizada pela ICA na região e a valorização das terras adquiridas pela companhia.

Em 1909 a fazenda Quatro Irmãos fazia parte do município de Passo Fundo, estando atualmente localizada entre os municípios de Getúlio Vargas e Erechim. O processo de organização da colônia estendeu-se deste ano, em que foi efetuada a aquisição da fazenda, até 1912, quando esta recebeu os primeiros colonos, contando com 33 famílias recrutadas nas colônias argentinas e em seguida 35 famílias vindas da Bessarábia. Em 1913 veio da Rússia mais um grupo de famílias⁹⁸.

A fazenda Quatro Irmãos, com 93.850 hectares de uma área de campo e mato, riquíssima em madeira, foi dividida em seções: Pampa, Rio Padre, Quatro Irmãos e posteriormente Barão Hirsch e Baronesa Clara. O centro administrativo localizou-se no núcleo Quatro Irmãos, assegurando sua importância. Cada seção foi subdividida em lotes de 50 hectares, contendo casa com galpão, duas vacas, dois bois, cavalo e carroça, além de ferramentas e sementes para serem pagos em um prazo de vinte anos.

O plano definitivo da divisão do primeiro grupo de lotes de Quatro Irmãos estabelecia a organização de 80 lotes, sendo 48 mistos (parte de mata e parte de campo), 5 de campo e 27 de mata exclusivamente, com superfície de 50 ha. Os lotes de campo continham uma pequena parcela de floresta, tendo em vista a necessidade do colono de obter lenha para aquecimento e madeira para construção. As primeiras famílias deveriam ser instaladas em lotes mistos. As casas foram agrupadas duas a duas na maioria dos casos, tendo acesso à água à pequena distância. Lotes de 83 ha foram reservados no núcleo Quatro Irmãos para a construção da escola, casa do agente, etc., próximo ao "Arroio do Padre". Ao centralizar estes edifícios no núcleo Quatro Irmãos, a ICA previa a posterior construção de outras edificações nas proximidades do Arroio, como moinho e serraria, concentrando todas as atividades

⁹⁷ Correspondência de Paris para Philipson, n° 179, de 9 de junho de 1909 – AHJB-SP – cx7 M5.

⁹⁸ 2° Rapport sur Quatro Irmãos – 1924, p.2. AHJB-SP – cx33.

necessárias à colônia no mesmo local. A escola estava projetada a 6 km do lote mais distante, considerado como distância "relativamente curta" pela instituição⁹⁹.

A construção de uma escola estava diretamente ligada ao processo de instalação dos colonos. A ICA previa a construção da escola ainda em 1911, ao mesmo tempo em que fossem construídas casas e galpões. O projeto previa a construção de uma escola central, que atendesse toda a colônia. Segundo a administração local, uma única escola seria capaz de atender aproximadamente 100 famílias (200 alunos), e traria uma série de vantagens para a instituição. Uma única escola representava custo mais baixo de construção, por se tratar de apenas um prédio, além de ensino uniforme e possibilidade de uma inspeção eficaz. O projeto previa ainda a construção de alojamento para o diretor e professores auxiliares próximos ao prédio da escola¹⁰⁰.

Os custos de construção preocupavam a ICA em relação a todos os prédios que estavam presentes no projeto da colônia. Mesmo sabendo que as casas de tijolos ofereceriam a vantagem de solidez e durabilidade, e sabendo das grandes chuvas de julho e agosto na região, e dos problemas enfrentados pelas casas de madeira nessa época do ano, a direção geral da ICA acabou concordando com a construção de casas de madeira tendo em vista o custo mais baixo destas¹⁰¹.

Dentre os judeus selecionados para a colonização de Quatro Irmãos, destacavam-se os de origem ashkenazi¹⁰², provenientes principalmente da Rússia e da Romênia (onde se inclui a Bessarábia) e que em seus países de origem falavam o ídiche. Configurou-se um tipo de colonização que priorizava a imigração de caráter coletivo, selecionado e dirigido.

Em 1916, a ICA mandou construir um ramal ferroviário ligando Quatro Irmãos a Erebango, unindo-a à rede da Viação Férrea¹⁰³. O projeto de construção de um entroncamento da ferrovia, que atravessaria Quatro Irmãos, encontrava-se nas disposições iniciais da ICA em relação à colônia, pois a linha de ferro ligando Quatro Irmãos a Erebango facilitaria o transporte da madeira a ser explorada pela instituição na região¹⁰⁴. Ao mesmo tempo, a ICA possuía um grande interesse na formação de pequenos empreendimentos comerciais e industriais nas colônias brasileiras, assim como ocorria em suas colônias argentinas. No

⁹⁹ Correspondência de Philipson para Paris, n° 320, 23 de janeiro de 1912, in Pesquisas Regionais, ano 8 n° 16. Erexim: Fundação Alto Uruguai para a Pesquisa e o Ensino Superior, setembro de 1985, p.26. AHRs.

¹⁰⁰ Correspondência de Philipson para Paris, n° 268, 6 de fevereiro de 1911, in Pesquisas Regionais, ano 7, n° 15. Erexim: Fundação Alto Uruguai para a Pesquisa e o Ensino Superior, julho de 1985, p. 2,3. AHRs.

¹⁰¹ Correspondência de Paris para Philipson, n° 246, 6 de julho de 1911, p. 2. AHJB-SP – cx7 M5.

¹⁰² Judeus provenientes da Europa Central e Oriental.

¹⁰³ EIZIRIK, Moysés. *Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1984. p. 22.

¹⁰⁴ Correspondência n° 268, de 06 de fevereiro de 1911, assinada por A. Leibovich e endereçada à direção da ICA em Paris, in *Pesquisas Regionais, ano 7 n° 15, op. cit.* p. 5.

entanto, as disposições favoráveis a esse desenvolvimento requeriam medidas da administração local para evitar a especulação de terrenos, e se assegurar da intenção de possíveis compradores. A instituição esperava que vilas se formassem rapidamente, já que de seu desenvolvimento dependeria o sucesso de sua estrada de ferro¹⁰⁵.

O projeto previa, portanto, a concentração, na vila de Quatro Irmãos, de todas as construções que deveriam ser feitas para a administração e para os colonos, formando um centro. A concentração das atividades econômicas e sociais neste centro atuaria num duplo sentido, ou seja, ao mesmo tempo em que constituiria um ponto de contato com a sociedade mais ampla, na medida em todas as atividades comerciais partiriam deste ponto, reforçaria a construção de um espaço coletivo, marcando a existência de uma comunidade diferenciada.

Os centros, tanto em Quatro Irmãos quanto em Moisés Ville, atuavam como espaços de transição entre a vida comunitária propriamente dita e a sociedade de instalação. Nos centros, a existência transcorria aberta para toda a coletividade, incluindo a vizinhança não-judaica. Nestes, se estabeleceram formas variadas de interpenetração da vida comunitária e a sociedade de instalação, concretizando uma forma de organização da vida com dois domínios opostos e claramente distintos, não significando, necessariamente, uma oposição/contradição, na medida em que não se abre mão de um para viver o outro. Que não se entenda essa relação de maneira simplista; o que se constitui fora da comunidade é regido por normas novas, e a diferenciação modifica tanto a comunidade quanto a sociedade mais ampla; ambas já não se desenrolam da mesma maneira. Enquanto suas fronteiras se deslocam e se definem com maior precisão, simultaneamente sua substância se transforma. Significa, portanto, perceber uma história complexa, que deve captar como a colônia se constitui e se erige sobre uma existência coletiva e, ao mesmo tempo, sua relação com a sociedade que a envolve, num constante movimento de redefinição de fronteiras.

Mesmo com a organização desta estrutura, visando o fortalecimento de uma coletividade judaica, Quatro Irmãos enfrentou dificuldades desde o início de sua organização. O recrutamento, e a origem dos colonos que seriam instalados em Quatro Irmãos, geraram uma série de discussões envolvendo a direção da ICA em Paris e sua administração no Brasil. Em 1910, a direção de Paris declarava que "*nós temos intenção de instalar não os colonos vindos diretamente da Rússia, mas sim trabalhadores agrícolas que tenham terminado um longo estágio nas colônias de Entre Rios. Vós sabeis que lá se encontra um elemento de trabalho e, em grande número, plantadores de tabaco (bessarabianos) que oferecerão boas*

¹⁰⁵ Correspondência de Paris para Erebangó, nº 378, 15 janeiro de 1914. AHJB-SP – cx7 M9.

chances de sucesso rápido no Brasil"¹⁰⁶. Ao propor a instalação de colonos argentinos, a ICA revelava um desvio em relação a seus objetivos enquanto instituição de auxílio a judeus perseguidos na Europa. Filantropia ou colonização? O interesse é o de instalar colonos ou promover a saída de judeus perseguidos na Europa? Em diversos momentos, o interesse da ICA voltava-se exclusivamente para a atividade de colonização, buscando a obtenção de sucesso nesta atividade. E este objetivo apontava para a Argentina como o melhor lugar para a realização do recrutamento:

*"Tratando-se de um início de colonização, devemos fazer todo o possível para não tomar as pessoas ao acaso e não criar um início defeituoso. Considerando que estas famílias se encontram já num centro agrícola e ademais, muito perto daqui, penso que seria mais fácil se dar conta de seu valor do que se fôssemos fazer uma seleção na Rússia. Seria útil que recomendéis especialmente à Direção da Argentina para que a administração de Entre Rios, encarregada do recrutamento, tome a peito esta incumbência como é necessário"*¹⁰⁷.

Segundo A. Leibovich, diretor de Philipson, em correspondência enviada à direção da ICA em Paris no dia 09 de maio de 1911¹⁰⁸, os colonos estabelecidos em Lucienville e Clara não demonstravam nenhuma disposição para vir ao Brasil. A maior parte destes colonos alegava que não tinha entusiasmo para emigrar para um novo país após ter enfrentado tantos sacrifícios em sua viagem da Rússia para a Argentina. Ao mesmo tempo, já haviam se adaptado às colônias argentinas, onde a maioria possuía parentes e dominava o gênero de trabalho. No momento, estavam satisfeitos com suas vidas nestas colônias, e apenas desejavam novas habitações, preferindo esperar que a ICA comprasse outras terras para colonizar na região ao invés de *iniciar novas peregrinações*. Entre estes, poucos declararam que pensariam na proposta caso a ICA assumisse de lhes fornecer, além das despesas de viagem, a subsistência durante o primeiro ano de sua estadia no Brasil. Evidenciava-se claramente que o imigrante judeu desejava instalar-se definitivamente na colônia, indício de que a integração poderia se dar e de que os colonos não desejavam partir.

O recrutamento na Argentina envolveu longas negociações, uma política de propaganda por parte da direção das colônias argentinas em relação ao Brasil e, principalmente, o estabelecimento das mesmas concessões destinadas a Philipson (despesas de viagem, instalações, inventário contendo animais, ferramentas e sementes, etc.).

¹⁰⁶ Correspondência de Paris para Philipson, n° 228, 24 de novembro de 1910 – AHJB-SP – cx7 M5.

¹⁰⁷ Correspondência de Philipson para Paris, n° 268, 6 de fevereiro de 1911, in *Pesquisas Regionais*, op. cit., p. 3, 4.

¹⁰⁸ Correspondência de Philipson para Paris, n° 278, de 09 de maio de 1911, assinada por A. Leibovich e endereçada à direção da ICA em Paris, in *Pesquisas Regionais*, op. cit. p.14.

Diante das dificuldades enfrentadas pela ICA no recrutamento de famílias argentinas, a administração local propôs que a instituição voltasse sua atenção para a Rússia: "*onde há tantos infelizes que nada exigem a não ser serem salvos das perseguições de que são vítimas (ver os últimos acontecimentos em Kiew). Esta pobre gente certamente não apresentará dificuldades e não conhecendo as altas ambições dos emigrantes da Argentina se contentarão tranqüilamente daquilo que conseguirão no Brasil por seu trabalho*"¹⁰⁹. Assim, a direção local da ICA enfatizava a necessidade de recrutar judeus russos no primeiro grupo de colonos, pois "*é ainda muito cedo para contar com um grande contingente da Argentina para Quatro Irmãos*"¹¹⁰.

No entanto, para a direção da ICA, as vantagens de formar o primeiro grupo com imigrantes vindos da Argentina não foram esquecidas: "*... acostumados já à vida do campo, (...) apesar das diferenças que existem entre a vida do colono argentino e a do colono do Rio Grande. Seria necessário, todavia, dar aos imigrantes dispostos a ir para o Brasil uma descrição tão exata quanto possível das condições do país*"¹¹¹. Ao mesmo tempo, os colonos de Maurício, selecionados para compor parte do primeiro grupo destinado a Quatro Irmãos, se ocupariam da construção de casas e participariam do processo de organização da colônia para a chegada de imigrantes vindos da Rússia¹¹².

Mesmo recebendo estas concessões, assim como os pioneiros de Philipson, os imigrantes que chegaram a Quatro Irmãos enfrentaram uma série de dificuldades, a começar pelo fato de que as casas encontravam-se inacabadas e existia uma infra-estrutura precária. As instalações, incluindo a construção das casas, permaneceram no estágio de projeto até que as condições do recrutamento fossem definidas, o que ocorreu em um curto espaço de tempo antes da chegada dos primeiros imigrantes. Com isto, a ICA tentava evitar a deterioração das construções caso estas permanecessem muito tempo desocupadas e, conseqüentemente, agravava a situação dos primeiros colonos, acentuando as dificuldades pelas quais tiveram que passar¹¹³.

¹⁰⁹ Correspondência de Philipson para Paris, n° 278, 9 de março de 1911, in *Pesquisas Regionais, ano 7 n° 15, op. cit.*, p. 14.

¹¹⁰ Correspondência de Philipson para Paris, n° 229, 22 de setembro de 1911, in *Pesquisas Regionais, ano 7 n° 15, op. cit.*, p. 36.

¹¹¹ Correspondência de Philipson para Paris, n° 331, 3 de março de 1912, in *Pesquisas Regionais, ano 8 n° 16, op. cit.*, p. 41.

¹¹² Correspondência de Paris para Philipson, n° 283, 6 de junho de 1912, p. 1, 2. AHJB-SP – cx7 M6. Nesta correspondência a direção geral da ICA comunicava a partida de colonos de Maurício para Quatro Irmãos e orientava a utilização desses colonos nas atividades de organização da colônia.

¹¹³ Correspondência n° 283, de 06 de julho de 1911, assinada por A. Leibovich e endereçada à direção da ICA em Paris, in *Pesquisas Regionais, ano 7 n° 15, op.cit.*, p. 21.

Além disso, um grande número de famílias não aguardava o resultado do processo de seleção realizado na Europa e migrava por conta própria para o Brasil, apresentando-se à direção da ICA em Quatro Irmãos. *"Nós acreditamos que devemos chamar vossa atenção para o fato de que se no início vós aceitastes todos aqueles que se apresentaram, vós podeis agora mostrar-vos mais severos e fazer uma seleção. As famílias que foram recrutadas por nossos agentes seja na Rússia seja na Argentina, devem ser admitidas e instaladas. (...) Quanto àquelas vindas ou que virão por conta própria (e que possuem sem dúvida algum recurso) elas podem esperar. Será talvez possível ocupar essas famílias no trabalho da estrada de ferro ou na floresta. Na espera vós lhes observareis, e vereis quais entre elas convém instalar em 1914. Isso vos permitirá fazer uma escolha e não admitir as famílias que não apresentem chances de sucesso. Como em nossas colônias da Argentina, a preferência deverá ser dada às famílias mais numerosas e compostas de jovens homens em condições de trabalhar os campos"*¹¹⁴.

Estes colonos espontâneos constituíram um problema para a ICA: *"A Direção os trata da melhor maneira que pode. Logo começam as reclamações que se degeneram em hostilidades. Um grande número dentre eles deixaram a colônia, depois de ter abusado da confiança da Administração. Outros se instalaram na colônia Cravo do governo, recebendo ao mesmo tempo os subsídios de nossa Sociedade"*¹¹⁵. Paralelamente, a ICA enfrentava o problema dos subsídios necessários às famílias de colonos com maiores dificuldades. O Conselho decidiu então conceder um auxílio de 10 contos por mês durante 2 meses como subsídio aos colonos mais necessitados: *"Nós vos rogamos não esquecer que esses socorros não deverão ser dados a não ser em casos de necessidade absoluta, agir de outra forma será um perigoso exemplo e nós poderemos ver afluir um elemento talvez pouco recomendável, atraído somente pelo atrativo desses subsídios"*¹¹⁶.

Surgiram também problemas relacionados ao excesso populacional da colônia, que se programou para a instalação inicial de um número de aproximadamente 50 famílias. A administração local avaliava que em 1913 se encontravam em Quatro Irmãos aproximadamente 300 famílias. O surgimento da febre tifóide entre os recém-chegados serve como indicativo das precárias instalações e da ausência de qualquer serviço sanitário destinado aos imigrantes, alojados em galpões, à espera de uma possível colonização¹¹⁷.

¹¹⁴ Correspondência de Paris para Erebangó, nº 322, 14 de março de 1913. AHJB-SP – cx7, M7.

¹¹⁵ 2º Rapport sur Quatro Irmãos, *op. cit.*, p. 2.

¹¹⁶ Correspondência de Paris para Erebangó, nº 337, 5 junho de 1913. AHJB-SP – cx7, M8.

¹¹⁷ GRITTI, Isabel Rosa. Dissertação de mestrado. *op. cit.*, p.64.

2.2 Normalização através da terra: a agricultura

Entre os principais objetivos da ICA estava a tentativa de mudar a estrutura ocupacional dos judeus, propondo um retorno à terra como tentativa de integração destes à sociedade mais ampla. Por outro lado, a agricultura, como atividade a ser desenvolvida em áreas vazias, atendia às necessidades dos governos argentino e gaúcho no que se refere à instalação de colonos, e constituía uma etapa fundamental para a adaptação destes imigrantes a uma nova realidade. Embora a proposta da ICA estivesse ligada à tentativa de promover a integração destas comunidades, a estrutura montada pela instituição atuava em sentido contrário, criando condições para a manutenção de uma identidade judaica no contexto da imigração, e provocando um relativo isolamento destas comunidades. Neste sentido, discutirei aqui a dificuldade do colono em tornar-se agricultor e a atuação da ICA na realização de seu projeto.

A agricultura relaciona-se com a identidade judaica neste período na medida em que representava uma série de mudanças para os colonos. Em primeiro lugar, ocorreu uma mudança de status atribuído à própria atividade. Em seu país de origem, na maioria das vezes, a comunidade judaica dedicava-se às atividades de comércio. A agricultura, mesmo quando praticada, era vista como atividade de menor importância, voltada à subsistência na aldeia. Ao contrário, nos países latino-americanos, a agricultura passava a ser condição para a instalação dos colonos, e a obtenção de um lote fazia com que este indivíduo, de artesão ou comerciante, tivesse que tornar-se agricultor. Segundo Francis Korn¹¹⁸, ao discutir as dimensões do processo de *assimilação*, das quais me referi anteriormente, a integração passaria pela *participação* do recém-chegado nas distintas estruturas da sociedade receptora, atuando em atividades que são fundamentais para esta sociedade. Neste sentido, a agricultura era condição para integração, e a adaptação do colono à nova atividade provocava transformações que afetariam a forma pela qual passaria a relacionar-se com a sociedade de instalação, assim como a própria visão de si mesmo.

O trabalho no campo fazia com que o imigrante saísse da esfera comunitária e buscasse a inserção na sociedade mais ampla, configurando um duplo movimento: de um lado, os locais de trabalho já não eram mais os mesmos, e a atividade agrícola tornava-se realidade. Ao mesmo tempo, a agricultura passava a ser regida não mais por normas ligadas à subsistência, e sim pela necessidade de integração, voltadas para um mercado externo à

¹¹⁸ KORN, Francis. *Algunos aspectos de la asimilación de inmigrantes en Buenos Aires* in América Latina. Rio de Janeiro: Ano 8, nº 2, abril-junho de 1965. p. 78.

comunidade. Era uma transformação decisiva na medida em que, integrado à esfera privada, o trabalho no campo alterava hábitos e práticas cotidianas.

Além disso, a atividade agrícola gerava uma relativa abertura do espaço comunitário aos estranhos, seja através do verdureiro que entrava na colônia com seus produtos, ou em função da necessidade de comercializar os produtos da colônia no centro ou na cooperativa. Neste sentido, temos uma grande transformação social: a colônia conferia à atividade agrícola uma significação radicalmente nova. A família tornava-se uma unidade de produção autônoma, uma célula econômica. Ao mesmo tempo, embora seja uma atividade restrita a cada família, o êxito do grupo familiar se inscrevia no espaço coletivo. O êxito privado também pertencia à comunidade, pois representava as possibilidades de êxito da colonização em si, e permitia a comparação com outras etnias.

A participação de toda a família na agricultura ainda desempenhava um papel determinante na educação dos jovens, o que era reforçado pela escola com a educação agrícola. O filho aprendia o ofício com os pais, dentro dos limites da comunidade; a aprendizagem passava a ser concebida como necessária à preservação do grupo. Por outro lado, a função econômica da família ia de encontro ao ideal de emancipação do colono proposto pela ICA.

No que se refere a Moisés Ville, Noé Cociovitch, em seus relatos, afirma que mesmo antes da empresa do barão surgir na Europa, já existia na Rússia, entre os judeus, o desejo de mudar radicalmente sua forma de vida econômica, principalmente através da agricultura. Porém, na Rússia era difícil conseguir terras, principalmente após o agravamento das restrições contra judeus. Ao mesmo tempo, Cociovitch afirma que estes judeus estavam conscientes da dificuldade da tarefa de dedicar-se à agricultura: "*Había que prepararse para atravesar difíciles etapas y estar listos para luchar frente a frente contra todo tipo de inconvenientes. Con una gran dosis de paciencia y perseverancia se podría alcanzar la meta*"¹¹⁹. Se existia pré-disposição para a atividade, os rumos traçados pela ICA em seu projeto eram suficientemente claros: a agricultura marcava o processo de seleção e transformava-se numa imposição.

As diferenças entre a colônia e o país de origem, mesmo para aqueles que tinham algum contato com a atividade agrícola, geravam a necessidade de alguma adaptação. A possibilidade de sobrevivência e êxito na nova atividade dependia da capacidade de compreender o funcionamento de uma realidade certamente não imaginada pelo colono.

¹¹⁹ COCIOVITCH, Noé. *op. cit.* p.53.

Cociovitch destacou que, na Lituânia, o agricultor produzia tudo o que era possível em seu terreno. A produção alimentava a família e somente o que sobrava era vendido. Em Moisés Ville, a economia tinha outra orientação: o colono produzia somente trigo e um pouco de linho exclusivamente para o mercado e comprava os produtos de que necessitava, como na vida urbana, para seu próprio uso. Era o comércio realizado na colônia, muitas vezes com não-judeus, que realizava o abastecimento de verduras e algumas vezes de dinheiro emprestado. As vendas eram feitas na maioria das vezes fiado, com a intenção de saldar a dívida após a colheita. Muitas vezes os colonos afundavam em dívidas a ponto de ter que abandonar a atividade de colonização.

No contrato proposto pela ICA, a pessoa ocupava o lugar principal – o colono deveria ser judeu, e trabalhar por conta própria a terra. O contrato da ICA proposto para Moisés Ville, em 1895, estabelecia um prazo de 20 anos para o pagamento da dívida. No contrato, a criação de gado estava proibida, o campo deveria ser utilizado unicamente para a produção de cereais, a família do colono se comprometia a trabalhar o campo pessoalmente, peões não poderiam ser utilizados, a não ser em época de colheita. Este contrato foi assinado por todos os colonos, ao contrário do que acontecia em outras colônias, onde muitos se recusavam a assiná-lo. Em Moisés Ville, os colonos mais velhos não podiam usar o argumento que surgia em outras colônias ("enviénnos de regreso"), pois haviam se estabelecido na colônia antes da chegada do barão Hirsch. O grupo de novos colonos lituanos assinou o contrato sem restrições, pois sua sobrevivência dependia da ajuda mensal dada pela ICA. Além disso, o grupo possuía uma visão otimista da colonização, assim como confiança no barão. A solidariedade às colônias que se negaram a assinar o contrato não pode ser pensada, pois não havia comunicação entre elas, em função da distância geográfica e inexistência de uma imprensa judaica.

Se a agricultura não era capaz de proporcionar ao colono as condições de subsistência, este buscava em outras atividades a possibilidade de lucro. Voltavam-se para a venda de gado ou mesmo para a possibilidade de produzir leite e queijo para a venda. Cociovitch criticava a inexistência de hortas na colônia, o que obrigava os colonos a recorrerem ao verdureiro para obter verduras. A produção destes alimentos, segundo ele, traria uma grande economia para os colonos. Suas memórias descrevem a entrada de um vizinho italiano na colônia, trazendo em uma carreta cebolas e aves para a venda, e Cociovitch questiona: se o vizinho italiano consegue produzir verduras, por que os colonos judeus não conseguiam?¹²⁰ O questionamento elaborado por Cociovitch aponta para a criação do mito de que israelitas não eram aptos ao

¹²⁰ *Idem.* p.110.

trabalho agrícola, ou de que as terras não eram adequadas à atividade. Para a ICA, o fracasso de suas colônias no trabalho com a terra era explicado em correspondências e relatórios pela falta de habilidade e dedicação por parte do colono. Para o colono, *"la improductividad de nuestras tierras en lo que atañe a productos hortícolas era para los colonos un axioma que se mantuvo durante varios decenios, no sólo en Moisés Ville, sino también en nuestras colonias de la provincia de Entre Ríos"*¹²¹.

Ao mesmo tempo, a entrada do vizinho italiano e sua produção agrícola forneceu ao colono judeu a possibilidade de comparação. No contexto nacional, a atividade agrícola era valorizada, e o desejo de sucesso nesta atividade pode constituir um indicativo de aceitação da nova realidade.

Além das dificuldades iniciais de adaptação, a sobrevivência na colônia dependia do trabalho físico na agricultura ou de algum dinheiro adicional (como o obtido com a venda de gado). A máxima aspiração do colono era possuir um bom boi e adequados implementos agrícolas para o trabalho. *"No era fácil obtener un buen inventario vivo. Si uno no acertaba con un buey, se lo carneaba y ¡la otra cosa!"*¹²².

A tarefa inicial do colono resumia-se a preparar a terra para o cultivo, eliminar ervas daninhas, irregularidades do terreno e insetos. O trabalho levava muito tempo devido à falta de prática dos colonos. Também buscava-se obter leite das vacas fornecidas pela administração. Além de serem diferentes das que tinham na Europa, não era fácil capturá-las – de acordo com os costumes da região, o gado era criado solto, sem poteiros ou cercas. As dificuldades começavam na hora de pegar os animais do campo, principalmente quando os colonos não dominavam o laço.

A criação de gado como atividade alternativa estava ligada à crença dos colonos de que poderiam desenvolver outra atividade que não apenas a agricultura. O dinheiro que sobrava era utilizado para compra de vacas – os judeus lituanos pretendiam dedicar-se à produção de leite. Começaram a fabricar queijo lituano triangular, gerando interesse dos outros colonos sobre a fabricação. Havia mercado em Moisés Ville para esta atividade.

Na época de semear a terra, os colonos mais antigos auxiliaram os recém-chegados, orientando o trabalho que deveria ser feito. Alguns "novillos", como passaram a ser chamados, foram contratados pelos antigos colonos como peões para trabalhar a terra – ao mesmo tempo em que conseguiam trabalho, aprendiam a atividade agrícola na prática. Em 1895, primeiro ano da colonização do grupo de Cociovitch, os colonos enfrentaram muitas

¹²¹ *Idem.* p.111.

¹²² *Idem.* p.117.

dificuldades para preparar o terreno para semear. Sem chuvas, o trabalho tornava-se mais difícil para o grupo sem experiência. No transcurso do ano, conseguiram preparar 2.500 hectares, significando uma média de 60 hectares por família. Foi considerado um grande êxito dos novatos, pois estes números só eram obtidos pelos colonos depois de vários anos de permanência na colônia. Trabalhavam todo o dia, trocando a junta de bois a cada meio dia. Nas "Doze Casas", se estabeleceu uma coletivização do trabalho com o gado entre os membros da aldeia. Fazia-se um revezamento do papel de pastores de acordo com uma ordem estabelecida. Depois da ordenha, o gado era levado para pastar, trazendo-o de volta à noite. Nas noites escuras, o telhado das casas era sinalizado com tochas, para que os responsáveis pelo gado pudessem guiar-se no caminho de volta à aldeia.

As poucas e más colheitas tornaram crítica a situação econômica da colônia, o trigo e o pouco linho eram praticamente os únicos produtos que sustentavam os colonos. Moisés Ville não produzia outras culturas: "*La colonia no sabía que en el resto del país se industrializaba la leche y que la alfafa era un producto de exportación*"¹²³. O contato com a sociedade mais ampla era restrito, as relações comerciais com vizinhos não-judeus evidenciavam as diferenças, e os colonos demonstravam ter consciência do isolamento da colônia, que se fechava em seus limites.

A primeira colheita realizada pelo grupo de judeus lituanos em 1896 representou o início de uma dedicação efetiva do colono à agricultura, embora o trigo, afetado pelos gafanhotos, tenha sido totalmente perdido. O lucro da colheita foram os centavos que se recebiam pelas bolsas cheias de gafanhotos, já que para combater esta praga, o governo passou a pagar trinta centavos para cada bolsa cheia¹²⁴.

Se a agricultura era vista pela ICA como meio de integração, a falta de orientação por parte da instituição não facilitava aos colonos a inserção no contexto nacional. A transformação em agricultor envolvia a sobrevivência através do trabalho no campo, e a superação das dificuldades encontradas no exercício da nova atividade. O trabalho agrícola era condição e, ao mesmo tempo, impedimento à integração. A concentração espacial reduzia os contatos com o mundo exterior, e as dificuldades encontradas pelos colonos na nova atividade dificultavam suas relações comerciais com a sociedade de instalação. Assim, o fator de assimilação, dado pelas relações de trabalho, tem sua amplitude bastante restringida. Se na Europa, a segregação em guetos e a restrição de suas atividades por leis e costumes opressivos fazia com que os judeus permanecessem isolados social e fisicamente da sociedade mais

¹²³ *Idem.* p.144.

¹²⁴ *Idem.* pp.152-153.

ampla, na colônia o isolamento físico, reforçado pela dificuldade do colono em relação à atividade agrícola, atuava como impedimento à completa integração do colono à sociedade de instalação.

Cociovitch oferece dados estatísticos da ICA, do ano de 1896¹²⁵:

Colonia	Cantidad de colonos	Hectáreas sembradas	Promedio por colono
Clara	585	21.247	36 hectáreas
Lucienville	87	3.557	41 hectáreas
Mauricio	187	4.907	26 hectáreas
Moisés Ville	91	7.557	83 hectáreas

Ao fornecer estes dados, Cociovitch pretende evidenciar as características que diferenciavam Moisés Ville das demais colônias: a reduzida extensão (10.000 hectares quando as outras eram maiores), o número de colonos, e o empenho de cada colono, já que em Moisés Ville o número de hectares cultivados por colono era maior do que nas demais. O destaque para Moisés Ville, tendo em vista estes critérios, é apontado por Cociovitch como conseqüência do fato de que a colônia possuía apenas um administrador. Nas maiores colônias, a direção era exercida por um administrador principal, auxiliado por agentes. Os agentes representavam o administrador nos distintos grupos que estavam longe da administração principal.

A análise de Cociovitch destaca a atuação de Miguel Cohen, que adquiriu fama na época como o mais capaz administrador a serviço da ICA. Em Cociovitch, Cohen aparece como "*más que administrador era un buen propagandista, un misionero consagrado a inculcar la fe en el futuro promisorio de la colonización*"¹²⁶. Cohen pretendia diversificar o plantio – não cultivar apenas trigo e linho, que eram ameaçados pelos gafanhotos. Propunha o plantio de alfafa, que não era suscetível à praga, e que produzia durante muitos anos depois de semeada uma única vez. Assim, Cohen pretendia transformar a alfafa em produto de exportação. Paralelamente, com a produção em maior escala de alfafa, seria possível trocar o gado criollo por vacas de raça, que ofereceriam leite suficiente para ser industrializado (propostas como estas surgiram apenas em 1924 em Quatro Irmãos, após a constatação de que a colônia brasileira enfrentava sucessivas crises e fracassava na atividade agrícola). No entanto, o projeto necessitava de investimento inicial, crédito que deveria ser autorizado pela central da ICA em Paris. A distância entre Paris e a Argentina, e a lentidão de funcionamento do grande aparato da ICA, criavam dificuldades para a execução dos projetos de Cohen.

¹²⁵ *Idem.* p.155.

¹²⁶ *Idem.* p.156.

Enquanto em Quatro Irmãos a direção local não possuía experiência no trabalho agrícola, dependendo das determinações do Conselho Agrícola de Paris, em Moisés Ville, Cohen tomava a frente nas atividades de orientação dos colonos. Sua administração, de 1894 a 1900, transformou Moisés Ville em um próspero centro agrícola, que se destacava pela produção da alfafa. Cohen, que conhecia a fundo a agricultura da zona de Moisés Ville, mesmo não sendo agrônomo, propôs reformas que, mesmo sem incentivo da ICA, produziram novas perspectivas para a colônia. A introdução da alfafa, pouco suscetível às pragas, rendia vários cortes por ano, era facilmente colocada no mercado e constituía um excelente produto para a criação de gado. Também a introdução na colônia de novilhos e vacas de raça, destinados a melhorar o plantel para a criação de gado, foram atitudes que modificaram o perfil da colônia¹²⁷. Moisés Ville aproximava-se da proposta inicial da ICA, onde o colono seria inserido na estrutura produtiva dos países de instalação; contraditoriamente, a direção central não apoiou este projeto. O sucesso destas atividades significava uma intensificação dos contatos ente colonos e sociedade de instalação, criando laços que facilitariam a integração.

Cohen é apresentado como alguém que não queria seguir ordens teóricas vindas de Paris, preferia agradar seus superiores com os resultados de seu trabalho, demonstrando sua capacidade como funcionário. Atuava, segundo Cociovitch, entre dois fogos: de um lado a direção da ICA, que o considerava pouco obediente, e de outro lado a colônia, que o considerava um tirano, responsável por tudo que não lhe agradava. A direção aprendeu a conviver com Cohen, pois os resultados de seu trabalho eram um sucesso. Os colonos, mesmo quando descontentes, eram mantidos na colônia em estado de relativa calma, e logo perceberam as vantagens obtidas pelas propostas de Cohen.

A produção leiteira foi proposta por Cohen como experimento, tendo em vista que Moisés Ville não tinha um mercado próximo para o consumo de leite. Para mercados mais distantes o produto não poderia ser enviado, a não ser que houvesse um processo de industrialização, como a produção de queijo e manteiga. A ICA não se dispôs a fornecer o capital necessário à montagem da fábrica. A colônia optou por estabelecer uma fábrica pequena e simples como experiência para constatar a viabilidade da atividade. A alfafa, por sua vez, crescia muito bem na região, mas o lucro com a produção demorou a surgir. Mais uma vez, o isolamento da colônia dificultava a inserção através da estrutura produtiva – longe dos maiores mercados, o colono buscava relações comerciais nas proximidades da colônia,

¹²⁷ MERKIN, Moises. *Panorama de la colonia Moisesville*. p.271, in MENDELSON, Jose et all. *op. cit.*

reduzindo sua esfera de atuação. Mesmo assim, Moisés Ville tornou-se um centro de referência da produção de alfafa no país.

Em Quatro Irmãos as dificuldades no que se refere à atividade agrícola não foram diferentes. Ao propor a colonização do grupo "Pampa", a direção da ICA em Paris afirmava que "[...] de nossa parte, faremos o necessário para que os colonos sejam prevenidos, antes de sua partida, da vida que terão que levar no Brasil. Iremos também tomar medidas a fim de melhorar nosso recrutamento, colonizando apenas, sobre esses 10 lotes, verdadeiros agricultores. [...] Nosso escritório de Varsóvia se ocupa atualmente de recrutar, entre os agricultores que se apresentam, o elemento litvaque, quer dizer, lituano, que nos forneceu os melhores colonos da Argentina (e, na falta de agricultores qualificados, o recrutamento entre os habitantes de regiões com florestas, gente habituada ao trabalho da madeira, como encontramos, por exemplo, na região de Pinsk"¹²⁸.

A experiência argentina, e principalmente o sucesso dos colonos lituanos, eram apontados pela instituição como um exemplo, capaz de orientar o caminho de organização para a colônia agrícola de Quatro Irmãos.

De acordo com o 2º *Rapport sur Quatro Irmãos*, de 1924, "os treze anos de exercício (analisados no relatório – 1912-1924) findaram pela força de implantar entre os colonos restantes uma certa prática no trabalho e um certo espírito de responsabilidade"¹²⁹. O objetivo do relatório é estabelecer um diagnóstico de Quatro Irmãos, identificando a origem de seus fracassos, propondo comparação com outras colônias e, a partir daí, propor medidas para seu desenvolvimento.

Para a ICA, "o sistema de colonização neste país é de outro modo mais difícil do que na Argentina ou na Europa. O trabalho de roças, o desmatamento de florestas virgens, mesmo as culturas mais elementares de mandioca ou de amendoim; colonos e administradores não estão preparados para este gênero de trabalho. Nossos colonos, sob conselho de nossos agrônomos, aplicaram o sistema agrícola europeu, trabalhando o campo. O resultado foi negativo. Os colonos acabaram por compreender muito tarde que o trabalho de roças se impõe. A terra de mato é muito mais rica que a de campo. Apesar dessa convicção, os colonos não possuem coragem de expandir a superfície das culturas no mato. A preguiça, a negligência e a incerteza de ficar na colônia lhes assombra sempre"¹³⁰.

¹²⁸ Correspondência de Paris para Erebangó, nº 597, de 31 de maio de 1912 – AHJB-SP, cx9 M4. pp.1-4.

¹²⁹ 2º *Rapport sur Quatro Irmãos*, de 1924 – 1924 – AHJB-SP, cx33. p.3.

¹³⁰ *Idem*. p.5.

A ICA demonstrava uma preocupação constante em manter o colono ligado à terra, já que nos contratos esta obrigatoriedade era estabelecida. No entanto, não existiam condições concretas para o desempenho da atividade agrícola na colônia, e seguiam-se procedimentos improdutivos. A constatação de que o sistema de cultivo em terras de campo era inadequado passou a ser discutida seriamente pela instituição em 1924, 13 anos após o início das atividades na colônia¹³¹. E mesmo em 1922, quando a Administração local passava ao controle de David Proushan, engenheiro agrônomo, em parceria com Marcos Pereira, não houve qualquer contribuição para o desenvolvimento da colônia¹³². Proushan, agrônomo diplomado em universidades dos Estados Unidos e ex-administrador da colônia Montefiore, na Argentina¹³³, dedicou-se exclusivamente às questões administrativas, e a orientação técnica continuava a ser feita à distância por Tisserand, conselheiro agrícola da ICA, estabelecido em Paris.

Além disso, o relatório conclui que os colonos não cultivavam mais do que 4% da superfície total de seus lotes, contribuindo para a construção da imagem de que o colono israelita não era apto ao trabalho agrícola. Para confirmar esta imagem, a ICA afirmava que, a partir das informações recolhidas de colonos alemães e italianos de Erebangó, Erechim, Carasinho, Sarandy e de Cravo, podia constatar que o rendimento destes era duas vezes ou talvez três vezes maior do que o obtido por colonos da ICA em Quatro Irmãos¹³⁴. Os dados abaixo, coletados pela ICA, apresentam um balanço da produção agrícola de colonos não-judeus e colonos de Quatro Irmãos¹³⁵:

Variedade	Produção de colonos estrangeiros por ha	Produção de colonos israelitas por ha	Diferença por ha
Milho	25 sacas	15 sacas	10 sacas
Trigo	20 sacas	7 sacas	13 sacas
Feijão	22 ½ sacas	2 ½ sacas	20 sacas
Amendoim	40 sacas	12 sacas	32 sacas
Batata	60 sacas	16 sacas	44 sacas

¹³¹ Em correspondência de Paris para Erebangó (s/n, de 21 de agosto de 1915 – AHJB-SP, cx8 M1A), a direção da ICA confirmava o recebimento do relatório elaborado por M. Baruch e Spiegel, diretores de Quatro Irmãos, onde estes afirmavam que, sobre terras de campo, as colheitas eram medíocres e pouco rentáveis. Mesmo assim, a ICA via o relatório como não conclusivo, afirmando que não apresentava novas informações capazes de melhorar as condições da colônia.

¹³² GRITTI, Isabel Rosa. Dissertação de mestrado. *op. cit.*. p.86.

¹³³ Correspondência de Paris para Erebangó, nº 608, de 3 de novembro de 1922 – AHJB-SP, cx9 M4.

¹³⁴ As colônias de Erechim e Sarandy receberam atenção especial da ICA em seu relatório de 1924, contando com uma descrição detalhada das mesmas. A colônia Erechim, fundada pelo governo estadual em 1913, tinha seus limites com Quatro Irmãos à leste da colônia; contava com imigrantes poloneses, italianos, alemães e colonos brasileiros, estabelecidos pelo governo. A colônia Sarandy pertencia ao Dr. Vergueiro, e a ICA afirmava que "os colonos foram abandonados no local" (2º Rapport sur Quatro Irmãos, *op. cit.*. p.15).

¹³⁵ 2º Rapport sur Quatro Irmãos, *op. cit.*. p.9.

Em outros momentos, a comparação também se fazia presente:

"Lapiné escreveu-nos sobre este assunto: "A mandioca da colônia possui um aspecto lastimável, não vi uma só planta bem desenvolvida, normal. Devo confessar que um sentimento de inveja me invadiu ao ver um campo de poucos hectares de mandioca magnífica, forte, alta, de um verde forte, bem desenvolvida, pertencente a um colono alemão nas proximidades de Erebangó'.

É necessário sanar este problema, e nos voltarmos absolutamente para obter este efeito. É preciso tornar compreensível a nossos colonos que não os deixaremos continuar neste caminho, e sanções serão tomadas contra os colonos em atraso de pagamento que tenham deixado de ser agricultores. Nós conhecemos seus argumentos: as formigas, as bestas selvagens, etc., etc.... Mas no momento em que os estrangeiros obtêm sucesso onde nossos colonos fracassam, é que a falha lhes incumbe, e não as circunstâncias. (...) É urgente que todos os nossos colonos compreendam que a pecuária não é mais do que um ramo de sua atividade e que eles podem pagar suas dívidas dedicando-se corajosamente ao trabalho, como seus vizinhos"¹³⁶.

Culpado pelo relativo fracasso na atividade agrícola, o colono de Quatro Irmãos passava a dedicar-se com maior empenho à criação de gado. Para a ICA, a criação extensiva praticada pelo colono rendia anualmente a soma de 400 a 600 mil réis. Para a instituição, este benefício era fictício, pois o colono não considerava as despesas de manutenção e de pastagem. Além disso, o colono sacrificava três hectares de campo para cada cabeça de gado, diminuindo significativamente o espaço que poderia ser utilizado com a agricultura. No entanto, a dedicação a esta atividade era justificada pois, com o aumento dos preços do gado em função da I Guerra Mundial (1914-1918), o déficit gerado pela pecuária poderia ser coberto¹³⁷.

A economia gaúcha havia enfrentado uma fase de prosperidade e crescimento com a abertura dos mercados internacionais para os produtos riograndenses durante a Primeira Guerra Mundial, beneficiando significativamente a pecuária. A Primeira Guerra Mundial inaugurou um período de euforia para a pecuária gaúcha em função das amplas perspectivas de mercado que se ofereceram no abastecimento dos países envolvidos no conflito. Os preços dos gêneros de consumo se elevaram significativamente, incluindo a carne frigorificada. A exigência de grandes quantidades de carne fez com que grandes empresas frigoríficas estrangeiras, que já atuavam no Prata, se instalassem no Brasil, principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, que possuíam rebanhos. As boas perspectivas de

* "Esta vantagem é obtida pelo fato de que esta cultura é praticada por nativos, em parceria com nossos colonos". O relatório refere-se ao arrendamento de terras realizado por colonos a não-judeus estabelecidos nas vizinhanças da colônia. Posteriormente a ICA tomaria uma série de medidas para impedir a sublocação dos lotes e obrigar o colono a cultivar sozinho suas terras. Muitas vezes, colonos arrendavam seus lotes e retiravam-se da colônia, indo estabelecer-se nas cidades próximas.

¹³⁶ Correspondência de Paris para Erebangó, nº 597, de 31 de maio de 1922 – AHJB-SP – cx9 M4, p.8.

¹³⁷ 2º Rapport sur Quatro Irmãos, *op. cit.*, pp.10-11.

mercado e a entrada destes frigoríficos estrangeiros representaram um grande impulso para o desenvolvimento da pecuária gaúcha, e fizeram com que os colonos voltassem seus interesses para esta atividade.

Com o final da guerra, houve uma retração no mercado, na medida em que as necessidades decresciam e os países que participaram da guerra conseguiam recuperar os níveis normais em sua produção. Os frigoríficos diminuíram a matança e baixaram os preços do gado. O Frigorífico Rio-Grandense, por exemplo, inaugurado em 1917 em Pelotas, envolveu todo o Estado na campanha por sua instalação. No período pós-guerra, sem condições de operar em larga escala, foi vendido, em inícios de 1921, à firma inglesa Westey Brothers que, posteriormente, o poria a funcionar com o nome de *Frigorífico Anglo*¹³⁸. Junto com a retração destes mercados, a concorrência platina acentuava a crise econômica, fazendo com que a pecuária gaúcha enfrentasse uma grave crise na década de 20.

A queda nos preços inviabilizava a criação de gado como única atividade a ser desenvolvida em Quatro Irmãos. Além disso, a ICA afirmava que "(...) *nossa meta é ver o colono cultivar sua terra, progredir neste ofício e não se ocupar de outros trabalhos fora de sua colônia*¹³⁹. Ao mesmo tempo, a comparação com outros colonos, e a dedicação do colono à pecuária, revelam que os resultados obtidos com o trabalho agrícola eram tidos como indicadores do sucesso, ou fracasso, da colonização em Quatro Irmãos. Após comparação e exposição de características das colônias Erechim e Sarandy, o relatório de 1924 conclui:

"Após ter visto os resultados de nossa colonização, em relação àquela do governo e de sociedades colonizadoras, de nossos vizinhos, podemos deduzir que o resultado negativo do trabalho de nossos colonos e dos esforços de nossa Administração são: 1º a não fixação e a falta de energia, de coragem de nosso elemento; ao lugar de obrigar à trabalhar nós lhes damos subsídio que lhe arrebatou todo espírito de iniciativa e de responsabilidade;

2º a negligência da Administração que poderia se servir da experiência da vizinhança para educar nossos correligionários. O crédito não falta nunca;

3º a falta de energia de reenviar impiedosamente todo aquele que não possui constância, seja no trabalho, seja na fixação;

4º ao recrutamento de colonos, sem se assegurar de sua capacidade;

5º a hesitação e tentativas contidas no sistema de colonização sem tomar uma resolução firme;

6º aos acontecimentos políticos do país que paralisaram momentaneamente a vontade dos colonos que desejamos ver voltados ao trabalho;*

7º as facilidades que damos aos colonos de se dedicar especialmente à pecuária, em duplicar seus lotes...

8º a falta de organização social;

9º enfim, a inconstância do pessoal, da Direção, como já vos sugeri (...) ;nada de mais prejudicial a uma colônia do que mudar constantemente seu pessoal.

¹³⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p.83.

¹³⁹ 2º Rapport sur Quatro Irmãos, *op. cit.* p.12.

* Neste ponto, o relatório refere-se à revolução de 1923, que atingiu o Estado e provocou um forte êxodo em Quatro Irmãos. Estes acontecimentos serão melhor trabalhados no terceiro capítulo deste estudo.

(...) A Direção, diante da prática adquirida por nossos 43 colonos restantes, deve empregar toda sua energia para obrigar os colonos a se ocuparem de suas chácaras antes de tudo. Nós vamos empregar neste ano todas as medidas: conferências agrícolas, demonstrações práticas, visitas aos colonos, ameaça de reenviar todo aquele que não cultivar 5 à 7 hectares de roça, no mínimo, encorajando as culturas industriais no campo.¹⁴⁰

As constatações da ICA demonstram que a proposta de colonização desejada pela instituição envolvia a necessidade de um elemento capaz de dedicar-se à atividade agrícola. Com a afirmação da identidade cultural judaica pré-migratória, ou seja, a reconstrução na colônia de uma estrutura marcada por componentes religiosos, sociais e comunitários baseados na tradição e cultura judaica, não haveria conflito entre a tradição e a integração. Ao alcançar o sucesso na atividade agrícola, a colônia tornar-se-ia independente, não necessitando dos subsídios da instituição, e seria capaz de desenvolver uma coletividade forte e organizada.

Ao afirmar a *falta de energia e coragem* dos colonos, a ICA ressaltava a imagem construída de que o colono israelita não se tornou agricultor em função de características que lhe eram próprias. Ao mesmo tempo, os subsídios fornecidos pela instituição teriam sido responsáveis por fortalecer estas características nos colonos, onde destacam-se a *falta de iniciativa e responsabilidade*. A direção central também atestava o distanciamento em relação a sua administração local. Para a ICA em Paris, a administração, não desempenhando seu papel, agravava o isolamento da colônia, que poderia tomar o sucesso obtido pelos vizinhos não-judeus como caminho para o desenvolvimento de Quatro Irmãos.

Além disso, em suas conclusões, a ICA defendia a punição exemplar como meio de atingir sucesso na atividade de colonização, mesmo que isto significasse um processo de seleção tardia, com a expulsão de colonos indesejáveis. Por outro lado, se em relação à atividade agrícola a colônia vivia um relativo isolamento, o item 6 destacado pela ICA refere-se a momentos nos quais a colônia se viu atingida pela sociedade mais ampla.

Diante da crise, a ICA procurava uma reafirmação de seu projeto inicial, privilegiando a agricultura como atividade produtiva a ser desenvolvida pelos colonos. Para isso, a educação agrícola, treinamento e punição faziam parte das proposições da instituição. O que foi visto com desconfiança em Moisés Ville tornava-se modelo: "(...) *É o mesmo na Argentina onde todavia nossos colonos se dedicam menos à agricultura propriamente dita em relação à indústria leiteira (leite, manteiga) de onde eles obtêm um lucro apreciável. Nossos colonos do*

¹⁴⁰ 2º Rapport sur Quatro Irmãos, *op. cit.* pp.18-20.

Brasil não poderão fazer o mesmo? (...) aqueles de Quatro Irmãos, poderiam fabricar queijo que suporta um longo transporte ¹⁴¹.

Ao mesmo tempo, a diversificação das atividades na colônia não poderia excluir a agricultura: "(...) É urgente que nossos colonos compreendam que é sobretudo do trabalho da terra que eles devem esperar sua subsistência e sua independência futura" ¹⁴². *Para isso, a educação agrícola do colono deveria ser aperfeiçoada, colocando a agricultura em pleno vigor em Quatro Irmãos. As terras de mato deveriam ser cultivadas e a ICA comprometia-se em aceitar o pagamento das anuidades em gado, mesmo admitindo os inconvenientes dessa medida, como provocar no colono a impressão de maior facilidade em relação à criação de gado e a necessidade de construir um potreiro para a instituição reunir o gado utilizado como pagamento.*

2.3 A construção do espaço coletivo e a configuração da fronteira

A vida comunitária judaica não é uma realidade natural, dada desde a origem dos tempos. É uma realidade histórica, construída de diversas maneiras em sociedades determinadas. Não existe uma identidade judaica de limites definidos para sempre, e sim recortes variáveis de aspectos que permitem ao indivíduo o reconhecimento como judeu. Estes aspectos, por sua vez, articulam-se entre a esfera da comunidade, e a sociedade mais ampla. Por outro lado, as fronteiras da comunidade judaica, no caso, as colônias, separaram claramente dois domínios: a colônia, que abrangia os costumes, a religião, a cultura e a sociedade, a partir da qual se fazia uma distinção, e a sociedade de instalação.

Assim, a perpetuação da judaicidade ao longo da história de deslocamentos e perseguições tem como um de seus principais pilares a sobrevivência, mesmo em contextos de mudança, de uma comunidade judaica que dava continuidade ao judaísmo entre a diversidade, criando espaços de reconhecimento e diferenciação capazes de preservar a cultura judaica.

Em artigo publicado na revista *Hatzefirá*, nº 150, de 7 de julho de 1894, assinado por Nahum Sluszc, um dos criadores de Jibat Tzión, conhecido literato e membro do Comitê Central dos Jovevé Tzión de Odessa, a emigração para a Argentina é discutida da seguinte forma:

¹⁴¹ Correspondência de Paris para Erebangó, nº 587, de 8 de dezembro de 1921 – AHJB-SP, cx9 M4, p.1.

¹⁴² *Idem*. p.3.

"...No entraré en discusiones con los irreflexivos que temen que los judíos de la Argentina se echen a perder o se asimilen fácilmente entre el gaucho y los indios salvajes. Ni ellos mismos comprenden en qué medida ofenden con su temor al pueblo judío, que resistió tantas y tan duras pruebas en el transcurso de su historia y en todas partes, y permaneció siempre fiel a sí mismo... !Los judíos no se asimilarían aunque viviesen en un país libre y, además, aislado...!"¹⁴³.

Ao discutir a preservação de uma coletividade judaica, mesmo em locais estranhos a esta comunidade, o autor do artigo intitulado “Sión y Argentina” afirma que mesmo longe de sua terra natal, ou longe de Eretz Israel, seria possível construir um espaço de preservação da cultura e tradição judaicas, e o colono estaria livre do risco de abrir mão da judaicidade em função da instalação em outro país. Ao mesmo tempo, estabelece a diferenciação entre judeus, portadores de uma cultura capaz de sobreviver à imigração, e a sociedade Argentina, onde figuram o *gaucho* e índios selvagens. Assimilar-se seria sofrer um rebaixamento do qual o colono estaria livre, já que a identidade judaica estava conformada por fatores como a história de perseguições, a diáspora, a manutenção consistente de uma identidade que é ao mesmo tempo religiosa, cultural e comunitária, ligada à trajetória individual e coletiva. Esta possibilidade de preservação da identidade judaica, consubstanciada na consciência de ser judeu e pertencer a uma comunidade específica, também é afirmada por Cociovitch:

"Viviendo aislado como en un yermo y con un dominante entorno no judío al que los colonos deberían, por lógica, adecuarse siquiera parcialmente, su imagen de la 'anticuada vida judía' no se volvió borrosa, sin embargo, sino que conservó sus contornos claramente delineados como en el viejo terruño. Judíos barbados cuidaban celosamente la cashrut (aptitud para el consumo de acuerdo con los preceptos dietéticos judaicos – N. del T.), la santidad del sábado y de las fiestas, hicieron tender alambres alrededor del poblado para considerarlo como propiedad privada dentro de la cual estaba permitido acarrear objetos en sábado, y hasta emplearon el viejo recurso de impedir la lectura de la Torá (antigua costumbre de la vida sinagoga, según la cual el afectado podía hacer detener la lectura de la Torá hasta que las partes llegasen a un acuerdo – N. del T.) cuando era necesario. Ni siquiera los no religiosos se atrevían a transgredir públicamente los principios de la fe mosaica. El guía espiritual era Harav Aarón Goldman, bendita sea su memoria, traído por los judíos de Podolia desde su terruño"¹⁴⁴.

A manutenção da cultura e tradição judaicas afirmava-se na existência de um espaço coletivo, onde era possível preservar a identidade judaica, mesmo em contato com culturas diferentes. Assim, a utilização de vestimentas próprias, a preservação de hábitos alimentares e a prática da religião judaica eram elementos presentes na reconstrução da vida comunitária judaica em uma nova terra. A criação do espaço coletivo envolvia a organização da comunidade através de diversas instituições, capazes de fornecer e manter um substrato comum de reconhecimento para os membros da comunidade.

¹⁴³ COCIOVITCH, Noé. *op. cit.*, p.98.

¹⁴⁴ *Idem.* p.105.

A organização inicial de Moisés Ville era bastante precária: não havia escola primária, correio ou registro civil, principalmente devido ao fato da colônia encontrar-se num período de formação. Alguns colonos utilizaram velhos livros de registro russos para a realização dos registros de nascimento na colônia. Este registro foi aceito como oficial pelo governo da província de Santa Fé, que o arquivou em seu registro central. O contato com os vizinhos envolvia relações que não alteravam diretamente a existência da comunidade, mas estavam ligadas ao processo de adaptação à colônia: o vizinho italiano, que trazia em uma carreta cebolas e aves para a venda, assim como a criação e venda de gado, constituíam pontos de contato com a realidade na qual a colônia estava inserida. O gado, por exemplo, considerado uma atividade adicional, era entregue por alguns colonos aos cuidados dos nativos, acordando-se que cada parte receberia a metade dos terneiros que nascessem. Os colonos recebiam de volta menos cabeças de gado do que haviam enviado: "*Las causas: esta vaca murió, la otra no parió, algunas fueron robadas y otras se perdieron...*"¹⁴⁵. Estas relações atestam a desconfiança com que o colono via o criollo, que adquiria uma imagem pejorativa no processo de diferenciação e afirmação da identidade judaica. Assim, os colonos se definiam ao se diferenciar dos criollos e, freqüentemente, ao se colocarem em posição contrária a estes. As crenças que começavam a se formar sobre a população local possibilitam a percepção da construção de algumas noções entre os colonos: o criollo era diferente do judeu, estava em oposição em relação ao judeu e não era benignamente diferente; o criollo era um corpo estranho em contato com a colônia, e fenômenos negativos eram associados à sua presença.

No entanto, a montaria, como principal forma de locomoção dos colonos dentro da colônia e nas vizinhanças, voltava a colônia para a convivência com o entorno não-judaico. Assim, havia um contato maior com a vizinhança (não-judeus) do que com as outras colônias, já que durante muitos anos estas permaneceram incomunicáveis devido às grandes distâncias que as separavam. Eventualmente, chegavam alguns periódicos do exterior que traziam informações sobre as colônias, geralmente sobre levantamentos contra a administração, disputas entre os colonos e, normalmente, sobre a situação trágica em que se encontravam¹⁴⁶.

A vida comunitária encontrava-se restrita a círculos menores, na maioria das vezes, no que dizia respeito aos limites da própria colônia. A chegada do grupo de Cociovitch, em 1894, incentivou o desenvolvimento de uma vida comunitária em Moisés Ville. A população se multiplicou, o comércio foi renovado (os novos colonos recebiam mensalmente a ajuda em

¹⁴⁵ *Idem.* p.113.

¹⁴⁶ *Idem.* p.118.

dinheiro da ICA – 4 pesos para cada filho até 12 anos e 8 pesos para os maiores). No centro da colônia passou a se desenvolver um comércio cada vez maior, que fornecia aos colonos maquinaria agrícola e outros elementos de que precisavam. No entanto, os subsídios da ICA não eram suficientes para a sobrevivência dos colonos e "*por el producto del campo debía esperar bastante tiempo*"¹⁴⁷. Alguns recorreram aos empréstimos, beneficiando verdureiros e outros comerciantes que exploravam os colonos. Os colonos dependiam da articulação com este comércio, num sistema de dependência em que as regras eram ditadas pelos comerciantes. A compra e venda de gado eram freqüentes entre colonos e vizinhos. Com os professores vindos com o grupo, resolveu-se o problema da educação das crianças. Foi construída uma escola e as crianças começaram a receber uma educação judaica e geral no idioma do país.

Ao mesmo tempo, a colônia contava com judeus vindos de diferentes locais da Europa e a relação entre os judeus lituanos e os "polacos", como se denominava os judeus vindos da Ucrânia, gerou a necessidade de adaptação. Segundo Cociovitch, pareciam diferentes. Quanto ao idioma, se diferenciavam em relação à fonética. Conviviam de forma pacífica e o estreito círculo de casamentos se ampliou – ambos os grupos começaram a assimilar-se entre si; festas e casamentos se converteram em fato freqüente na colônia entre velhos e novos colonos. "*Con la llegada del grupo surgió una fresca fuente de vida en la colonia, que antes estaba atrasada por hallarse aislada como en un desierto*"¹⁴⁸.

Além disso, outros fatores permeavam a construção do espaço coletivo em Moisés Ville. Os planos de Cohen não previam apenas o fortalecimento econômico da colônia, mas também pretendiam melhorar seu aspecto estético. "*Quería cubrir su desnudez con árboles y la construcción de lindas edificaciones. Hacia la primavera del primer año de nuestra llegada, le regaló a cada uno de nosotros varios centenares de retoños de paraíso, varillas delgadas de un metro de largo, que debíamos plantar en un lugar situado a veinte kilómetros de distancia de nuestros hogares*"¹⁴⁹. Foram acrescentadas mudas de eucaliptos, e a colônia aos poucos foi mudando sua aparência, tornando-se um povoado e não mais um deserto.

Cociovitch, em suas memórias, estabelece um balanço da colonização em Moisés Ville. Os primeiros anos, de 1889-1899, são apresentados como anos de "dores de parto", de buscas e experimentos em campo inculto e zonas desoladas e desconhecidas. Denomina o período de "adestramento agrícola", preparação para os anos posteriores até a crise de 1930,

¹⁴⁷ *Idem.* p.146.

¹⁴⁸ *Idem.* p.145.

¹⁴⁹ *Idem.* p.161.

pois *"En 1930 la economía agrícola-ganadera argentina atravesaba por una crisis importante provocada por malas cosechas y una caída inusual de los precios de todos los productos del campo. Esto influyó decididamente sobre la estabilidad de la colonización judía"*¹⁵⁰. Neste período, o colono enfrentou o isolamento para integrar-se na economia e, ao mesmo tempo, o isolamento favoreceu a construção de um espaço coletivo diferenciado com o enriquecimento da vida comunitária

Sobre o primeiro período, Cociovitch constata um crescimento satisfatório da colônia no aspecto material, quando surgiram os fundamentos da colonização, que fizeram com que os colonos desenvolvessem raízes na colônia. Surgiam as instituições religiosas com a construção de uma sinagoga, o sistema escolar e a organização de banhos públicos.

Em 1900, Cociovitch assinala o começo de uma nova época em Moisés Ville. Chegam com o grupo de Cociovitch diferentes ofícios e profissões, dinamizando a vida na colônia. O comércio foi reavivado, casamentos foram realizados¹⁵¹.

O Serviço Sanitário, criado em 1902, era composto por um hospital e uma pequena farmácia. A princípio, prover a colônia de serviço médico era competência da administração da ICA. Neste sistema, os colonos eram atendidos sem pagar, e a ICA anotava os gastos anualmente na conta do colono, ou com um pagamento mínimo. O médico italiano Dr. Kessel visitava os pacientes acompanhado de um menino colono que carregava suas coisas e servia de tradutor de espanhol e ídiche.

Moisés Ville passava a ser vista como lar definitivo, e os colonos passavam a desejar a vinda de parentes que haviam permanecido na Rússia, fortalecendo a vida judaica na colônia. *"Llegó un momento, sin embargo, en el que los colonos iniciaron, de motu proprio, una acción para mantener viva la aspiración a colonizarse de sus familiares que vivían en Rusia y hacerse, a través de esto, la vida más cómoda, pues cuanto más mejoraba su situación material, más firmemente se convencían de que Moisés Ville sería su hogar definitivo. Pero es difícil considerar un lugar como un hogar permanente cuando se está solo y alejado de los seres queridos, padres, parientes y amigos"*¹⁵². Assim, o grupo de Grodno, colonizado em 1894, havia se instalado definitivamente na colônia. Em 1898, os colonos apresentaram uma proposta de colonização privada e voluntária à ICA.

"Los aspirantes-familiares serían provistos por los propios colonos. Vendrían por cuenta propia, de modo que habría un impedimento menos. Con respecto a la ayuda, se propondría a la J.C.A.

¹⁵⁰ *Idem*.p.229.

¹⁵¹ *Idem*. p.232.

¹⁵² *Idem*. p.233.

*un proyecto para que adoptase otra posición respecto del presupuesto para el establecimiento de colono; el crédito establecido para ayuda en dinero efectivo sería destinado a 25 hectáreas de alfafa y 25 vacas lecheras; el colono satisfaría su sustento con el producto de la leche y el terreno obtenido. De esta manera la J.C.A. estaría asegurada con el crédito extendido, dado que la alfafa es también una especie de bien inmueble*¹⁵³.

O regulamento da ICA previa que somente poderiam ser colonizadas as famílias escolhidas na Rússia de forma apropriada. O acordo foi de que um representante dos colonos seria enviado à Rússia para a realização da seleção das famílias a serem instaladas em Moisés Ville, e a seleção seria supervisionada pelo Comitê Central da ICA em Petersburgo. Os colonos receberam o projeto com entusiasmo, principalmente o grupo de Grodno. Noé Cociovitch foi eleito representante dos colonos, como já tinha sido em 1894.

A ICA, no entanto, impôs uma série de condições para estabelecer um grupo de 50 famílias:

*"- Los candidatos para colonización deben ser familiares de vuestros colonos de Moisés Ville. Los colonizaremos una vez que lleguen a la Argentina por su propia cuenta. La J.C.A. no participará en sus gastos de viaje ni tampoco en los de vuestro delegado, y en general la J.C.A. se libera de toda responsabilidad por la acción emprendida por ustedes. Si al colono no le gustase la colonización, la deberá abandonar lisa y llanamente, sin protestas ni pretensiones hacia la J.C.A. Vuestro plan acerca del presupuesto será estudiado"*¹⁵⁴.

As condições criaram dificuldades para a seleção de famílias – encontrar quem se enquadrasse nestas condições seria uma tarefa difícil. Os colonos também não dispunham de dinheiro para enviar aos parentes, pois precisavam manter-se na colônia. Mesmo assim, Cociovitch viajou para a Europa em 1900 e retornou com um grupo de aproximadamente 40 famílias. Sua segunda viagem realizou-se em 1901. Em 1900 o número de famílias na colônia subiu para 130, quando em 1889 chegava apenas a 81. Em 1901, o número elevou-se para 201 famílias. Em 1902, o número subiu para 251, em 1903 eram 274, em 1904 eram 312 e em 1905, 354. Em 1906 caiu para 345 e em 1907 voltou a aumentar para 356¹⁵⁵. A chegada de parentes era um indício de que os colonos não desejam um retorno à Europa, e podiam abraçar sua nova condição sem sentirem-se ameaçados em sua judaicidade.

Ao grupo de Cociovitch uniram-se novos grupos que abandonaram a Rússia durante e depois da guerra russo-japonesa de 1904, assim como aqueles que escaparam da onda de pogroms de 1905. O crescimento populacional trouxe para o centro da colônia um grupo

¹⁵³ *Idem.* pp.234-235.

¹⁵⁴ *Idem.* pp.235-236.

¹⁵⁵ MERKIN, Moises. *op. cit.* p.274.

significativo de artesãos, comerciantes, professores, empregados da ICA e outras entidades, assim como um grande número de não-judeus.

Em 1907, Moisés Ville era um importante centro com uma periferia bastante desenvolvida, com uma estação férrea e outras instalações próprias de uma cidade. Com o crescimento do movimento de cereais e alfafa, passou-se a pensar em uma Cooperativa que funcionasse como intermediária entre o colono e o mercado. A multiplicação de compradores para a alfafa produzida na colônia favorecia a venda do produto, mas a dependência das máquinas de intermediários ainda era um problema para grande parte dos colonos. A fundação da cooperativa "La Mutua Agrícola", em 1908, possibilitou a cada membro a aquisição de todos os aparatos de prensa para a produção da alfafa. O colono adquiria liberdade para vender seu produto direto ao consumidor, sem intermediários, aumentando o lucro. Anos mais tarde, com auxílio da Cooperativa, os colonos puderam construir galpões em suas chácaras para armazenar o produto em caso de preços baixos. Para Cociovitch, a alfafa converteu-se em fundamento da colonização de Moisés Ville durante três décadas.

A fundação da Mútua Agrícola pode ser considerada um dos acontecimentos mais importantes na vida de Moisés Ville, pois conferia aos colonos uma força que não possuíam anteriormente. No seu primeiro ano de existência já contava com 369 sócios, a maioria dos colonos. Suas atividades envolviam a distribuição de sementes, máquinas e outros artigos, incluindo empréstimos. A ICA estimulou o trabalho da Cooperativa com grandes somas em dinheiro, como empréstimo. A Mútua pagava estes empréstimos com um juro de 4% ao ano. Além de suas funções econômicas, a Mútua se converteu em uma espécie de administração de Moisés Ville. Organizou o Serviço Sanitário, reorganizando a farmácia e o hospital. Fez o mesmo com as escolas e bibliotecas, sinagogas, o cemitério e a assistência social. Para isso, organizou uma série de comissões com atribuições diferentes, formando uma espécie de sociedade. Com o surgimento de outras instituições que se encarregaram destas funções, a Mútua voltou a ser uma instituição econômica sobre bases cooperativas. Uma das funções permanentes da Mútua era a intervenção entre os colonos e a administração da ICA.

Em 1900, o colono Abraham Gutman fundou uma Caixa de Empréstimos, com uma cota mensal de 1 peso por sócio. Esta socorria os colonos em momentos de aperto. Em 1912 foi fundada por Ezra Rudoy a "Socorro Fraternal", instituição de crédito que obteve em 1935 o título de pessoa jurídica e funcionava como cooperativa. As duas instituições

desempenharam pouca influência na vida econômica da colônia. O verdadeiro Banco foi criado somente em 1923¹⁵⁶.

O Hospital Barão Hirsch, fundado em 1897, possuía bases cooperativas – os sócios pagavam uma cota anual por pessoa em cada família, e recebiam assistência médica gratuita e remédios a preços reduzidos na farmácia anexa ao Serviço Sanitário. Depois de 1908, a Mútua tornou-se responsável pela farmácia e pelo hospital.

O professor Sinay, membro do grupo de Cociovitch, foi o responsável pelo início de uma escola em Moisés Ville. Embora o ensino fosse obrigatório por lei, o governo da província não tinha aberto nenhuma escola numa zona quase despovoada como Moisés Ville. Com a administração da ICA, as escolas ensinavam também o espanhol, além de hebraico e matérias religiosas. Nos primeiros anos os colonos nada pagavam pelo ensino, que era sustentado pela ICA. Mais tarde passou a ser exigida dos colonos uma contribuição anual de 20 pesos, elevada em seguida para 30. Estas escolas passaram para as mãos do governo em 1918. Sob controle do Conselho Nacional de Educação, as escolas não forneciam a instrução religiosa, fazendo com que a ICA fundasse escolas religiosas judaicas em prédios separados, com professores especiais. Os colonos se ocupavam de 2/3 dos gastos e a ICA do resto. A partir de 1930, estas escolas ficaram exclusivamente sob responsabilidade dos colonos¹⁵⁷.

Em 1909, a linha Doze fundava a associação cultural e biblioteca "Kadima", que recebeu os livros da "Hatjío", biblioteca fundada pela mesma linha em 1908, e da Mútua. Surgiram grupos de teatro e apresentações. A Kadima transformou-se numa grande instituição cultural. No entanto, a instituição mais antiga era a "Jevra Kedischa", fundada em 1889. Esta não se limitava a dar sepultura ritual aos defuntos, mas contribuía com um subsídio mensal para o sustento da escola "Iahaduth", fundada em 1930. A primeira sinagoga data de 1890, denominada Barão Hirsch.. A segunda foi fundada em 1905. A sinagoga lituana foi fundada em 1915, oficialmente como "Sinagoga Askenazi" e em 1916 fundou-se a "Sinagoga Obrera"¹⁵⁸.

Em 1928, surgia a Cooperativa de produtores e comerciantes de gado "Ganaderos Unidos". Organizava sistematicamente remates, outorgava créditos, representava seus associados frente ao governo, e atuava como defensora da colônia nos assuntos relativos à criação de gado. Possuía sucursais em Palacios e Las Palmeras.

¹⁵⁶ *Idem.* p.279.

¹⁵⁷ *Idem.* p.288.

¹⁵⁸ *Idem.* p.281.

Em Quatro Irmãos, a construção de uma coletividade judaica dependia diretamente da atuação da ICA, diferentemente de Moisés Ville, onde os colonos buscavam desenvolver formas de organização capazes de suprir as necessidades da comunidade. Se em Moisés Ville a Cooperativa foi fundada espontaneamente pelos colonos, em Quatro Irmãos havia uma forte insistência da ICA a impulsionar o surgimento desta organização:

"Cooperativa:

Fomos informados do espírito que reina entre os colonos e das pretensões de cada grupo (...) é de vosso dever conseguir conciliar todas as divergências e, como nós vos dizemos insistentemente, vencer as hesitações dos colonos e sobretudo convence-los das vantagens indiscutíveis que eles poderão tirar da constituição de uma cooperativa"¹⁵⁹.

Se analisarmos a fundação de cooperativas nas colônias, veremos que estas atuam em dois níveis, ou seja, são capazes de dinamizar e organizar a vida econômica nas colônias, e atuar na organização de uma comunidade judaica, fortalecida pela existência destas instituições. Em seu conjunto, as instituições comunitárias atuam na construção de um espaço de reconhecimento para os membros do grupo, estabelecendo formas aceitas de organização da vida coletiva.

A direção de Paris também orientava a administração local para que a biblioteca ficasse sob administração dos funcionários da ICA, ao invés de serem organizadas pelos professores de hebraico. Assim, contaria com livros em português ao lado das obras em hebraico e ídiche. Sobre o serviço escolar, a direção criticava a ausência de ensinamentos agrícolas no programa das escolas, já que, de acordo com a ICA, os professores deveriam fornecer aos alunos as primeiras noções de agricultura: *"Não se trata simplesmente, para os professores, de ministrar um curso metódico de agricultura; as lições devem ser suficientes para preparar as crianças para a aprendizagem inteligente de sua futura profissão"¹⁶⁰.*

Em outras correspondências, a direção central preocupava-se com a organização de medidas para garantir efetivamente a organização de um núcleo em torno da estação de Quatro Irmãos, organizando a venda dos produtos da colônia. O surgimento de empreendimentos comerciais e industriais no interior das colônias brasileiras era visto como necessário para assegurar seu desenvolvimento, priorizando a utilização de israelitas nestes empreendimentos para evitar especulação.

"Vós sabeis do desenvolvimento que as cidades têm provocado próximo a nossas colônias da Argentina, e das relações estreitas que são criadas entre seus habitantes e nossos colonos. Vossa

¹⁵⁹ Correspondência de Paris para Erebangó, n° 431, de 8 de junho de 1915 – AHJB-SP – cx8. p.10.

¹⁶⁰ *Idem*. p.11.

*proposição corresponde a um ponto de vista de nosso programa de ação no Brasil, e nós esperamos encorajar a sua realização o mais rápido possível. É de todo interesse que pequenos empreendimentos comerciais e industriais se desenvolvam próximos e mesmo no interior de nossas colônias brasileiras"*¹⁶¹.

No entanto, a formação de um centro dinâmico em Quatro Irmãos dependia da organização dos colonos, e a ICA via na constituição de uma Cooperativa o melhor caminho para esta organização. A Cooperativa serviria como intermediária entre a Administração e os colonos. Mais uma vez, a ICA buscava livrar-se da relação de dependência que se estabelecia entre a instituição e os colonos, e a cooperativa poderia atuar com uma auto-administração, conferindo aos colonos uma maior autonomia em suas atividades, ao mesmo tempo em que fortalecia o caráter coletivo de sua organização.

Ao mesmo tempo, a ICA sugeria a formação de uma sociedade chamada "Juventude Israelita", capaz de entreter os jovens da colônia, organizando leituras e horas de recreação¹⁶². Objetivando manter os jovens ligados à colônia, a Juventude seria um fator de contenção, evitando o êxodo destes grupos e preservando a cultura através do trabalho realizado com estes. Em 1924, o clube contava 23 membros, possuía uma biblioteca em ídiche e português, e a ICA sugeria a seus membros a organização de atividades ligadas ao esporte¹⁶³.

A organização do tempo de lazer em torno das associações culturais, teatrais e esportivas consolidava as relações dentro da colônia de imigrantes, e fortalecia o sentimento de pertencimento a um grupo particular. Assim, permitia alimentar a vida coletiva destes imigrantes, constituindo um meio privilegiado de afirmação de uma identidade específica. Dentro de uma comunidade, as instituições, principalmente aquelas destinadas a socializar crianças e jovens, incluindo a família, são responsáveis pela transmissão dos sistemas de crenças e valores, fortalecendo o grupo.

A necessidade de manter os jovens nas colônias se explica também pelo fato de que *"as poucas famílias de judeus que se encontravam nas colônias casavam as filhas que iam constituir família nas cidades próximas. Os homens jovens também partiam para as cidades e de lá mandavam recursos para manter os velhos e os menores. Assim encontrou a Revolução de vinte e três, vinte e quatro, a colônia Quatro Irmãos"*¹⁶⁴. Estabelecer-se em Quatro Irmãos, como colono, era praticamente impossível para o jovem antes do casamento – após o casamento, deveria passar por seleção e enfrentar os mesmos problemas relacionados à

¹⁶¹ Correspondência de Paris para Erebangó, s/n, s/d, AHJB-SP – cx7 M8.

¹⁶² 2º Rapport sur Quatro Irmãos *op. cit.* p.23.

¹⁶³ *Idem.* p.31.

¹⁶⁴ VOLOCH, Adão. *O colono judeu-açu: o romance da colônia Quatro Irmãos*. São Paulo: Novos Rumos, s/d, p.46. *apud* GRITTI, Isabel Rosa. Dissertação de mestrado. *op. cit.* p.104.

agricultura. Além disso, não podemos negar a atração exercida pelas cidades em colonos israelitas¹⁶⁵. O êxodo para as cidades, por sua vez, conjugava seus efeitos, como o progressivo abandono dos dialetos, a perda da identidade regional, já que a concentração espacial da comunidade é menor e menos definida, e ocorre a "assimilação" de códigos e modos oriundos dos meios urbanos em que se instalam... Neste sentido, utilizo o termo *assimilação* entre aspas pois não me refiro ao abandono da judaicidade, mas à aquisição de padrões de comportamento diferenciados daqueles que caracterizam a comunidade judaica estabelecida nas colônias.

Em 1924, a ICA apresentava a colônia: possuía 65 habitantes, onde 16 eram não-judeus¹⁶⁶.

Religião	Número de famílias	mulheres	crianças	celibatários	Total almas
Israelitas	12	14	23	-	49
Não-judeus	4	4	8	-	16
					65

No mesmo ano, a ICA, em seu 2º Rapport sur Quatro Irmãos, discutia a instalação de um dínamo para fornecer energia elétrica à colônia. A concessão do moinho estaria ligada à condição de instalar o dínamo, e conseqüentemente a energia elétrica, e organizar uma sala de cinema para os colonos.

Em 1924, a Sinagoga estava instalada em uma das salas da escola, não possuindo prédio próprio. A escola, por sua vez, era freqüentada por 30 crianças, sendo 20 meninos e 10 meninas. Dois professores ensinavam a língua portuguesa e o hebraico. O cemitério era organizado pela Chevra-Kadisshah.

A Cooperativa "Mútua", fundada em 1917, possuía um armazém de provisões e uma Caixa de empréstimos. Mesmo assim, tinha cessado suas atividades em 1919. Segundo a ICA, em 1924, após as conferências realizadas sobre o assunto, os colonos apresentavam-se animados em reorganizar a cooperativa em outras bases, e passavam a negociar a concessão, por parte da ICA de 5 vagões para transporte de seus produtos. Para a ICA, *"Estas proposições nos parecem interessantes, pois visam o interesse da colonização e a supressão quase total de nossas subvenções. (...) este programa visa a coletividade... nós teremos*

¹⁶⁵ A ICA, em 1922, buscava através de uma série de medidas conter a saída de jovens da colônia estabelecendo inclusive medidas punitivas. Em correspondência de 31 de maio de 1922, a resolução número 7 proposta pela instituição estabelecia que *"É preciso avisar os colonos que, doravante, a cada partida de um filho de colono para a cidade, eles deverão devolver ¼ de seu lote. Se esta medida não é eficaz para impedir a saída de filhos de colonos, terá a vantagem de diminuir a anuidade de seus pais"*. Correspondência de Paris para Erebangó, nº 597, de 31 de maio de 1922 – AHJB-SP – cx9 M4, pp.12-15.

¹⁶⁶ 2º Rapport sur Quatro Irmãos *op. cit.* p.29.

conseqüentemente a satisfação moral de ver nossa coletividade de Quatro Irmãos viver do trabalho agrícola e industrial"¹⁶⁷.

Em 1926, com a chegada de novos colonos para reativar as atividades na colônia, Quatro Irmãos contava com um grupo significativo de colonos não-judeus nos limites da colônia. *"Estes colonos não-israelitas formam quatro comunidades distintas, sendo uma sabatista, que se aproxima dos modos e costumes judaicos, uma italiana católica, uma alemã católica e uma pertencente à igreja luterana norte-americana. Cada comunidade possui sua igreja, escola, cemitério, etc. A colônia mais forte e mais ativa é a italiana"*¹⁶⁸.

É interessante ressaltar que a descrição realizada pelo relatório anual de 1926 apresenta as comunidades de forma autônoma e relativamente isolada. Cada comunidade possuía sua estrutura organizacional de acordo com características próprias, e o critério de distinção parece ser a religião associada à nacionalidade. Ao mesmo tempo, não há uma preocupação, ou uma avaliação, em relação aos efeitos de tal empreendimento, ou seja, a formação de uma colônia mista, mesmo que separada em núcleos distintos e isolados. A estrutura, concentrando no espaço coletividades específicas, não atuaria no sentido de dinamizar as trocas entre judeus e não-judeus. Por outro lado, a colonização com não-israelitas pode servir como indicativo de que a ICA buscava para a reativação de Quatro Irmãos colonos capazes de reproduzir na colônia o sucesso que a instituição observava na vizinhança, estabelecendo colonos da mesma origem daqueles considerados aptos.

No mesmo relatório, a ICA ressaltava que a Cooperativa Mútua, de Quatro Irmãos, permanecia paralisada desde a revolução de 1923. Segundo a instituição, *"Atualmente, os dirigentes estão reorganizando a cooperativa em uma base mais sólida. Auxiliados por nós, eles se ocupam igualmente da cobrança das dívidas de cada associado. A Cooperativa Barão Hirsch (...) foi organizada por nós em junho de 1926, ou seja, na chegada de novos colonos; possui sua sede no núcleo Barão Hirsch mesmo, e conta hoje com 31 associados e um capital de 15:518\$000"*¹⁶⁹.

Em relação às escolas, a renovação da colônia empreendida pela ICA em 1926 mostrava a existência de três estabelecimentos de ensino neste ano. Uma das escolas estava localizada em Philippon, e duas em Quatro Irmãos. *"Em Quatro Irmãos, as escolas funcionam normalmente. Nós contamos em Quatro Irmãos (escola do núcleo) uma freqüência média de 45 alunos e, em Barão Hirsch, 52 crianças freqüentam nossos cursos. Nas duas*

¹⁶⁷ *Idem.* p.33.

¹⁶⁸ Rapport Annuel – Année 1926 pour les colonies de la Jewish Colonization Association en Brésil – AHJB-SP – cx10, p.19.

¹⁶⁹ *Idem.* p.27.

escolas nossos professores, em número de quatro, ensinam o hebraico, o ídiche, os modos e costumes judaicos e, em português, a leitura, ditado, geografia, história, aritmética, ciências naturais, etc. Nós devemos acrescentar ainda que uma dezena de crianças brasileiras freqüentam nossos cursos e seus pais estão muito satisfeitos com os ensinamentos que lhes damos. Nossos alunos são em geral mais avançados nas matérias ensinadas e em Barão Hirsch os brasileiros que, no final do ano escolar examinam nossas crianças, estão surpresos com o progresso que nossos jovens imigrantes obtêm na língua portuguesa em tão pouco tempo"¹⁷⁰.

A organização do núcleo Barão Hirsch com novos imigrantes trouxe consigo toda a infra-estrutura necessária ao estabelecimento de uma comunidade judaica. O serviço sanitário era totalmente organizado pela ICA no novo núcleo. "*Em Barão Hirsch, possuímos um hospital bem montado, destinado a receber as graves doenças da colônia*"¹⁷¹.

Posteriormente, outra escola foi instalada no núcleo Baronesa Clara. Três professores ensinavam o português e três dedicavam-se ao hebraico. Em 1930, as três escolas (núcleo Quatro Irmãos, Barão Hirsch e Baronesa Clara) possuíam 125 alunos, divididos da seguinte forma:

<i>Escola de Quatro Irmãos</i>	<i>33 alunos israelitas e</i>	<i>20 não-israelitas</i>
<i>" Baronesa Clara</i>	<i>50 "</i>	<i>--</i>
<i>" Barão Hirsch</i>	<i>22 "</i>	<i>-- "172</i>

A formação do centro em Quatro Irmãos fez com que a escola do núcleo atendesse crianças da vizinhança não-judaica, enquanto os outros núcleos, fundados depois de 1926 com a tentativa de reativar a colônia, contassem apenas com crianças da comunidade judaica.

2.4 Algumas considerações

Relacionando a estrutura econômica, cultural, social e religiosa das colônias, podemos concluir que a integração e manutenção de uma identidade particular fazem parte de um processo paralelo de reconhecimento e diferenciação. Em Quatro Irmãos e Moisés Ville, a estrutura organizada nas colônias provocava a transformação da identidade judaica e, ao mesmo tempo, a preservação da cultura no contexto da imigração.

¹⁷⁰ *Idem.* p.30.

¹⁷¹ *Idem.* p.31.

¹⁷² Rapport Annuel – Année 1930 – Colonies de la Jewish Colonization Association au Brésil – AHJB-SP – cx10, p.31.

É necessário ressaltar que, no período de formação das colônias, o processo de construção da nação estava se consolidando e perpassando as demais formas de identificação social do sujeito. Nesse sentido, a construção e/ou transformação de uma identidade judaica nas colônias estava demarcada por questões como a afirmação da identidade cultural judaica pré-migratória, o conflito identitário entre a sociedade pré-migratória e a sociedade receptora, onde se percebe a busca de reconstruir na colônia a estrutura comunitária vivida na Europa e, de forma particular, a adoção parcial de uma identidade local (regional). Assim, poderemos perceber até que ponto esta identificação estaria constituída, ou teria condições de se constituir, entre os imigrantes nas colônias estabelecidas pela ICA.

Se em Moisés Ville judeus vestidos de acordo com a religião judaica podiam ser vistos pela colônia, em Quatro Irmãos, pouco a pouco, os imigrantes foram adaptando a indumentária às novas atividades que precisavam desempenhar e ao clima. Chapelões de palha e tamancos substituíram as roupas européias. Muitos acabaram aderindo ao churrasco e ao chimarrão¹⁷³. O chimarrão era visto como símbolo da hospitalidade gaúcha, e não aceitá-lo, quando oferecido, significava uma ofensa. Aos poucos este hábito foi sendo assumido pelos colonos e até mesmo a bombacha passou a fazer parte da indumentária do colono. Embora possamos afirmar que esta vestimenta tenha ganhado espaço entre os colonos por ser mais barata, e portanto viável economicamente, é impossível deixar de perceber, principalmente nas fotografias¹⁷⁴, que a utilização de bombachas, lenços e a utilização do cavalo como montaria são quase que uma ritualização desta integração, indicando que os judeus, naquele momento específico, identificavam-se com um modelo tipicamente gaúcho e estavam se “agauchando”.

Na integração, a auto-imagem do colono se transforma, sendo que a transformação mais visível diz respeito ao corpo. A partir desta transformação, abandonam os trajes tradicionais. A escola, principal vetor de transmissão de normas, torna-se instrumento de integração: a ICA se orgulha do êxito de suas crianças no aprendizado da língua, revelando uma certa ambigüidade – ao mesmo tempo em que desejam não vê-los afastados de sua cultura (com o hebraico e matérias religiosas ensinadas nas escolas, assim como incentivo ao desenvolvimento de uma associação de jovens), a integração do colono na língua e na atividade produtiva é algo almejado pela instituição.

¹⁷³ SCHWEIDSON, Jacques. *Judeus de bombachas e chimarrão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. p. 29.

¹⁷⁴ O Departamento de Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall possui um acervo composto por aproximadamente 800 fotografias, assim como vídeos, discos e objetos.

Jacques A. Wainberg¹⁷⁵, em artigo que faz parte do livro *A Paixão de Ser: Depoimentos e Ensaios sobre a Identidade Judaica*, vê no contexto que favorece a imigração judaica para o Brasil a questão de que o projeto nacional brasileiro englobava, desde o alvorecer da República, e em especial desde os anos 20, o branqueamento, a latinização e a cristianização das populações, atuando no sentido de criar hábitos, língua e mundo simbólico comuns. O mesmo pode ser afirmado em relação à Argentina, onde a imigração estava ligada à construção da nação com a europeização de sua população. A imigração aparecia como parte das medidas a serem tomadas pelo governo visando o progresso do país. No entanto, no período de colonização de Quatro Irmãos e Moisés Ville, esta afirmação nacional ainda não se fazia presente de forma explícita ou sistemática. Assim, antes de ser brasileiro, ou argentino, o judeu na colônia se aproximaria de uma identidade regional.

Ruben George Oliven, no livro *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*¹⁷⁶, também aponta para esta questão temporal, ou seja, em determinados momentos a identidade regional se sobrepõe ao sentimento nacional, de forma a privilegiar um determinado espaço geográfico (a região) em detrimento do sentimento de pertencimento que envolveria toda a nação. Desta forma, o regional, e a identidade regional, foram os elementos com os quais entraram em contato os imigrantes de Quatro Irmãos e Moisés Ville nas primeiras décadas de instalação das colônias, sendo portanto fundamentais para a compreensão da transformação de uma identidade judaica que passou a relacionar-se com o espaço de instalação que a envolvia.

Foi com o gaúcho, tipo social considerado desviante, marginal e que foi apropriado, reelaborado e adquiriu um novo significado positivo, sendo transformado em símbolo da identidade regional, principalmente a partir de meados do século XIX¹⁷⁷, que o imigrante entrou em contato neste processo de integração no Brasil. Na Argentina, o relativo isolamento da colônia pôs o imigrante em contato com a vizinhança não-judaica, onde apareciam o criollo, visto como ameaça no processo de adaptação e diferenciação. A atitude de agressão contra colonos, fez com que o criollo fosse visto como alguém que não era digno de confiança. De certa forma, a figura do criollo na Argentina aparecia associada ao meio, carregada de hostilidade. Assim como as pragas, a seca e a dificuldade dos colonos em lidar com a agricultura, o criollo aparecia como ameaça à permanência do colono em seu lote. O ambiente natural é apresentado como um espaço de perigos, de rivalidade e de adversidades,

¹⁷⁵ WAINBERG, Jacques A. *O profano e o sagrado – o cânone judaico*. In SLAVUTZKY, Abrão (org.) *A Paixão de Ser: Depoimentos e Ensaios sobre a identidade judaica*, p. 124.

¹⁷⁶ OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

¹⁷⁷ *Idem*.p. 50.

onde o criollo, qualificado por sua adaptação ao meio, pode sobreviver à estas adversidades, sendo capaz de lidar com o gado solto e produzir na região. Ao mesmo tempo, estas questões colocam em destaque as habilidades necessárias à sobrevivência nestes espaços (como o saber montar, laçar, etc.).

Para o colono, só se chegaria ao nacional através do regional. Como afirma Oliven, “o modelo que é construído quando se fala nas coisas gaúchas está baseado num passado que teria existido na região pastoril da Campanha no sudoeste do Rio Grande do Sul e na figura real ou idealizada do gaúcho. É em torno desse eixo que giram os debates sobre a identidade gaúcha”¹⁷⁸.

A fronteira constituída pela colônia permitiu o contato com este modelo, o que pode ser evidenciado através dos registros fotográficos dos primeiros colonos de Quatro Irmãos que, em aproximadamente uma década de convívio com esta sociedade, adotaram hábitos como o chimarrão, e vestiram-se de forma tipicamente gaúcha. O vestir-se era indicativo de um processo de integração, indo além da simples substituição do vestuário europeu. Na Argentina, o afastamento em relação à figura do *gaucho* atuou como fonte de afirmação da identidade e preservação da cultura, já que o contato com a figura real, típica da região, representava uma ameaça à coletividade.

Estes contatos e esta integração deram-se fora do âmbito de atuação do Estado, já que para os governos a preocupação em integrar estas comunidades de imigrantes parecia ausente. Segundo Germán Rama, citado por Caetano¹⁷⁹, o processo de criação da nação no Uruguai, por exemplo, envolveu mecanismos de integração da população em uma identidade, incluindo a facilitação da nacionalização dos imigrantes. Estes mecanismos envolveram a integração cultural através de uma política de escolarização primária, e a criação de um ensino secundário presente em todo o território, etc., principalmente nas três primeiras décadas do século XX. Esta política, relativa à percepção de que a identidade nacional é capaz de englobar outras identidades, propiciava a integração do imigrante e fazia com que este não fosse visto como um problema, pois estes grupos eram colocados de forma a fazer parte da identidade nacional, onde poderiam contribuir com seus próprios ingredientes distintos.

Neste ponto, atingimos a esfera das escolas. Como forma de homogeneizar, de integrar a comunidade criando vínculos, estas são capazes de afirmar símbolos ligados a uma identidade nacional, atuando como fator de coesão. Hobsbawm afirma que, no período de

¹⁷⁸ *Idem.* p. 100.

¹⁷⁹ CAETANO, Gerardo. *Identidad nacional e imaginário colectivo em Uruguai. La síntesis perdurable del Centenário.* In ACHUGAR, Hugo y CAETANO, Gerardo (compiladores). Identidad uruguaya: mito, crisis o afirmación? Montevideo: Trilce, 1993. p. 58.

1870 a 1914, quando o nacionalismo avançou dramaticamente e seu conteúdo ideológico e político transformou-se, observa-se a “era da escola primária” como parte do processo de afirmação do fenômeno “Estado-nação”. A escola “...*poderia ensinar todas as crianças a serem bons súditos e cidadãos*”¹⁸⁰. Em Quatro Irmãos quem se encarregou da instalação de uma escola e da contratação de professores (judeus, que passavam por uma espécie de estágio nas colônias argentinas e no Brasil a fim de aprender o idioma) foi a direção da ICA. Neste sentido, antes de atuar como instrumento de integração, a escola em Quatro Irmãos atuava como fator de transmissão da cultura judaica e como elemento fomentador de identidade. Mesmo assim, dava alguns passos em direção à integração, tendo em vista que o português passava a ser ensinado. Em Moisés Ville, foram os próprios colonos que organizaram inicialmente a escola num momento de organização da coletividade judaica que instalava-se na colônia. Quando a educação passou a ser responsabilidade da ICA, e o espanhol passou a fazer parte do currículo, o serviço escolar voltava-se para a integração.

A estrutura da colônia atuou decisivamente na manutenção de uma comunidade ligada por um sentimento de pertencimento a uma unidade baseada na cultura e identidade judaica. Ao mesmo tempo, não podemos negar que estes colonos se viram tocados pelos valores dos locais onde foram instalados. Em Quatro Irmãos, a representação da figura do gaúcho serviu também de modelo para estes colonos que, acima de tudo, desejavam integrar-se à sociedade da qual passavam a fazer parte. Em Moisés Ville, o desejo de colonizar parentes, por exemplo, revelava a colônia como lar definitivo.

Além disso, a defesa da reintegração do gueto judeu dentro da ordem econômica de cada país de instalação, de acordo com a proposta da ICA, não foi acompanhada de uma efetiva orientação dos colonos em sua nova atividade. As dificuldades enfrentadas pelos colonos na agricultura geravam a necessidade de constantes subsídios por parte da instituição. Se estes subsídios eram um problema constante para a instituição, eram também uma condição para a permanência dos colonos em seus lotes diante da falta de experiência na agricultura. Não havia ajuda governamental aos colonos, que deviam relacionar-se exclusivamente com a ICA.

Por outro lado, se a geração dos imigrantes manteve o essencial da vida coletiva judaica do país de origem durante sua permanência na colônia, a questão foi diferente para seus filhos. Os documentos, e testemunhos, são unânimes em constatar que os filhos desses imigrantes tornaram-se brasileiros e argentinos não só pela nacionalidade, mas também pela

¹⁸⁰ HOBBSAWM, Eric. J. *Bandeiras desfraldadas: nações e nacionalismo*. In _____. *A Era dos Impérios. 1875 – 1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 213.

cultura, mesmo que continuassem a manter laços bem definidos com aspectos característicos da cultura judaica. Assim, mesmo nas cidades, mantiveram a estrutura de comunidade onde a questão da identidade é fundamental à unidade do grupo, o que pode ser observado na concentração judaica que se encontra nas origens do Bairro Bom Fim, em Porto Alegre, ou no Bom Retiro, em São Paulo e no Once, em Buenos Aires. Além disso, Erechim e Moisés Ville ainda são núcleos de referência destas comunidades.

Na colônia, tudo aponta para a construção de um espaço coletivo, de manutenção da cultura e identidade. A instalação em zonas isoladas, onde não existiam escolas, hospitais, etc., fez com que os colonos, no caso de Moisés Ville, e a própria ICA, em Quatro Irmãos, organizasse uma estrutura capaz de suprir as principais necessidades da comunidade, restringindo o contato entre colonos e moradores da região.

No próximo capítulo, tratarei dos principais momentos de crise nas colônias, analisando como circunstâncias históricas, políticas e econômicas do país/região em que estas colônias se inseriram podem explicar o processo de assimilação. Assim, pretendo discutir como os problemas vividos nas colônias afetaram o processo de integração e/ou manutenção de tradições nestas comunidades.

3. Momentos de crise: Quatro Irmãos e Moisés Ville

Como todas as comunidades imigratórias, os judeus recriaram e adequaram sua identidade primordial às necessidades e possibilidades oferecidas pelo processo de instalação das colônias. Este processo, envolvendo a reconstrução de uma comunidade judaica nas colônias, afirmada pela criação de instituições de preservação da cultura e tradição judaicas, não impediu que os colonos entrassem em contato com a sociedade mais ampla, sofressem alterações em função deste contato, e vivessem um processo paralelo de reconhecimento e diferenciação, onde as fronteiras estabelecidas fossem constantemente redefinidas.

Mesmo diante da adaptação, e conseqüente transformação, estes indivíduos, membros da comunidade judaica em Quatro Irmãos e Moisés Ville, carregaram consigo concepções de mundo previamente elaboradas, comuns à coletividade judaica européia, preservando-as através da preservação de uma coletividade judaica. Assim, as reações dos colonos às situações de crise podem ser vistas como um desdobramento de uma visão de mundo compartilhada, trazida da Europa e preservada na colônia.

Quatro Irmãos e Moisés Ville viveram conflitos diferentes, mas que mobilizaram a coletividade judaica de forma semelhante. Os problemas internos, ligados às dificuldades dos colonos na atividade agrícola, e a conseqüente responsabilidade da ICA no que se refere ao relativo fracasso destes colonos na agricultura, criavam momentos em que as pressões internas exigiam a adoção de posturas para solucionar a crise. Em Moisés Ville, foram estas crises, predominantemente internas, envolvendo as relações entre a ICA e os colonos, que constituíram os principais momentos de conflito vivenciados pela colônia. Quatro Irmãos, por sua vez, além da crise interna, viu-se atingida por um conflito externo à coletividade judaica, como a revolução de 1923. Cada um destes momentos, em suas dimensões reais ou imaginadas, obrigou a comunidade judaica a oferecer uma resposta às situações que se apresentavam à coletividade. Assim, as respostas oferecidas pela comunidade possibilitam uma maior visibilidade às questões da identidade judaica constituída nas colônias, e principalmente oferecem indícios da integração, ou não, dos colonos às sociedades de instalação.

Ao longo de sua história, Quatro Irmãos sofreu um movimento de êxodo constante, oscilando de acordo com circunstâncias determinadas. Entre estes momentos, merece

destaque o ano de 1923, quando a colônia foi atingida pela revolução de 1923. Muitos colonos abandonaram seus lotes, obrigando a ICA a buscar uma reestruturação da colônia em 1926 com um novo grupo de imigrantes vindo da Europa. Em Moisés Ville, nas relações entre colonos e ICA, se alguns sentiam-se comprometidos com um sentimento de gratidão para com a instituição, ou mesmo resignados com a ordem das coisas, outros recusavam uma subordinação. Conflitos de interesses tornaram-se confrontos pessoais. Aqueles que reivindicavam, contestavam a autoridade da ICA, rompiam um laço, libertavam-se da dependência. Para a ICA, a revolta era um gesto de ingratidão, um sinal de mau caráter, um ato de insubordinação.

A partir destas questões, algumas noções orientaram a análise dos momentos de crise analisados neste capítulo:

1. a reação à crise pode ser vista como expressão da cultura judaica;
2. a comunidade judaica tem oferecido, historicamente, as mesmas formas de reação em resposta às situações de crise (como o fortalecimento da estrutura comunitária, fugas e conseqüentes deslocamentos). Assim, estas respostas aparecem como uma característica permanente da comunidade;
3. as respostas, ligadas à cultura, tornam-se mais ou menos manifestas, principalmente em função de mudanças nas condições sociais, que podem explicitar ou não a expressão destes padrões de conduta coletivos.

Se as respostas articuladas nas colônias para os momentos de crise são construídas socialmente, pode-se afirmar que também evidenciam aspectos da cultura e de modelos cognitivos integrantes da cultura, passados de geração a geração. De acordo com Daniel J. Goldhagen, "*Modelos cognitivos – crenças, pontos de vista e valores, que podem ou não ser explicitamente articulados –, contudo, servem para estruturar cada conversação da sociedade. Modelos cognitivos, que tipicamente constituem um pequeno número de objetos conceituais e suas inter-relações, alimentam o entendimento das pessoas sobre todos os aspectos de suas vidas e do mundo, assim como sobre suas práticas. Desde emoções compreensíveis, até a realização de atos banais, como ir a uma loja comprar um produto, as relações de negociação face a face, a condução das relações sociais mais íntimas, a construção de um mapa do panorama social e político, as escolhas sobre instituições públicas e a política, inclusive questões de vida e morte, as pessoas em sua compreensão e*

ações, são guiadas por modelos cognitivos culturalmente compartilhados, dos quais elas têm pouca ou nenhuma consciência"¹⁸¹.

Assim, este capítulo procura evidenciar os modelos cognitivos que orientaram as ações dos imigrantes em momentos de crise, buscando na observação destas ações analisar como estes momentos podem evidenciar o processo de integração e/ou manutenção da cultura judaica em momentos específicos.

3.1 Quatro Irmãos e a Revolução de 1923

*"...se as pessoas percebem um fato como real, independentemente de que ele seja ou não, ele é real em seus efeitos"*¹⁸².

Em 1923, deflagrada a revolução no Rio Grande do Sul, boatos espalhavam-se por todas as regiões de que as tropas legalistas invadiriam o norte do Estado, provavelmente chegando à colônia de Quatro Irmãos. Todos sabiam que grupos rebeldes também circulavam pela região, invadindo cidades, saqueando e agredindo aqueles que se opusessem ao movimento.

Maria Silverston Pinto¹⁸³ também sabia que o marido precisava permanecer escondido no mato pois mesmo sendo borgista, vinculado ao Partido Republicano, não queria engajar-se no conflito. Naquela manhã, enquanto tirava leite da vaca na mangueira em frente à casa em Quatro Irmãos, recebera o marido que viera buscar mantimentos para permanecer escondido. No mesmo instante em que Carlos entra na casa Maria vê, descendo a colina em disparada, um piquete composto por trinta ou quarenta homens. Gritou avisando a aproximação do piquete, mas não havia tempo para que Carlos fugisse da casa, e não podia denunciá-lo com qualquer atitude suspeita. Na cozinha de chão batido, Carlos esconde-se dentro de um cesto e tudo o que pode fazer é esperar que o piquete esteja apenas de passagem.

Comandado por Clodomiro, o piquete dá voltas na casa à procura de algo, ou alguém. Maria sabia dos recrutamentos, da violência, dos saques e que eles também pegavam mulheres, mas precisava continuar tirando o leite da vaca e fazer com que acreditassem que estava sozinha. Pensou que levariam os cavalos, a vaca, tudo que encontrassem, mas o

¹⁸¹ GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.43.

¹⁸² THOMAS, William. *On Social Organization and Social Personality*. Apud DEVOTO, Fernando J. *Imigração européia e identidade nacional nas imagens das elites argentinas (1850-1914)* in FAUSTO, Boris (org.) *Fazer a América*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p.60.

¹⁸³ Entrevista n° 111. Clevelândia, 1988. Acervo do Departamento de Memória - ICJMC.

comandante conhecia Carlos. Maria precisou mentir, dizendo que o marido estava em Santa Maria. O piquete foi embora mas Maria não sentiu-se melhor com isso. Ela sabia que não seria o último, em breve outros grupos invadiriam a colônia.

Assim como Quatro Irmãos, várias regiões do Estado foram alvo de pilhagens durante a revolução de 1923. O conflito, fruto da oposição à posse de Borges de Medeiros para seu quinto mandato na presidência do Estado, atingira várias regiões durante onze meses de luta armada.

Em 1923, não eram mais as tropas do czar ou os pogroms organizados que preocupavam estas famílias. Um outro tipo de agressão, decorrente do turbilhão em que se encontrava o Estado atingia a colônia, influenciando de forma significativa os rumos da colonização judaica na região.

A revolução, em seu caráter marcadamente político, foi fruto de um contexto no qual explodiram vários tipos de contestação em todo o país. Os anos 20 foram anos de mudança, onde ocorreram disputas oligárquicas em torno dos processos eleitorais e eclodiram movimentos de contestação nacional como a Semana de Arte Moderna e a Revolta do Forte de Copacabana no Rio de Janeiro. A República Velha mostrava-se incapaz de absorver os novos segmentos sociais gerados pela diversificação econômica e pela complexificação correspondente da estrutura social que se evidenciava no período.

No Rio Grande do Sul, a crise dos anos 20 refletiu-se no processo de aceleração da crise econômica, com os problemas enfrentados pelo setor agropastoril, ao mesmo tempo em que se intensificavam as disputas políticas. O descontentamento de uma oposição que lutava contra a Constituição Castilhistas, de inspiração positivista, que autorizava a reeleição consecutiva do governador, contanto que este obtivesse $\frac{3}{4}$ da votação total, e a situação de impotência frente às fraudes que constituíam prática comum nas eleições em todo o país, tornavam a situação no Estado bastante delicada.

A economia gaúcha havia enfrentado uma fase de prosperidade e crescimento com a abertura dos mercados internacionais para os produtos riograndenses durante a Primeira Guerra Mundial, beneficiando de forma significativa a pecuária. O abastecimento dos países envolvidos no conflito elevou extraordinariamente os preços dos gêneros de consumo, entre os quais a carne frigorificada. Empresas frigoríficas estrangeiras se instalaram no Brasil, principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, que possuíam rebanhos. As boas perspectivas de mercado e a entrada destes frigoríficos estrangeiros representaram um grande impulso para o desenvolvimento da pecuária gaúcha. Com o final da guerra, houve uma retração no mercado, e os frigoríficos diminuíram a matança e houve uma queda nos

preços do gado. Junto com a retração destes mercados, a concorrência platina acentuava a crise econômica, fazendo com que uma grave crise se abatesse sobre a pecuária gaúcha na década de 20. Os pecuaristas apelaram para o governo de Borges de Medeiros pedindo proteção para o setor. O pedido foi encaminhado, sem grande repercussão, ao governo federal. A crise econômica da pecuária riograndense somava-se à iminência da quinta reeleição de Borges de Medeiros para a presidência do Estado, fatores que atuaram decisivamente para a unificação das oposições gaúchas em torno da figura de Assis Brasil como candidato ao governo do Estado. No entanto, mesmo com acirrada disputa, Borges de Medeiros venceu as eleições.

Sendo assim, a revolução de 1923 tem suas origens num momento onde a crise da economia agropastoril somava-se à frustração política da oposição liderada por Assis Brasil, conduzindo ao confronto armado. Este confronto, por sua vez, surgiu como um dos elementos ligados ao relativo fracasso da colonização em Quatro Irmãos, visto que este período é marcado por um forte êxodo na colônia.

Os prejuízos causados pelos ataques decorrentes da revolução, e seus reflexos imediatos entre os colonos, provocaram uma desestruturação que permite associar a forma pela qual estes perceberam a revolução com o medo da continuidade de experiências passadas, como as perseguições a que estavam sujeitos na Europa. A possibilidade, real ou imaginada, de uma destruição imediata e total fez com que o medo desempenhasse seu papel na preservação da coletividade judaica.

A análise realizada neste capítulo não pretende aprofundar o estudo da revolução em si, tendo em vista que tais interpretações encontram-se disponíveis na bibliografia especializada sobre o assunto¹⁸⁴. O cerne desse capítulo envolve a análise da relação dos efeitos da revolução de 1923 com o processo de desarticulação da colônia, evidenciando a questão da identidade judaica. Estes fatores podem ser associados ao fato da revolução ter sido vivenciada como algo externo e como ameaça à existência de uma unidade baseada na cultura e no sentimento de identidade. Sendo assim, a consciência de serem estrangeiros no Estado teria importância no processo de desarticulação de Quatro Irmãos, que se dava de forma mais incisiva a partir daquele momento.

A revolução de 1923 deve ser entendida como parte de um momento de crise que atingiu todo o país na década de 20, inserida num contexto de transformações sociais que

¹⁸⁴ Para o estudo da revolução de 1923 no Rio Grande do Sul, consultar ANTONACCI, Maria Antonieta. *RS: as oposições & a revolução de 1923*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985; FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996.

marcaram o período. A República Velha era incapaz de absorver os novos segmentos sociais que surgiam, as divergências entre as oligarquias periféricas e centrais acentuavam-se nas disputas políticas. Neste processo, podemos considerar o ano de 1922 como o ano-chave, na medida em que ocorreram quatro acontecimentos que evidenciaram a transformação da sociedade brasileira: a Semana de Arte Moderna, em fevereiro; a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB); a criação do Centro Dom Vital, renunciando a rearticulação da igreja católica; e a revolta do Forte de Copacabana, primeira etapa do movimento tenentista no Brasil. No plano econômico, evidenciava-se a transição de uma economia baseada na exportação de produtos primários para uma economia que se industrializava e diversificava a produção primária.

No Rio Grande do Sul, as disputas políticas somavam-se a um período de crise da pecuária, setor predominante da economia gaúcha. Em 1922, uma parcela da classe dominante fora do poder passou a exigir de Antônio Augusto Borges de Medeiros, então governador do Estado, uma política de defesa da pecuária pois, desde 1918, o Estado vinha sofrendo reflexos da crise mundial do pós-guerra, atingindo diretamente a produção agropastoril. No entanto, Borges optou pela continuidade da política de desenvolvimento global da economia gaúcha, candidatando-se ao quinto mandato consecutivo para a presidência do Estado. A oposição reagiu, indicando Assis Brasil como candidato ao governo do Estado. Com a vitória de Borges, alegando fraude, através de uma série de levantes regionais, a oposição iniciou a revolução de 1923, exigindo a deposição de Borges e a revisão da constituição estadual. Confrontaram-se então chimangos, partidários de Borges vinculados ao Partido Republicano, e assisistas, ligados a Assis Brasil neste movimento de oposição.

O movimento chegou ao fim com o Pacto de Pedras Altas, em dezembro de 1923, onde ficou estabelecido que seria revisada a constituição e que Borges, ao fim de seu quinto mandato, não mais concorreria à presidência do Estado.

Durante a revolução, Quatro Irmãos tornou-se alvo de pilhagens devido à sua posição geográfica, pois constituía passagem obrigatória do norte para outras regiões do Estado, tornando-se ponto de circulação das tropas envolvidas no conflito. Este período foi marcado por um forte êxodo na colônia, semelhante apenas ao observado em 1915, quando a colônia encontrou-se praticamente despovoada¹⁸⁵.

¹⁸⁵ Em função da Primeira Guerra Mundial, as comunicações entre Quatro Irmãos e Paris, onde encontrava-se o Conselho Agrícola da ICA, tornaram-se difíceis e interrompidas, tornando a situação na colônia insustentável. Muitos colonos foram reenviados para a Argentina, ficando em Quatro Irmãos aproximadamente 73 famílias. Arquivo Institucional Jewish Colonization Association – ICJMC, s/d.

Os prejuízos causados pela revolução de 1923, e a saída dos judeus de Quatro Irmãos, coincidiram com o período de desestruturação da colônia, ponto que levou a ICA a reestruturá-la em 1926.

Vários autores, como Moysés Eizirik e Leon Back¹⁸⁶, atribuem, com exclusividade, a responsabilidade pelo fracasso da colonização em Quatro Irmãos aos danos materiais causados pela revolução. Outros, de forma particular, como Isabel Gritti¹⁸⁷, colocam a revolução como o “golpe final” de um processo de desgaste que vinha se desenvolvendo na colônia, salientando que a revolução em si não teria desempenhado um papel significativo para explicar a desestruturação da colônia. Nesta proposta de trabalho, procurei analisar de que forma os efeitos da revolução atingiram o indivíduo, indo além dos prejuízos materiais. Embora a questão da identidade cultural judaica não apareça de forma explícita na relação que se estabeleceu quanto à revolução, foi o senso geral sobre a ameaça externa o fator mais importante para compreender como determinadas crenças puderam influenciar as ações destes indivíduos. A angústia identitária decorrente do processo de integração, característica da imigração e instalação em colônias, provocava diversas reações, como a tentativa de reconstrução de uma comunidade específica, e a busca de modelos para responder às ameaças externas. A identidade judaica via-se, com frequência, ameaçada pela assimilação e pela exclusão, e as respostas articuladas pela comunidade judaica podem ser vistas como indício dos modelos cognitivos que orientaram a conduta coletiva dos colonos.

A ausência de informações e estatísticas deixa lacunas quanto ao que se poderia chamar de “danos materiais” causados pela revolução, mas os dados abaixo, apresentados no 2º Rapport sur Quatro Irmãos, podem oferecer um panorama das atividades na colônia no período de 1911 a 1924, apresentando os hectares de terra ocupados e cultivados por colonos judeus em Quatro Irmãos¹⁸⁸:

Anos	Nº de colonos	Superfície ocupada por colono	Total de terras	Cultivada	Não-cultivada
1911/1912	32	65	2.080	41	2.039
1912/1913	63	65	4.095	62	4.033
1913/1914	73	65	4.745	38	4.707
1914/1915	72	65	4.680	809	3.871
1915/1916	84	140	11.760	783	10.977
1916/1917	91	140	12.740	434	12.306

¹⁸⁶ EIZIRIK, Moysés. *Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1984. e BACK, Leon. *Imigração judaica no Rio Grande do Sul*. In: Enciclopédia Rio-Grandense, vol.5. Canoas: Regional Limitada, 1958.

¹⁸⁷ GRITTI, Isabel Rosa. Dissertação de mestrado. *op. cit.*

¹⁸⁸ 2º Rapport sur Quatro Irmãos *op. cit.* p.7.

1917/1918	81	140	11.340	380	10.960
1918/1919	67	140	9.380	571	8.809
1919/1920	72	140	10.080	214	9.866
1920/1921	72	140	10.080	391	9.689
1921/1922	65	140	9.100	280	8.820
1922/1923	55	140	7.700	207	7.493
1923/1924	43	140	6.020	129	5.891
13 anos	870	1.520	103.800	4.339	99.461

É possível perceber um declínio de população e de terras cultivadas a partir do ano de 1918, fruto também da estagnação da imigração a partir de 1917. Após uma retomada de crescimento da área ocupada no período entre 1919 e 1921, apesar de não aumentar o número de colonos, caiu gradativamente a população da colônia nos anos que se seguiram.

Além disso, a área cultivada de terras é decrescente a partir de 1915 e a produção agrícola teve uma participação bem maior na vida da colônia nos anos iniciais. Um fator interessante é que a redução da população em 1918 e 1919 foi acompanhada da redução proporcional da área ocupada, indicando que outros colonos não utilizavam as terras desocupadas, assim como é possível perceber um aumento da área de cultivo, atestando a tendência de aumento da produção agrícola com o declínio da população.

Em 1921, a direção geral da ICA em Paris confirmava as dificuldades pelas quais passava a colônia, mas acreditava que a exigência do pagamento das dívidas poderia fazer com que o colono se voltasse para o trabalho efetivo de seu lote, superando a crise:

"... temos a impressão de que nossa colônia de Quatro Irmãos atravessa uma crise. Não duvidamos que nossos colonos, sob vossa direção, não conseguirão a curto prazo superar todos os obstáculos, mas vos rogamos não esquecer que somente obtemos bons resultados de nossos colonos no momento em que estes são colocados a pagar regularmente suas dívidas"¹⁸⁹.

Em 1922, com o agravamento da crise e a impossibilidade de manterem em dia o pagamento de suas dívidas, os colonos realizaram pedidos de isenção da anuidade e permissão para livre exploração da madeira de seus lotes, o que foi negado pela ICA. Esta, por sua vez, percebeu as reivindicações como um movimento de oposição, reagindo com a tentativa de localizar os “desordeiros” e elaborar uma lista com os nomes que deveriam ser expulsos da colônia¹⁹⁰. Neste momento, começou a se estabelecer um distanciamento entre a direção da ICA e os colonos. As petições, por sua vez, levaram a ICA a estabelecer uma classificação dos colonos, estabelecendo medidas para o tratamento específico de cada caso:

¹⁸⁹ Correspondência de Paris para Erebangó, n° 587, de 8 de dezembro de 1921 — AHJB-SP – cx9 M4.

¹⁹⁰ Correspondência de Paris para Erebangó, n° 605, de 3 de maio de 1922 – AHJB-SP – cx9 M4.

"SITUAÇÃO E PETIÇÕES DOS COLONOS

Faz-se necessário examinar cada caso em particular e dividir os colonos em categorias:

- a) *aqueles que abandonaram o cultivo da terra e entre os quais é necessário fazer um exemplo,*
- b) *aqueles que são inaptos,*
- c) *aqueles cujos filhos habitam as vilas,*
- d) *aqueles que fundaram pequenos comércios, autorizados mediante condição de que cultivassem seus lotes, caso contrário deveriam ser expulsos, a menos que, pelo não pagamento da anuidade, eles nos forneçam a ocasião.*

Como o caso de força maior invocado pelos colonos não existe mais, já que as colheitas na vizinhança são boas e eles não podem invocar a baixa dos preços do gado como caso de força maior, sobretudo dentro de uma colônia agrícola, nós tomamos, em conseqüência, algumas resoluções que se seguem:

1. *Antes de tudo, não concordamos com a isenção da anuidade;*
2. *Não admitiremos mais que esta seja parcelada sobre os anos a transcorrer;*
3. *Quanto à venda da madeira solicitada pelos colonos, autorizamos unicamente nas condições previstas no contrato de promessa de venda;*
4. *A negociação do gado que concordamos receber e marcar em troca da dívida dos colonos deve ser realizada imediatamente e as somas alcançadas deverão ser calculadas na conta dos colonos. Haverá lugar para retirar este gado da casa dos colonos, que o consideraria, sem isso, sempre como sua propriedade pessoal;*
5. *Admitimos a prolongação do contrato dos colonos até 30 anos, se estes desejarem, de modo a diminuir a anuidade o mais que possível até que este colono tenha reencontrado uma boa situação econômica. No entanto, insistimos sobre o ponto de que este não pode solicitar um desconto em sua dívida, que deve ser paga integralmente;*
6. *Entre os peticionários Lapiné nos assinalou aproximadamente 25 colonos que possuem mais de 30 hectares de mato, dos quais não podem mais explorar*. É necessário que estes devolvam estes hectares (com a vantagem de diminuir sua dívida e sua anuidade);*
7. *É preciso avisar os colonos que, doravante, a cada partida de um filho de colono para a cidade, eles deverão devolver ¼ de seu lote. Se esta medida não é eficaz para impedir a saída de filhos de colonos, terá a vantagem de diminuir a anuidade de seus pais;*
8. *É preciso obrigar os colonos a manter suas culturas em bom estado e confinar seu gado nos limites de suas propriedades para evitar os estragos nas culturas. Haverá lugar, com a ajuda da polícia, para aplicar um código rural. Insistimos especialmente sobre este ponto, do qual depende a ordem da colônia. A execução desta medida é, em geral, fácil para a administração, sendo apenas uma simples questão de vigilância;*
9. *Não é mais necessário alugar pastagens para os colonos. Com isto limitaremos a extensão excessiva da pecuária;*
10. *É necessário proceder à punição aos culpados de desordem, notadamente Naguelstein e Huberman. O primeiro deverá pagar, sem atraso, tudo que deve integralmente, sob ameaça de expulsão. O segundo, se não estiver em dia, deve ser expulso, já que é a alma do movimento;*
11. *Aos colonos que não possuem floresta ou floresta não suficiente para a realização de culturas em mato (uns vinte aproximadamente), será necessário propor um lote de 50 hectares em troca de seus dois lotes, no polígono "D" por exemplo. Isso com a condição de que os colonos realizem a mudança de suas casas e galpões por sua conta. Eles podem vender o gado para arrecadar fundos e talvez reduzir suas dívidas. Acreditamos que as medidas 6 e 11 não podem ser aplicadas aos colonos que encontram-se em atraso com o pagamento de suas dívidas.*
12. *Exigir integralmente a anuidade de 1922:*
 - a) *de colonos que não semearam nada ou que semearam menos de três hectares;*
 - b) *daqueles que possuem mais de 50 cabeças de gado;*
 - c) *de colonos que dedicam-se ao comércio ou cujos filhos sejam comerciantes.*
13. *Exigir uma parte da anuidade de 1922:*
 - a) *de colonos que cultivaram mais de três hectares;*
 - b) *daqueles colonos que possuem menos de 50 cabeças de gado.*

* O artigo 6 do contrato de promessa de venda assinado entre a ICA e o colono estabelecia a impossibilidade deste último em explorar a madeira de seus lotes. Segundo o artigo, ficava estabelecido que o número de hectares que o colono seria autorizado, de acordo com seu contrato, a desmatar em seu lote não representaria mais de 10% da superfície total de mato que se encontrasse sobre o lote. Contrato anexo à correspondência de Paris para a Administração das colônias da ICA em Erebang, 27 de novembro de 1919, nº 539 – AHJB-SP – cx9 M2.

Na medida do possível exigir o pagamento em espécie e não mais em gado. É necessário assegurar a venda, no campo, do gado dos colonos recalcitrantes. Não deverá ser criado um potreiro administrativo.

14. *Os colonos pobres, que não podem nos pagar, ficarão provisoriamente, se tiverem cultivado suas terras. Serão expulsos se não estiverem decididamente dedicados ao cultivo da terra;*

15. *Os colonos inaptos ou que possuem lotes muito grandes para suas forças deverão ser objeto de uma liquidação. Lhes deixaremos, em usufruto, a casa e o galpão e bastante terra para que possam se sustentar, assim como duas vacas que lhes deixaremos em caso de necessidade.*

*A Administração se acha fortemente comprometida com a situação atual da colônia. Quer dizer que nós vos convidamos a executar integralmente e sem atraso todas as medidas que viemos lhes indicar, de maneira que a próxima inspeção possa constatar uma sensível melhora da situação*¹⁹¹.

As medidas propostas pela ICA nos oferecem um panorama onde destacam-se os problemas enfrentados pelos colonos, e a visão da instituição, que apresenta suas conclusões sobre as causas da crise. Figuram na análise realizada pela instituição a dificuldade do colono com o trabalho agrícola, a existência de lotes insuficientemente cultivados e constatação de que as anuidades encontravam-se em atraso. Por outro lado, percebe-se que, embora a instituição tenha se conscientizado da ineficácia do cultivo em terras de campo, as terras de mato, propícias ao trabalho agrícola na região, não estavam à disposição dos colonos, e mesmo quando presentes nos lotes, não poderiam ser exploradas sem autorização prévia da instituição.

A pecuária continuava a ser vista como atividade não lucrativa que deveria ser erradicada. Além disso, a ICA via o colono como inapto, e a crise era tratada como consequência desta falta de aptidão e empenho por parte do indivíduo. Como resposta à situação, propunha a punição exemplar como forma de forçar o colono a tomar a via de desenvolvimento desejada pela instituição. Assim, a sucessão de medidas como expulsão, redução de lotes, e a tentativa de manter colono e família ligados à terra orientavam a postura da instituição. No entanto, a direção geral demonstrava perceber a responsabilidade da administração local na gestação da crise, e passava a exigir destes funcionários a vigilância necessária à sobrevivência da colônia. Esta sobrevivência, por sua vez, no discurso elaborado pela ICA aparece relacionada à execução exata do projeto de colonização da instituição, onde a agricultura era vista como a única atividade capaz de gerar as condições necessárias para que o colono pudesse tornar-se auto-suficiente, saldar suas dívidas e não depender mais de subsídios mensais. Tornar-se agricultor deveria ser uma meta imposta ao colono como garantia de superação da crise.

No entanto, o que interessa observar é que, mesmo com tais dificuldades, o ano de 1922 não apresentava uma situação muito diferente do que se observa nos anos anteriores,

¹⁹¹ Correspondência de Paris para Erebangó, nº 597, de 31 de maio de 1922 – AHJB-SP – cx9 M4, pp.12-15.

indicando que outros fatores, além das dificuldades enfrentadas pela colônia, contribuíram para o abandono da mesma em 1923.

A tabela abaixo, fornecida pelo 2º Rapport¹⁹², apresenta a movimentação na Colônia entre 1911 e 1924:

Ano	Início do ano	Emigram	Imigram	Emigram	Total ao final do ano
1911/1912	63	-	10	-	73
1912/1913	73	-	54	3	124
1913/1914	124	7	126	-	243
1914/1915	243	71	-	100	72
1915/1916	72	-	217	-	299
1916/1917	299	100	-	116	83
1917/1918	83	17	-	-	66
1918/1919	66	1	5	-	70
1919/1920	70	2	1	-	69
1920/1921	69	4	-	-	65
1921/1922	65	12	2	-	55
1922/1923	55	12	-	-	43
1923/1924	43	-	-	-	43

Podemos observar que os primeiros cinco anos de instalação da colônia constituem o momento de maior intensidade no processo de imigração e que, mesmo considerando o êxodo constante ao longo dos anos, em 1923 se dá um movimento maior de emigração se comparado aos anos anteriores (de 1918 a 1922), quando as dificuldades que caracterizavam a crise na colonização de Quatro Irmãos já eram observadas.

Dentre os fatores que podem explicar este êxodo, é necessário resgatar a forma através da qual aqueles colonos buscaram em um substrato coletivo a relação entre a revolução e uma tradição marcada pelas perseguições, determinando o abandono da colônia. A maioria dos judeus que se encontravam em Quatro Irmãos durante a revolução aceitaram fazer parte do projeto de imigração da ICA em função das perseguições a que estavam sujeitos em seus países de origem. As memórias de Samuel Shwartzmann¹⁹³ atestam que grande parte dos colonos instalados em Quatro Irmãos viram nos ataques decorrentes da revolução a possibilidade de repetição de experiências vivenciadas na Europa, das quais tinham fugido.

¹⁹² 2º Rapport sur Quatro Irmãos *op. cit.*, p.4.

¹⁹³ Entrevista n° 099. Porto Alegre, 1987. Acervo do Departamento de Memória do ICJMC.

Além disso, mesmo que tais ataques não tivessem um caráter anti-semita, visto que o mesmo ocorria em várias regiões do Estado, o fato de que um administrador da ICA foi levado pelos rebeldes e depois solto mediante resgate¹⁹⁴ pode ser observado como fator de desequilíbrio na colônia, parecendo aos colonos uma ameaça direta e dirigida. Impostos e taxas também eram cobrados pelos revolucionários, além dos saques e requisições de animais e mantimentos¹⁹⁵.

Duplamente minoritários, como estrangeiros e como judeus, estes imigrantes viram nas situações de risco uma ameaça dirigida, revivendo as perseguições passadas na Europa, cuja força motora era o anti-semitismo. Ao mesmo tempo, embora não tenha se configurado uma postura anti-semita vinculada à revolução de 1923, os ataques à colônia foram vistos pelos colonos como uma nova perseguição, pois as situações de risco integravam as crenças culturalmente compartilhadas por esta comunidade. Neste sentido, a tradição de perdas, perseguições e fugas pode ser vista como parte dos modelos cognitivos que orientaram o entendimento destes imigrantes sobre todos os aspectos de suas vidas e do mundo, condicionando suas práticas. Estas crenças, pontos de vista e valores encontravam-se intimamente ligados às respostas que esta comunidade ofereceu às situações de risco. E a partir deste ponto é possível compreender como as crenças podem influenciar as ações.

Somado aos problemas internos enfrentados pela colônia, como a dificuldade dos colonos em relação à agricultura, as fracas colheitas e os desentendimentos com a administração da ICA, as requisições e saques provocados pela revolução surgiram como uma ameaça em um momento no qual a colônia encontrava-se desprotegida. As relações com a instituição passavam por algumas dificuldades e, além disso, a administração local retirou-se de Quatro Irmãos durante a revolução, instalando-se em Passo Fundo.

Em janeiro de 1923 soldados do exército vigiavam a estação férrea nas proximidades de Quatro Irmãos e ocorriam os primeiros saques à colônia. Marcos Pereira e David Proushan, diretores de Quatro Irmãos, recorreram ao governo inglês através do Consulado Britânico de Porto Alegre, alegando ser a ICA uma sociedade inglesa e portanto devendo ser considerada “zona neutra”¹⁹⁶.

Em abril, a situação na colônia se agravou significativamente, e começavam a circular boatos de que os assististas estavam se reunindo em diversos pontos do Estado¹⁹⁷. No mesmo

¹⁹⁴ Arquivo Institucional Jewish Colonization Association. *op. cit.*

¹⁹⁵ Correspondência de Paris para Erebangó, nº 640, de 30 de setembro de 1923 – AHJB-SP – cx9 M5.

¹⁹⁶ Arquivo Institucional Jewish Colonization Association. *op. cit.*, p. 67.

¹⁹⁷ *A Federação*, 9 de abril de 1923. p. 3.

mês, a colônia foi invadida e encontraram-se as tropas do governo com os assististas, responsáveis pelos saques na região. Segundo as informações publicadas em *A Federação*:

“Banditismos que bradam aos céus foram perpetrados, com a fria regularidade com que se celebram ritos de uma religião macabra em que os gritos das vítimas indefesas se casam com as línguas de fogo dos incêndios e com o sangue dos imolados à fúria assassina.

Os roubos estiveram na ordem do dia. Não só de pobres colonos, mas ainda de estabelecimentos bancários retirava-se dinheiro com recibos assinados por Portinho a título de ‘contribuição de guerra’. Uma vergonha!”¹⁹⁸

Referindo-se à atuação dos assististas na região, o jornal *A Federação*, órgão do Partido Republicano, dava ênfase aos saques e à violência praticada pelos revolucionários. No entanto, embora tais práticas tenham caracterizado a atuação destes grupos em várias regiões do Estado, as tropas governistas, mesmo não agredindo diretamente as famílias, realizavam o mesmo tipo de requisições, invadindo, roubando e matando animais¹⁹⁹.

Naquele momento a direção da ICA abandonou a colônia, indo refugiar-se em Passo Fundo. Muitos colonos saíram de Quatro Irmãos em direção a Erebangó, tendo em vista que na colônia as casas ficavam afastadas umas das outras, não oferecendo segurança. Entre os que ficaram, vários se dirigiram ao núcleo Quatro Irmãos, onde alojaram-se com outros colonos²⁰⁰.

Em 16 de maio de 1923 a direção geral de Paris, em correspondência à administração local das colônias, reproduzia telegrama recebido no dia 12:

“Colonos privados recursos provenientes comércio indústria paralisadas completamente falta segurança plantações famílias causa banditismo não trabalham, esgotadas Hilfskasse, Mútua. Parada. Administração sempre ameaçada Irmãos. Rogamos autorização continuar estadia provisória Passo Fundo. Despesas do mês 23 mil réis”²⁰¹.

Para a Administração local, a situação da colônia apresentava-se insustentável – a revolução paralisara todas as atividades desenvolvidas pelos colonos, e Quatro Irmãos não era um local seguro. Assim, a administração buscara refúgio em Passo Fundo, abandonando os colonos à própria sorte.

Em Quatro Irmãos, *“quem tinha leite das vacas... tiravam o leite assim no meio da rua. Davam copos de leite para nós levar leite para casa. Depois houve um idish lá –*

¹⁹⁸ *A Federação*, 27 de abril de 1923. Capa.

¹⁹⁹ Entrevista n° 111. Clevelândia, 1988. p. 113. Acervo do Departamento de Memória - ICJMC.

²⁰⁰ Entrevista n° 043. Porto Alegre, 1988. p. 04. Acervo do Departamento de Memória - ICJMC.

²⁰¹ Correspondência de Paris para Erebangó, n° 623, de 16 de maio de 1923 – AHJB-SP – cx9 M5.

Teitelbaum, te lembra? Que os bandidos mataram ele. Ele vinha vindo... já era... não sei o que é que era... religioso, meio rabino assim, mas era por causa desses assim... caboclos que trabalhavam lá. Eu sei que eles foram se cobrar dele, não sei se houve uma questão, e eles mataram ele no mato, arrastaram ele longe da estrada, no mato e o cavalo veio sozinho. (...) Então ali, os colonos, todos ficaram apavorados naturalmente com aquele...²⁰²”

Mesmo para os colonos que permaneceram em Quatro Irmãos, a revolução alterava toda a rotina da colônia. Colonos saíam de suas casas levando apenas o que conseguiam mobilizar com certa rapidez e passavam a viver de forma comunitária, auxiliando-se mutuamente. Ao mesmo tempo, começava a se estabelecer uma imagem dos revolucionários associando-os a bandidos, como ameaça proeminente, embora a atuação das tropas governistas não fosse muito diferente no que se refere aos saques e requisições.

Segundo Jaime Chotguis, “*chimangos eram federalistas, eram do governo. Quando eles chegaram, eles foram forças bem maiores, tinham mais armamentos, eram mais treinados. Os outros, os maragatos, eram assim de pé no chão, bandidos. Matavam o gado*”²⁰³.

Em Erebangó a situação não era diferente, famílias eram alojadas em galpões, dormindo em acolchoados no chão, em péssimas condições²⁰⁴. Como nos guetos, isolavam-se em espaços restritos, muitos deixaram de exercer suas atividades, abandonando roças e lojas. Algumas famílias eram acomodadas em porões, onde também precisavam dividir espaço com outros que chegavam a todo instante através do ramal que ligava Quatro Irmãos a Erebangó. Vinham em cima dos vagões, carregando tudo o que podia ser transportado em tais condições, como roupas e mantimentos²⁰⁵.

Enquanto isso, os assististas encontravam facilitada sua atuação na região, graças à existência de matas densas o suficiente para servir de esconderijo em caso de fuga. O governo enviou forças do general Firmino para a região, mas os revolucionários retiraram uns vinte metros de trilho e fizeram tombar o trem que transportava as tropas²⁰⁶. De acordo com Carlos Hubermann, o pânico se generalizou na colônia²⁰⁷. Os colonos iam embora por conta própria ou pediam à ICA para ir embora, movidos pelo medo dos “sanguinários” e pelo enfraquecimento da Quatro Irmãos em função dos saques cometidos pelos assististas.

²⁰² Entrevista n° 189. Porto Alegre, 1988. p. 17. Acervo do Departamento de Memória - ICJMC.

²⁰³ Entrevista n° 208. Porto Alegre, 1988. p. 10. Acervo do Departamento de Memória - ICJMC.

²⁰⁴ Entrevista n° 189. op. cit. Acervo do Departamento de Memória - ICJMC.

²⁰⁵ Entrevista n° 198. Porto Alegre, 1988. p. 14. Acervo do Departamento de Memória - ICJMC.

²⁰⁶ *A Federação*, 27 de abril de 1923. Capa. E entrevista n° 054. Porto Alegre, 1988. p. 6. Acervo do Departamento de Memória - ICJMC.

²⁰⁷ Entrevista n° 054. op. cit. p. 7. Acervo do Departamento de Memória - ICJMC.

Piquetes rodeavam as casas em busca dos homens, realizando recrutamentos à força²⁰⁸. Alguns colonos, no entanto, se engajaram voluntariamente na revolução. Como relata Henrique Henkin:

“Essa revolução atingiu muito a região nordeste do estado, abrangendo o município de Paiol Grande e, conseqüentemente, a colonização de Quatro Irmãos. A tal ponto, que um irmão meu, com 17 anos ou 18 anos, acabou se engajando, inclusive, nos revolucionários e houve um combate sangrento em Quatro Irmãos, ele foi preso, foi ameaçado de fuzilamento e tal. Houve interferências do irmão mais velho, houve interferência da ICA e ele acabou sendo solto”²⁰⁹

Estes ataques produziram um tipo de reação entre os colonos semelhante à que os fez imigrar para fugirem das perseguições na Europa:

“Os maragatos e os chimangos. Então quando foi isso aqui, vinham e destroçavam tudo. As moças se escondiam no forro do telhado porque tinham medo que eles faziam o diabo. Então a mãe disse: ‘Manoel, vamos embora. Vamos embora com as crianças porque eu não quero nada, eu quero salvar as crianças’. Então fomos. Enchemos a carroça com feijão, arroz, mel, tudo que tinha e que dava para levar. Levaram e foram para Quatro Irmãos, para o povoado. Lá em Quatro Irmãos disseram: ‘Nós temos que ir embora para Erebangó’. Então tinha o trenzinho, que o Israel trabalhava e todo o mundo sentou nos vagões abertos, porque não dava para entrar em vagão fechado (...)”²¹⁰

Em setembro as tropas revolucionárias, comandadas por Felipe Nery Portinho, ocuparam a colônia, fazendo com que a direção da ICA pagasse as taxas devidas ao governo do Estado ao mesmo tempo em que se viu obrigada a pagar os impostos municipais aos revolucionários:

"Impostos e situação geral -

(...)

No que concerne ao pagamento de impostos ao revolucionários, nós nos opomos formalmente. É necessário lembrar que nossas perdas não poderão constituir mais tarde objeto de uma reclamação, a menos que provemos que nos foram absolutamente impostas.

Quanto às somas devidas ao Estado, fizestes bem em propor o pagamento ao Governo e, faltando resposta de sua parte, de mantê-las à disposição, provando assim que temos sempre reconhecido sua autoridade e, em conseqüência, podemos reclamar sua proteção. Persista nesta atitude.

Organização de uma polícia local -

Os colonos, os habitantes da região ameaçada, possuem o direito natural de se proteger contra as violências. Eles poderão assim, criar uma polícia local. (...)

Quanto à vossa intenção de escolher guardas entre os revolucionários, nós vos desaconselhamos desta medida (...)"²¹¹.

A Direção Geral voltava-se para o governo estadual, na busca de proteção para a colônia. Ao mesmo tempo, o pagamento de impostos aos revolucionários impediria maiores

²⁰⁸ Entrevista n° 111. op. cit. p. 109. Acervo do Departamento de Memória - ICJMC.

²⁰⁹ Entrevista n° 071. Porto Alegre, 1987. p. 10. Acervo do Departamento de Memória - ICJMC.

²¹⁰ Entrevista n° 189. op. cit. pp. 17-18. Acervo do Departamento de Memória - ICJMC.

²¹¹ Correspondência de Paris para Erebangó, n° 640, de 30 de setembro de 1923 – AHJB-SP – cx9 M5, p.8.

violências contra os colonos, e o pagamento das taxas estaduais garantiria à ICA a legitimidade de seu pedido de auxílio para a superação da crise. Isolados, a ICA propõe a organização de uma polícia local para conter a onda de violência, e criar um clima de segurança entre os colonos. A existência de uma força armada entre os colonos, faria com que estes defendessem seus lotes ao invés de abandoná-los. Os revolucionários continuavam a ser vistos como ameaça, e não poderiam ser contabilizados entre a guarda organizada.

O 1º corpo da Brigada do Norte pretendia uma ação decisiva contra os grupos rebeldes que ocupavam a região norte, compreendida entre os municípios de Erechim, Passo Fundo e Palmeira. Espalhavam-se pelo Estado notícias de que a oposição estava se organizando, preparando elementos de resistência e recrutando homens, contando até aquele momento com um grupo de aproximadamente 800 homens²¹². A *Federação* preocupava-se em divulgar a situação dos rebeldes no Estado:

*“Internados, isolados, nas matarias densas daquela região, os bandos esparsos e famélicos de Portinho, fugindo sempre à luta com os defensores de um governo que eles pretendem combater, outra coisa não tem feito senão depredar, saquear, violar o lar e a honra dos indefesos colonos, assassinando e roubando. Não há na história do crime no Rio Grande, página mais negra do que essa que o assisismo escreveu, tinta de sangue e de vergonha, com as baixas infâmias dos seus mashorqueiros”*²¹³

Até esta data o Consulado Britânico não havia se manifestado a respeito do pedido de proteção que lhe fora feito pela ICA. Poucos colonos encontravam-se em Quatro Irmãos. Entre os que estavam em Erebangó, alguns retornaram à colônia logo após o combate:

*“Ali deu o combate em cima da nossa terra e ali onde é o cemitério do combate, ali deu a última mortandade. Ali, então, no outro dia, o pai veio pra ver como é que está aquilo lá e eu vim junto – eu tinha 11 anos – mas tinha tanta gente morta lá, tudo misturado com a cavalaria, tudo misturado. É uma... foi... foi muito... foi um combate dos maior que tinha”*²¹⁴.

Em outubro de 1923, a direção central da ICA solicitou à administração de Quatro Irmãos uma avaliação dos danos sofridos pela colônia para que fizesse parte das reivindicações que apresentariam ao governo brasileiro, a fim de que as compensações fossem obtidas²¹⁵. Como os demais atingidos pela revolução, a ICA apresentou ao governo a lista dos prejuízos sofridos por ela e pelos colonos, mas não obteve a compensação reclamada.

Tendo sobrevivido a outras perseguições, estes imigrantes, frente à agressão ou ameaça de agressão, preservaram o modelo comunitário cuja resposta mais rápida encontrava-

²¹² A *Federação*, 14 de setembro de 1923. Capa.

²¹³ *Idem.*

²¹⁴ Entrevista n° 184. Erechim, 1988. p. 13. Acervo do Departamento de Memória - ICJMC.

²¹⁵ Correspondência de Paris para Erebangó, de 23 de outubro de 1923, n° 642 – AHJB-SP, cx9 M5, p.2.

se na atitude de fuga e, como no antigo gueto, mobilizaram uma estrutura de valores tradicionais do grupo que reunia indivíduo e comunidade, mesmo que o anti-semitismo não pudesse ser caracterizado como principal motor da agressão. “(...) Assim, então eles fugiram de medo da repetição do que eles viram na Europa, então com medo que se repetisse aquilo, as mesmas coisas de lá, eles, então, abandonaram as colônias. Não fosse isso, não haveria motivo nem de sair das terras”²¹⁶.

Se levarmos em consideração que a maioria destes colonos não tinha para onde ir, e que entre os que abandonaram Quatro Irmãos encontravam-se colonos que já haviam saldado suas dívidas com a ICA, é preciso encontrar os motivos que impulsionaram o abandono da região. Olga Rabin Chotguis explica o êxodo de 1923, e as conseqüências do abandono dos lotes:

“Para fugir dos bandidos. Ficamos lá não sei quantos meses até que passou aquela fase e os maragatos fugiram, os chimangos, sei lá o quê e nós fomos voltando para casa. Chegando em casa... a casa estava em ordem, mas os móveis todos quebrados, galinha não existia, nada, nada, nada, só seco. Aí, o que nós íamos fazer? Fomos para a colônia, para a ICA, e pedimos alguma coisa. Então deram um adiantamento para comprar umas galinhas, umas coisas e começar de novo. E o pai pegou e comprou umas tábuas, fez uns armários, fez um... um fogão assim de tijolos, fez um forno. (...) Que luta que nós passamos. Uns tinham que comer antes. Não tinha copos, tinha latinhas e era impressionante, eu me lembro, já era grandinha, uns dez anos. E assim levantaram-se de novo. E começaram a trabalhar de novo”.²¹⁷

Dos 55 colonos instalados em Quatro Irmãos em 1922, apenas 43 encontravam-se na colônia em 1924. Destes, apenas 17 estavam em dia com o pagamento da anuidade. A ICA, embora prestando atendimento a estes colonos nas atividades de reativação de seus lotes e reconstrução da colônia, justificava o fracasso da colonização pela pouca adaptação do colono ao trabalho agrícola. A Direção de Paris estabelecia um diagnóstico da situação da colônia onde as falhas em relação aos acontecimentos desencadeados pela revolução eram procuradas, criticava a administração local e buscava avaliar a situação de Quatro Irmãos:

"Atitude da Direção

(...)

Proushan teve dúvidas quanto à permanecer entre os colonos. Nós não podemos, de Paris, pré-julgar as circunstâncias e lhe passar, sobre esse ponto, ordens formais. Nós não deixaremos, no entanto, incessantemente, de lhe recordar o dever que terá que cumprir. Os acontecimentos demonstraram que ao abandonar seu posto a administração provocou a fuga dos colonos, e deve ser considerada, até um certo ponto, como moralmente responsável pelo pânico. Nós compreendemos que os administradores colocassem suas famílias em abrigo: eles deveriam, no entanto, partilhar da sorte dos colonos (...). Lamentamos vir a notar que somente um agente subalterno, Sr. Mayo, tenha permanecido na colônia

²¹⁶ Entrevista n° 099. Porto Alegre, 1988. p. 22. Acervo do Departamento de Memória - ICJMC.

²¹⁷ Entrevista n° 189. op. cit. p. 19. Acervo do Departamento de Memória - ICJMC.

dando um exemplo de coragem e decisão. A presença de um administrador, cercado de um grande prestígio, teria sido certamente uma forma de deter a fuga de colonos e a devastação de bens.

Nós lastimamos também a inércia da administração que, durante vários meses, manteve conversações com um cônsul, ou um agente consular de 2ª ordem, ao invés de informar e fazer um apelo à proteção diplomática inglesa no Rio de Janeiro.

(...)

Reconstituição das colônias

A situação restabelecida, o importante é que os colonos se remetam o mais rapidamente possível ao trabalho e reconstituam seus cultivos. A tarefa que vos incumbe compreende acompanhar as medidas que tomaremos para facilitar a reconstituição das colônias (...) sozinhos, os bons elementos deverão lucrar, com a condição de retomar, imediatamente, sua tarefa agrícola. Somente a estes deverão ser destinados os dois contos acordados para as sementes e os cinco destinados às roças. Eles serão, enfim, dispensados da anuidade de 1923, o que constitui uma vantagem excepcional. Estas colheitas serão indispensáveis e por este motivo confirmamos nossa intenção de colocar inteiramente a nosso cargo as despesas que envolverão este trabalho. Esperamos que a administração aproveite as circunstâncias para não conservar nas colônias do Brasil senão aqueles que tenham dado no passado provas de suas aptidões e qualidades de trabalho e aqueles que, embora não tão bons, tenham voltado-se imediatamente ao trabalho. É preciso desvencilhar-se dos outros na colônia. (...) Existem abusos dos quais exigimos a supressão imediata.

(...)

Nossa obra no Brasil

Nós temos o dever de pesquisar se nossa obra no Brasil pode ser reorganizada e desenvolvida, ou se devemos encerrá-la. Atualmente, o montante de despesas gerais está fora de proporção em relação aos resultados obtidos. É preciso que esta situação cesse, - nós entendemos que devemos acabar com as hesitações e estudos experimentais. Nossa colonização no Brasil deverá apresentar resultados morais e práticos, como nossas obras em outros países, ou liquidaremos definitivamente este empreendimento que nos tem custado sacrifícios consideráveis.

(...)

Imigração de trabalhadores

Em nossos esforços por vivificar a colônia através da chegada de novos elementos, decidimos enviar ao Brasil um certo número de famílias escolhidas – compostas pela maior parte de trabalhadores com profissões que formarão cidades de imigrantes. Contamos começar, a título de ensaio, pela expedição de 10 famílias para Philippon. (...) Pouco a pouco outros israelitas virão se estabelecer em torno destes novos centros e poderão assim, nós esperamos, criar uma existência neste país, como na Argentina²¹⁸.

A ICA buscava, diante da crise e abandono da colônia, propor medidas que efetivassem a reconstrução de Quatro Irmãos: colono considerado inapto deveria ser eliminado; a administração, considerada responsável em grande parte pela fuga dos colonos, seria usada para supervisionar a reconstrução, seguindo ordens expressas de Paris. Ao mesmo tempo, a ICA questionava a continuidade das atividades de colonização no Brasil – convém salientar que o que estava em questão eram realmente as *atividades de colonização*, pois a ICA se manteve em Quatro Irmãos até 1962, quando as reservas florestais da colônia encontravam-se esgotadas, justificando a retirada da instituição da colônia. Na decisão de continuidade, novos imigrantes dariam um novo impulso à colonização, e a atividade agrícola continuava a ser o ponto central da proposta, mesmo que outras atividades se juntassem ao grupo para dinamizar a construção de cidades de imigrantes – centros dinâmicos seriam uma garantia de fortalecimento da comunidade.

²¹⁸ Correspondência de Paris para Erebangó, nº 643, de 16 de novembro de 1923 – AHJB-SP – cx9 M5, pp.2-6.

Em vários momentos a ICA procurou realizar uma avaliação dos acontecimentos, identificar as falhas e propor medidas para regularizar a situação:

*"Não podemos fazer nada contra os acontecimentos políticos locais. A última revolução paralisou e mesmo desmoralizou nossos colonos. Isso foi falha de nossa administração que de um lado abandonou a colônia e de outro lado se envolveu na política, envolvendo nossos colonos. Nós devemos estabelecer uma disciplina militar sobre este ponto de vista, diretores e assessores não possuem o direito de tomar nenhum partido, sua neutralidade atrairá maior respeito. Uma vez escolhidos os diretores, receberão certos direitos de decidir questões administrativas locais, como reparações, créditos mínimos aos colonos, etc., notadamente após estabelecer suas atribuições de acordo com a Direção Central de Paris"*²¹⁹.

Em 1926, a ICA iniciou uma nova tentativa de colonização com a criação de novos núcleos em Quatro Irmãos, como Baronesa Clara, Barão Hirsch, Pampa e Chalé. Gregório Joschp foi enviado como representante da Companhia para a Europa a fim de atrair novos imigrantes. Outros lotes de 25 hectares foram vendidos a colonos alemães e italianos, a fim de dar continuidade ao processo de colonização na região. Novamente a ICA pagou as despesas de viagem e forneceu para cada família o lote com casa e demais pertences iguais aos que receberam os primeiros colonos, bem como o subsídio para o primeiro ano, até a colheita. Assim, 1923 surge como um marco na história da colonização em Quatro Irmãos. O relativo fracasso na atividade agrícola e o insucesso da administração local na condução da colônia caracterizavam a etapa anterior à revolução. Com o êxodo, e a necessidade de reorganização do espaço, a ICA buscava corrigir seus erros, propondo um novo sistema de colonização, onde aparecia de forma clara a introdução de colonos não-judeus, a colonização em terras de mato e a tentativa de formar aldeias próximas, evitando o isolamento do colono em seu lote.

"Sistema de colonização a adotar

A prática, como temos repetido seguidamente, nos demonstra que a colonização em mato é mais lucrativa e segura. Nosso colono deve, em princípio, ser instalado em terras de mato e em grupos de 25 famílias. Estes agrupamentos são indispensáveis para combater os pretextos de solidão e de bestas selvagens. Sou da opinião de instalar os colonos sobre lotes de 50 hectares.

Os colonos terão o direito de explorar sua floresta, seja diretamente por eles, seja por uma sociedade cooperativa, criando uma serraria no centro de seu polígono. Esta exploração será submetida à nosso controle direto e todas as entradas e despesas do trabalho entrarão na conta do grupo de 25 colonos.

Instalação de filhos de colonos ou de nossos correligionários do Brasil

*Sou da opinião de nos servirmos deste elemento para instalação entre os novos imigrantes; para cada 2 imigrantes, 1 filho de colono com uma certa prática agrícola (...) os candidatos deverão estar casados e deverão possuir dois filhos no mínimo; eles deverão, desde o primeiro ano, cultivar 15 hectares de roça; deverão pagar como entrada, se possível, um Conto, em acordo com sua dívida; terão os mesmo direitos que os imigrantes de explorar em comum a superfície de floresta que lhes couber, mas sob as mesmas condições impostas aos imigrantes (...) Para isso, reserve o resto do Polígono "D" para este sistema de colonização"*²²⁰.

²¹⁹ 2º Rapport sur Quatro Irmãos *op. cit.* p.22.

²²⁰ *Idem.* pp.23-26.

Estabelecidas as condições para a reativação de Quatro Irmãos, a ICA afirmava que, ainda em 1926, os grupos Barão Hirsch, Pampa e Chalé seriam capazes de receber 83 famílias²²¹. Neste ano, o grupo Barão Hirsch foi completamente colonizado por 35 novos colonos. O mesmo ocorreu em Pampa onde 3 famílias foram estabelecidas e 7 em Chalé. Entre os novos grupos, dois filhos de colonos foram instalados em Barão Hirsch, recebendo igualmente os créditos de instalação de dois contos por família. O grupo Baronesa Clara, que poderia receber 35 famílias, seria colonizado apenas em 1927. Segundo a ICA, "*os novos grupos formam novos centros e possuem cada um todos os edifícios comunais necessários à coletividade israelita. Possuímos nestes centros serrarias destinadas exclusivamente à indústria da madeira dos recém-chegados*"²²².

Colonos não-judeus foram instalados no Polígono D, cuja colonização havia iniciado ainda em 1923. "*A colonização de estrangeiros está quase impossível em terras do Estado, sendo ao contrário fácil em terras de particulares representando sem dúvida maiores benefícios aos colonizadores particulares. É por esta razão que decidimos liquidar as terras do Polígono D e acrescentar que o preço será aumentado para 10\$000 a hectare a partir de janeiro de 1927. Ao mesmo tempo nós aumentaremos os juros que serão de 7% ao invés de 6%. (...) Estes colonos não-israelitas formam 4 comunidades distintas, onde 1 sabatista, se aproximando dos modos e costumes judaicos, 1 italiana católica, 1 alemã católica e uma pertencente à igreja luterana norte-americana. Cada comunidade possui sua igreja, escola, cemitério, etc. A colônia mais forte e mais ativa é a italiana*"²²³.

A ICA, após a crise e estabelecido o sistema de colonização que seria adotado na tentativa de reativação da colônia demonstrava claramente sua posição em dedicar-se exclusivamente às atividades de colonização, desvinculando-se da proposta filantrópica que acompanhara a instituição em seus princípios. Colonos de outras nacionalidades, e outros grupos étnicos, foram instalados nesta tentativa de superação da crise. Além disso, como procurei ressaltar no capítulo anterior, a nova estrutura, concentrando no espaço coletividades específicas, não atuaria no sentido de intensificar as trocas entre judeus e não-judeus. Assim, a colonização com não-israelitas pode servir como indicativo de que a ICA buscava para a reativação de Quatro Irmãos colonos capazes de reproduzir na colônia o mesmo sucesso observado na vizinhança não-judaica, estabelecendo colonos da mesma origem daqueles considerados aptos.

²²¹ Rapport Annuel – Année 1926 pour les colonies de la Jewish Colonization Association en Brésil – AHJB-SP – cx10, pp.14-15.

²²² *Idem.* p.15.

²²³ *Idem.* pp.18-19.

3.2 Moisés Ville: colonos X ICA

El Clamor de la Argentina. Este título acompanhou o texto publicado no *Krakower Judische Zeitung*, nº 1, ano II, de 13 de janeiro de 1899. O artigo, reproduzido parcialmente em seguida, recebeu a importância de editorial, levando estampado o selo do correio da colônia Clara, com data de 25 de novembro de 1899²²⁴:

"!Estimado señor redactor!

Nosotros, los sionistas que fundamos en el año 1897 la Asociación Sionista de la República Argentina, declaramos y rubricamos con todas nuestras firmas lo siguiente:

(...) Hasta el día de hoy sólo hemos caído en la cuenta de que no podemos hallar una persona que comprena nuestros padecimientos, los de unos cuantos judíos que fueron arrojados por el cruel destino a un lugar tan lejano y desierto, en el que nuestros días transcurren entre la indigencia y las calamidades. Ya es el séptimo año que vivimos atemorizados, clamamos con lágrimas cálidas y débiles, le pedimos al mundo que se conduela de nuestra situación, de nuestra sangre que es derramada por el cuchillo español. (...) No estamos en condiciones de describir la situación durante los años transcurridos. No tenemos más esperanzas. En primer lugar, nos consideraron inservibles para la agricultura, pero ahora las estadísticas demuestran que sí somos aptos para esta profesión, puesto que efectuamos los trabajos más pesados: nuestras familias cultivan de 50 a 100 hectáreas de tierra, ¡y cómo! Nadie dice que nuestro trabajo no sirve. ¿Es justo que con tanto esfuerzo invertido estemos expuestos a perecer de hambre por falta de ayuda de la J.C.A., sin la más mínima posibilidad de librarnos del pan corrompido? ¿Es que nunca nos independizaremos? (...) ¿Y qué pasa con nuestro judaísmo? Ya se puede uno imaginar qué educación reciben nuestros hijos. ¡Nos hemos vuelto débiles, tristes y temerosos! El tiempo nos demuestra que estamos perdidos, no lo quiera Dios. Nuestros cuerpos debilitados cerrarán, abatidos, sus ojos cansados. ¡Clamamos para que nos salven! Nadie se compadece de nosotros. La administración sostiene que es la tierra la que nos debe alimentar. Por lo tanto tiene pensado suspender totalmente su ayuda para que seamos finalmente redimidos de nuestros padecimientos por la muerte por inanición. Esta sería para nosotros la mejor ayuda. El mundo tendría que volver a apoyarnos. Con nuestras últimas fuerzas nos dirigimos a todos los patriotas judíos a fin de que busquen los medios para proceder a nuestra salvación y liberación. (...) esperamos respuesta con impaciencia y les solicitamos que escriban en la prensa sobre nuestra triste situación".

O artigo foi acompanhado por 239 assinaturas, entre "colonos e sionistas". Podemos afirmar que, mesmo em suas origens, a instalação de colônias pela ICA não esteve isenta de conflitos entre a instituição e os colonos. Remota, deserta e isolada, a Argentina era apresentada como local de padecimentos, onde as dificuldades enfrentadas com o trabalho agrícola, e a conseqüente necessidade de subsídios, conduziam colonos a buscar a divulgação de seus problemas para obter auxílio através da imprensa. Os subsídios eram vistos pela ICA como forma de incentivar a dependência do colono em relação à instituição, e deveriam ser abolidos. Isolados, os colonos faziam com que a imprensa se transformasse em veículo de ligação com a comunidade judaica no mundo.

²²⁴ COCIOVITCH, Noé. *op. cit.* pp.118-120.

Cociovitch coloca como natural estes levantes contra a administração, tendo em vista que, em algumas das colônias fundadas pela ICA, como Clara e Maurício, não havia casas preparadas com antecedência, nem condições de trabalho. Assim, os colonos eram instalados em locais onde não existia uma infra-estrutura adequada à colonização, gerando uma série de descontentamentos.

Em Moisés Ville, o processo de instalação da colônia desenvolveu-se lentamente, a "limpeza" dos elementos inúteis realizada pela ICA demorou bastante, e os empregados da instituição eram substituídos com frequência. Este contexto criava um terreno propício a alvoroços e disputas. A mudança constante de funcionários levava a colônia a constantes alterações na orientação dada aos colonos – não havia um projeto coerente que pudesse ser mantido mesmo com a alternância de nomes na administração.

Em 1896, os colonos mais antigos de Moisés Ville passaram a reivindicar a ajuda mensal, sendo que a ICA já havia resolvido não usar mais este meio de auxílio, considerado improdutivo, mesmo sabendo que os subsídios ajudavam a manter a existência das colônias. No entanto, os colonos de Palacios haviam enfrentado inúmeras dificuldades e contavam com o subsídio mensal para o desenvolvimento de seus lotes e para garantir a sobrevivência na colônia. A exigência de retorno dos subsídios, e sua extensão a colonos antigos, foi um dos primeiros pontos de conflito entre a ICA e os colonos de Moisés Ville. Além disso, a administração de Miguel Cohen (1894-1900) trouxe outros fatores que intensificaram as disputas na colônia. Cohen tornou-se pessoalmente acessível aos colonos, ao contrário do que ocorria em relação à ICA onde, em função de sua posição como entidade de auxílio localizada na Europa, as relações se despersonalizavam. Embora Cohen atuasse como um funcionário da ICA na colônia, veremos que os colonos realizaram um afastamento entre a figura do administrador e a imagem construída sobre a instituição.

Entre as polêmicas propostas de Cohen, destacava-se o melhoramento da raça bovina a fim de elevar seu valor no mercado de carne e obter uma maior produção de leite. O grupo de judeus lituanos via a proposta com bons olhos, pois acreditava que a medida poderia constituir um importante ponto de apoio para o fortalecimento econômico da colonização, mas temiam que o crédito destinado à compra do gado se perdesse em um experimento talvez improdutivo, principalmente se as novas vacas não se adaptassem a Moisés Ville. Estas propostas despertaram várias discussões, provocando uma ruptura na relação harmoniosa entre os colonos e a administração.

Cohen adquiriu um lote de vacas mestiças e distribuiu-as entre os colonos. Alguns organizaram um boicote e não aceitaram as vacas. Outros receberam as vacas, mas estas

morreram em seguida. Como morreram também vacas criollas, evidenciou-se uma epidemia que nada tinha a ver com a adaptação das vacas a Moisés Ville. Cohen fez trazer novas vacas àqueles que as aceitaram no início da proposta, fazendo com que estes colonos não sofressem perdas. A alfafa também gerou uma série de desconfianças por parte dos colonos, que não acreditavam inicialmente na validade da proposta ou mesmo nas possibilidades que este cultivo traria para o desenvolvimento da colônia.

Com a relativa calma alcançada após o incidente das vacas, o professor judeu lituano Mordejai Reuvén Hacohe Sinay iniciou uma forte pregação contra a administração, a direção e a colonização em geral, provocando alvoroço na colônia²²⁵.

A ICA possuía um grande interesse na formação de pequenos empreendimentos comerciais e industriais nas colônias, vistos como necessários para assegurar o desenvolvimento dos núcleos coloniais sob sua responsabilidade. Segundo Cociovitch, a disposição da ICA em apoiar com crédito qualquer iniciativa na colônia que tivesse relação com artesanato, caso algum colono quisesse dedicar-se a ela em seu tempo livre, fez com que um filho de Sinay demonstrasse interesse no desenvolvimento do artesanato com couro, sem com isso obter o crédito que desejava. Este fato teria desencadeado os conflitos entre Sinay e a ICA, mobilizando um grande número de colonos. Além disso, ao invés de receber uma resposta à sua solicitação de crédito, Sinay teria recebido apenas uma autorização para deixar a escola por um curto espaço de tempo, caso desejasse buscar recursos em Buenos Aires. A carta "*lo llevó a la conclusión de que o colono está, en realidad, esclavizado, ya que tiene prohibido abandonar la colonia sin una autorización*"²²⁶.

Assim, Sinay passava a liderar o movimento de ataque contra a colonização. Com alguns simpatizantes, resolveu então enviar uma delegação a Paris com as reivindicações dos colonos descontentes. Neste ponto, convém salientar que Sinay ocupava uma posição de destaque na comunidade, sendo necessário à preservação da própria coletividade. Instalado em 1894, com o grupo de Cociovitch, Reuvén Sinay trouxe de Grodno uma apreciável

²²⁵ Embora Sinay tenha realizado uma pregação contra a colonização em si, os rumos tomados por estas reivindicações marcaram uma postura em que a ICA foi relativamente isentada de culpa em relação aos problemas da colônia, enquanto Cohen foi responsabilizado pela crise. Ao mesmo tempo, Cociovitch procura traçar um perfil de Sinay, caracterizando como uma *pessoa indesejável*. Segundo Cociovitch, "*En los suburbios de esta ciudad (Grodno), donde tenía su escuela religiosa judía y se lo conocía más de cerca, sabían de sus debilidades interiores*"(COCIOVITCH, Noé. *op. cit.* p.183). Procurei relativizar as observações de Cociovitch sobre Sinay. O momento era de disputa entre as partes e, provavelmente, Cociovitch tenha sido parte interessada nas disputas que surgiram na colônia, deixando claro seu apoio à administração de Cohen. Além disso, Sinay, ao conseguir mobilizar um grupo significativo de colonos, foi além de suas *insatisfechas pretensiones personales*, atendendo a pontos reivindicados pelo grupo em geral (grifo reproduz palavras de Cociovitch. COCIOVITCH, Noé. *op. cit.* p.182).

²²⁶ COCIOVITCH, Noé. *op. cit.* pp.184-185.

quantidade de livros de conteúdo religioso, e iniciou o ensino judaico para crianças na primeira escola da colônia. A escola passava a atuar como fator de transmissão da cultura judaica, e como parte indispensável à coletividade judaica que começava a se organizar.

No início de 1896, as propostas de Cohen não haviam sido colocadas em prática, não havia sido plantada a alfafa nem iniciada a produção leiteira, mas o alvoroço começava. A desconfiança em relação às propostas somava-se ao descontentamento com o corte dos subsídios, gerando um clima de tensão entre os colonos. Cohen acreditava que com o início destas atividades os colonos se manteriam ocupados com o trabalho e os ânimos se aplacariam. Cociovitch diz que Cohen poderia, como outros administradores, deter o movimento de oposição que ameaçava a colônia. Segundo Cociovitch, "*el señor Cohen podía haber frenado al señor Sinay, dado que este debía recibir de sus manos sus salarios de maestro y la ayuda mensual que se le otorgaba por ser colono*"²²⁷. No entanto, Cohen manteve uma postura que não abalasse os interesses da colonização ou seu prestígio. Assim, esta postura teria permitido aos sublevados que organizassem de melhor forma seus protestos.

Os conflitos entre colonos e administração começaram a ser explicitados no momento em que os colonos passaram a exigir que Gutman e Alexenicer, funcionários da ICA em Moisés Ville, fossem afastados de seus cargos, e acirravam-se as disputas envolvendo a concessão do inventário vivo por parte da instituição. Para Cociovitch, Cohen forneceu uma licença de oito meses para os funcionários como medida para aplacar os ânimos, e evitar uma greve de colonos que paralisaria os trabalhos para a próxima colheita²²⁸.

Enquanto isso, o grupo organizado por Sinay havia resolvido o envio de uma delegação a Paris. A constituição de uma delegação aparece como forma de afirmação do caráter coletivo do empreendimento, mesmo que este não tenha mobilizado toda a colônia de forma homogênea. Para prover os fundos destinados à viagem, cada partidário da organização da delegação deveria sacrificar um bezerro. Além disso, fundos foram coletados com os simpatizantes de Buenos Aires, e Sinay encarregou-se da obtenção de tais recursos.

Iniciado o ano de 1897, Sinay, após sua estada em Buenos Aires, escolhia três pessoas para integrar a comitiva (Note Grauer, Abraham Braunstein e o próprio Sinay). A delegação foi provida de um mandato escrito em hebreu, assinado pelas famílias que concordavam com a viagem e sua intenção (principalmente os colonos mais antigos). "*La mayor parte de los viejos colonos era un elemento tranquilo y fue introducido en la política no por propia*

²²⁷ *Idem.* p.188.

²²⁸ *Idem.* p.190.

voluntad, sino por solidaridad"²²⁹. A coletividade passava a discutir sua postura em relação à ICA e articular respostas aos problemas vivenciados pela maioria dos colonos. Convém salientar que o grupo de Grodno, instalado em 1894, ainda recebia os subsídios da ICA, ao contrário dos antigos colonos, que haviam perdido o direito à ajuda mensal, dependendo exclusivamente do trabalho de seu lote para a sobrevivência na colônia.

Para Cociovitch, que opôs-se ao movimento, o conteúdo do documento não continha propostas para melhorar a colônia. Os descontentes não acreditavam na alfafa e tampouco na indústria leiteira. Cociovitch afirma ainda que "*sostenían que el astuto Cohen confundía con sus fantasías tanto a los colonos como a la J.C.A. Por esta razón, la misión de la delegación consistía en aclarar en París el engaño, criticar severamente la importancia de la administración desde todo punto de vista y conseguir que, en caso de que la cosecha fracasase, se reimplantara la ayuda como en el pasado...*"²³⁰. Assim, os colonos realizavam um afastamento entre a figura do administrador e a imagem da ICA enquanto instituição. Configurava-se então uma oposição entre a postura *paternalista* atribuída à instituição, e o caráter *explorador* atribuído a Cohen. A relação entre colono e ICA, embora intermediada por funcionários estabelecidos na colônia, envolvia fatores que se distanciavam das relações reais, vividas cotidianamente, e apontavam para as formas pelas quais os colonos percebiam a instituição. Assim, a relação com a ICA envolvia a construção de um laço de dependência, onde a instituição era responsável pela sobrevivência do colono (ao afastá-lo dos problemas vividos na Europa e ao fornecer as condições necessárias à sobrevivência na colônia). Alterações na postura esperada da ICA levaram a uma divisão na colônia, opondo aqueles resignados com a ordem das coisas, envoltos em gratidão e respeito pelo barão e pela administração (como o grupo das Doze Casas, onde encontramos Cociovitch), e aqueles que recusavam a subordinação a Cohen e exigiam mudanças (como o grupo liderado por Sinay).

A delegação, liderada por Sinay, conseguiu apenas o dinheiro necessário para as passagens de ida; o retorno não os preocupava: "*...estando seguros de su victoria, entendieron que para esa pequeñez no habría ningún impedimento*"²³¹. Demonstravam assim acreditar em uma ruptura entre Cohen e a Direção Geral de Paris, já que contavam com o apoio que receberiam da segunda. Não se limitavam a reivindicar, contestavam a autoridade de Cohen, rompendo os laços estabelecidos com este. Assim, o movimento fez com que um grupo

²²⁹ *Idem.* p.192.

²³⁰ *Idem.* p.193.

²³¹ *Idem.* p.193.

significativo de colonos rompessem com Cohen, que era diferenciado e afastado da imagem atribuída à ICA.

Com a partida da delegação, os colonos retomaram seus trabalhos, de volta à normalidade. Cociovitch afirma que a delegação enfrentou uma série de disputas internas durante a viagem, contribuindo para o *final trágico* de Sinay²³².

No final de maio de 1897, Cohen se retirou da colônia em direção a Buenos Aires para que a disputa se resolvesse sem sua presença. O funcionário encarregado da administração na ausência de Cohen, Fontani, também abandonou a colônia deixando-a sem administração. Fontani teria sido atemorizado por um grupo de jovens de Moisés Ville que teriam feito severas exigências em relação à administração.

A ICA em Paris, informada sobre a delegação, inicialmente fechou-lhe as portas. Por fim, o grupo de Sinay conseguiu obter uma audiência e o Diretor Geral da ICA, Sr. Sonenfeld, recusou-se a atender às reivindicações do grupo, constatando inclusive que o número de assinaturas presentes no documento apresentado superava em muito ao número de reais habitantes de Moisés Ville. O documento, "falso", não os convertia em representantes dos imigrantes perante a ICA. Não houve reconhecimento da função dos membros da delegação, embora estes tenham atuado acreditando-se representantes de Moisés Ville (com a realização de reuniões, recebendo contribuições, organizando a viagem e as reivindicações).

A ICA sequer pagou as passagens de volta da delegação, enviando-os para uma sociedade de beneficência, que encarregou-se do retorno de Grauer e Braunstein. Sobre Sinay, "*los lindos elogios que había recibido le provocaron un ataque que lo mantuvieron atado a un hospital durante un largo tiempo*"²³³. A delegação não tinha mais nada a fazer em Paris. Grauer e Braunstein retornaram a Moisés Ville. Sinay chegou vários meses mais tarde.

Em setembro de 1897, com a aproximação da colheita, surgia a necessidade de uma administração presente. A colheita prometia ser abundante e a administração permanecia fechada. Sem administração, seria impossível aos colonos a comercialização dos produtos da colônia, já que não possuíam ainda a Cooperativa. Diante desta situação, a direção da ICA em Buenos Aires decidiu impor a paz na colônia a qualquer preço, garantindo o funcionamento do aparato administrativo e punindo os causadores do conflito.

Cohen viajou até San Cristóbal, distrito da Província de Santa Fé ao qual Moisés Ville pertencia administrativamente. A polícia local foi colocada à disposição da administração de Moisés Ville para conter eventuais conflitos que pudessem ocorrer na colônia com o retorno

²³² *Idem.* p.194.

²³³ *Idem.* p.196.

de Cohen. Chefes do movimento (judeus simpatizantes de Sinay que não eram colonos, mas envolveram-se diretamente no conflito) foram detidos pela polícia e levados a San Cristóbal. Um comissário, com vários agentes da polícia, dirigiu-se para Moisés Ville antes do administrador. Recorrer à polícia demonstra claramente que a ICA percebeu o movimento de colonos como um amotinamento, uma insubordinação que deveria ser combatida. Com a intervenção policial, o confronto se convertia em uma questão de ordem pública, e provocava uma coletivização do problema, fazendo com que toda a comunidade se voltasse para a preservação do grupo.

Com a chegada destas notícias a Moisés Ville, um grupo de colonos decidiu ir a San Cristóbal protestar contra as prisões, e exigir a libertação dos presos. Na cidade, encontraram-se com Cohen e, na discussão, colonos do grupo decidiram ficar junto com os presos. Os demais regressaram a Moisés Ville. "*Esposas, madres e hijos pusieron el grito en el cielo y se produjeron choques entre los bandos oponentes*"²³⁴. A chegada ocorreu em meio a um grande tumulto na colônia, provocando a intervenção policial. Muitos ficaram feridos.

Cociovitch, com o grupo das Doze Casas, foi convocado a interceder em favor dos detidos. Formando um pequeno grupo, então representando a comunidade judaica de Moisés Ville, foram até a cidade. Exigiram a libertação dos presos, em prol dos interesses da colônia. Conseguiram, intercedendo junto a Cohen, a libertação do grupo. A administração retornava à colônia, solicitando empenho no trabalho e confiança na administração, que melhoraria a colonização com todos os meios a seu alcance.

Segundo Cociovitch, a polícia e a perspectiva de uma colheita abundante foram os principais fatores que colaboraram para o restabelecimento da ordem na colônia. "*Los métodos de trabajo eran primitivos, no se tenía el equipamiento agrícola completo, no había personal con experiencia en el trabajo de cosecha y, sin embargo, todo tenía que ser provisto puntualmente*"²³⁵.

Embora a abundância da colheita não tenha sido como o esperado, principalmente em função dos problemas gerados pelos gafanhotos e o pouco rendimento por hectare, os colonos conseguiram semear 26.000 quintales. Este resultado foi visto como incentivo para os colonos, que voltaram-se com maior vontade de trabalho para a colheita de 1898 (que resultou em 10.000 quintales a mais na mesma quantia de hectares semeados).

Durante o tempo em que a administração esteve fechada bois foram roubados dos colonos, não foram adquiridas a tempo máquinas para a realização da colheita, e a colônia

²³⁴ *Idem.* p.199.

²³⁵ *Idem.* p.202.

também sofreu perda de colonos – êxodo foi visto como sinal de desmoroamento. Em 1898, o *Krakowier Idische Tzeitung* apresentava em suas páginas uma correspondência não datada (acredita-se que seja do mesmo ano), estabelecendo uma avaliação do conflito entre colonos e administração em Moisés Ville:

"En nombre de todos los judíos de Buenos Aires nos dirigimos con un pedido a los dirigentes de la colonización en la Argentina, para que se apiaden de los colonos. Su situación estremedora no puede ser descrita por ninguna pluma. Lo mismo vale para las persecuciones que deben soportar. La administración los consuela con promesas vanas. Parece ser que el administrador de Moisés Ville posee tales medios y secretos, que anulan toda intervención de los directores Hirsch y Cazes. Este tirano le da a los colonos la sola posibilidad de huir de la colonia y vivir aquí, en la ciudad, como pordioseros, una táctica suficientemente humanitaria de un inquisidor judío que emplea la vieja técnica de golpear, torturar y hacer encarcelar. Ni siquiera las mujeres y los niños son respetados: los ancianos y sus hijos son desalojados de las casas que ellos mismos construyeron y permanecen afuera bajo las lluvias, los fríos y la mugre más inclementes, mientras el gaucho armado vigila para que no los dejen entrar en otra casa. Acerca de este crimen escriben a Londres quejándose y solicitando un administrador más humanitario. Pero el correo se encuentra en manos de esta gente y suceden también otras cosas (...) El conocido predicador Reuvén Hacohe Sinay fue enviado a Europa para hacer conocer al mundo esta situación. Por esta razón no pudo volver a ver su hogar y cuando su mujer solicitó herramientas para arar, a fin de que no muriese de hambre junto con sus hijos, le golpearan hasta dejarla enferma y de cama. Escribimos con lágrimas. Sabemos que debemos dirigirnos al Dios de nuestros ancestros, ya que cada pedido a la J.C.A. es, lamentablemente, en vano, según nos enseñó la experiencia, porque sólo somos unos miserables judíos rusos, de los cuales los señores se preocupan muy poco. Que Dios nos libre de los que nos ayudan y concentre a todos nuestros dispersos en nuestra patria"²³⁶.

Os conflitos em Moisés Ville provocaram repercussões que envolveram a comunidade judaica argentina em círculos mais amplos, a partir das discussões realizadas em Buenos Aires. As propostas de Cohen, consideradas impróprias, somavam-se aos protestos em relação à condição dos imigrantes estabelecidos em colônias, que esperavam da ICA um auxílio constante e viam-se isolados e obrigados a sobreviver do trabalho agrícola, para o qual não tinham preparo. O texto ainda afirma a postura de Sinay, considerando a administração local como responsável pelas dificuldades enfrentadas em Moisés Ville. Para o autor da carta, nem mesmo a correspondência estaria fora da esfera de controle da instituição. Diante da crise, a resposta acionada pela comunidade passa pela mobilização de uma coletividade judaica, que busca fortalecer-se através da identificação que reúne o grupo e constrói uma identidade particular (*somos unos miserables judíos rusos*). Ao mesmo tempo, a carta procura afirmar que a solução para os problemas da comunidade judaica estabelecida na Argentina estaria ligada ao projeto sionista, rogando para que "*concentre a todos nuestros dispersos en nuestra patria*".

²³⁶ *Idem*, pp.205-206.

Mesmo assim, Cohen voltou à administração tentando dar continuidade à implantação dos novos rumos projetados, na agricultura e criação de gado, e nesta permaneceu até 1900.

Com o corte do subsídio mensal dado pela ICA, a sobrevivência do colono passava a depender única e exclusivamente dos produtos que obtinham da terra com seu próprio esforço. O desenvolvimento da produção de alfafa se transformou no fator principal da economia agrícola de Moisés Ville, propiciando a independência do colonos em relação aos subsídios da ICA.

Outros conflitos, em fins de 1906, colocaram em posições opostas colonos e o novo administrador, Arturo Bab, resultando na organização do "êxodo de Moisés Ville". Uma delegação especial negociou a saída de vários colonos em direção a Médanos, contando com a ajuda do ex-administrador Miguel Cohen²³⁷. Aproximadamente 40 famílias saíram de Moisés Ville e fundaram a colônia de Médanos. Em 1907-1908, outros fatores provocaram um novo êxodo em Moisés Ville. Os colonos passavam a contestar cláusulas de seus contratos, levando a ICA a algumas concessões, como a redução em 25% dos pagamentos, prolongamento de prazos, etc., sem que isto resolvesse a tensão entre colono e instituição.

²³⁷ WEIL, Simon. *Provincia de Santa Fé – Colonia Moisesville*. p.275. in: MENDELSON, Jose et all. *op. cit.*

Conclusão: Judeu brasileiro, Judeu argentino e vice-versa

No final do século XIX, milhares de judeus russos saíram da Europa em direção ao outro lado do Atlântico. Diante da política de russificação do Império czarista, a situação destes judeus provocou a organização de várias instituições de auxílio a refugiados, como a Jewish Colonization Association (ICA), instituição de caráter filantrópico fundada pelo Barão Maurice de Hirsch em 1891. Esta instituição atuou decisivamente na saída organizada de um grande número de judeus russos em direção às Américas, instalando-os em colônias agrícolas estabelecidas pela companhia.

Em 1890 o Barão Hirsch estabeleceu em Moisés Ville, Argentina, a primeira colônia da ICA com o objetivo de atender a judeus russos que fugiam da perseguição cotidiana e aceitavam a agricultura como atividade econômica. Após a morte do Barão, a ICA iniciou seus estudos de expansão para o Brasil, fundando, em 1909, a colônia Quatro Irmãos, segunda colônia estabelecida pela instituição no país.

A imigração surgia como solução dos problemas enfrentados por comunidades que viam sua existência ameaçada em seus países de origem. Histórias individuais faziam parte de um drama coletivo, saindo da esfera privada e projetando-se na comunidade. Assim, homens e mulheres abandonaram seus lares, inventando novas vidas longe dos lugares onde nasceram. O movimento imigratório, ligado ao instinto individual, ou coletivo, de sobrevivência, fazia com que os deslocamentos fossem responsáveis por profundas transformações.

Este estudo procurou discutir de que forma o sentimento de pertencer a uma coletividade judaica pôde estabelecer vínculos com uma identidade regional nas colônias, num período em que o processo de construção da nação estava se consolidando. Mesmo que as conclusões obtidas neste trabalho tenham sido oferecidas ao longo do texto, alguns pontos permitem sistematizar as principais características deste processo de integração, reconhecimento e diferenciação que envolveu a colonização judaica em Quatro Irmãos e Moisés Ville. Ao mesmo tempo, é preciso salientar que perceber as transformações na identidade judaica é procurar perceber de que forma ocorreram alterações no sentimento de pertencer a uma coletividade específica, articulando este sentimento com um pertencimento mais amplo, ligado ao regional e aproximando-se do nacional. A imigração, enquanto processo, age na esfera das subjetividades, provoca alterações nem sempre visíveis e gera a

necessidade de adaptação. Em local distinto daquele de origem, o indivíduo deve recriar sua vida, adaptando-se às novas circunstâncias.

Ao mesmo tempo, a visão dos colonos, suas percepções e reações em relação ao processo de imigração, é extremamente difícil de ser descoberta, principalmente quando se trabalha com os documentos oficiais da ICA. Mesmo no caso de Cociovitch, utilizado como chave principal para encontrarmos Moisés Ville, o depoimento pessoal não pode ser considerado como referência para o que ocorria na mente de cada indivíduo, membro da coletividade. Estas fontes, no entanto, constituíram um filtro através do qual procurei perceber estes aspectos. Procurei resgatar as ações e reações dos colonos, suas percepções e sentimentos através dos relatos da instituição, salientando que a postura oficial da ICA, e mesmo o relato de Noé Cociovitch, não foram considerados um guia para acessar o plano individual e subjetivo dos colonos. Todas as situações evidenciadas na documentação e no relato de Cociovitch foram vistas como indicadores das relações vivenciadas nas colônias, apresentando portanto as possíveis alterações na relação dos colonos com a comunidade e com a sociedade de instalação das colônias.

Além disso, a vida comunitária judaica não é uma realidade natural, é uma realidade histórica, construída de formas diferentes em contextos determinados. A identidade judaica, formada por recortes variáveis de aspectos que permitem ao indivíduo o reconhecimento como judeu, articulava-se entre a esfera da comunidade, e a sociedade mais ampla. Desta forma, as práticas cotidianas, analisadas ao longo do trabalho, podem ser vistas como desdobramentos de uma visão de mundo compartilhada, onde as formas de organização assumidas pelas colônias e as relações que se estabeleceram em cada espaço podem tornar visível o sentimento de pertencer a uma coletividade específica.

Em primeiro lugar, é preciso salientar que, para a imigração judaica, os países latino-americanos não eram locais de passagem, mas de destino. Os problemas de identidade colocados por sua integração, neste contexto, se tornariam complexos devido à dimensão do judaísmo. A identidade judaica inclui etnia, língua, nacionalidade, religião, cultura, de forma tão intimamente relacionada que se torna praticamente impossível fazer uma distinção entre estes aspectos. A história de perseguições, a diáspora, a manutenção consistente desta identidade que é ao mesmo tempo religiosa, cultural e comunitária permitem a construção de identidades múltiplas em constante transformação, ligadas à vivência diária, à trajetória individual e coletiva. Por isso mesmo, procurei defender a idéia de que a constituição das colônias da ICA, considerando as formas por estas assumidas, e considerando as sociedades

receptoras, permitiram a construção de uma nova identidade, sem que isto significasse abrir mão da *judaicidade*.

O impulso imigratório se dava em um momento marcado pelas perseguições vivenciadas na Europa. A projeção de existência de um mundo "livre" em oposição a outro, vivenciado na Europa, impulsionava a imigração. Assim, a chegada destes imigrantes aos países de instalação representava uma ruptura com as formas do shtetl, gerando a necessidade de reelaboração das fronteiras entre a comunidade e a sociedade de instalação mas, ao mesmo tempo, representava também a possibilidade de transposição das formas de existência coletivas vivenciadas na Europa. Mesmo que a imagem do local de origem se tornasse negativa, em função das perseguições ou da exclusão que tenham sofrido, existiu uma tentativa de reprodução do shtetl em todas as suas dimensões. Por outro lado, a imagem do país de instalação como espaço de liberdade e possibilidade de progresso, os impulsionava a considerar seu futuro ligado aos países de instalação.

Qual o significado deste movimento aparentemente contraditório e quais foram suas implicações? Existia uma dupla temporalidade onde, de um lado, encontramos a expressão da realidade vivida no momento presente, à qual era preciso adaptar-se e, de outro, a tentativa de recriar, no espaço a ser ocupado, um tipo de vida característico de uma comunidade culturalmente diferenciada. Assim, configurava-se o espaço de fronteiras, incessantemente redefinidas.

Na organização deste espaço, a construção e/ou transformação de uma identidade judaica estava demarcada por questões como a afirmação da identidade cultural judaica pré-migratória, o conflito identitário entre a sociedade pré-migratória e a sociedade receptora (onde é possível perceber a tentativa de reconstruir na colônia a estrutura comunitária vivida na Europa) e, de forma particular, a adoção parcial de uma identidade regional.

Como os judeus buscaram recriar sua identidade primordial de acordo com as possibilidades geradas pelo processo de instalação em colônias agrícolas, as primeiras formas de organização voluntárias desenvolvidas por estas comunidades atendiam a aspectos fundamentais para preservar a comunidade judaica em suas características essenciais, segundo as tradições e a cultura judaicas, como cemitérios, sinagogas, escolas, etc. Por este motivo, a integração dos imigrantes, e a conseqüente transformação de sua identidade, não pode ser compreendida independentemente da análise do processo de constituição das colônias. A formação destas comunidades, no sentido da concentração espacial de populações provenientes do mesmo país, contribuía para manter aspectos da comunidade original, pré-migratória, mesmo diante da adaptação necessária, e criava um simulacro da vida comunitária

vivenciada na Europa, da qual estavam totalmente privados. A manutenção da identidade estabelecia suas bases em princípios compartilhados, expressos em instituições específicas que atuavam na preservação da coletividade.

Passado, presente e futuro articulavam-se no processo de integração, configurando formas de organização específicas. O *passado*, de pertencimento e preservação de uma coletividade específica, de perseguições e fugas, projetava-se também no *presente*, marcado pelas tentativas de reconstrução da comunidade judaica, onde configurava-se a afirmação da identidade frente à diferença, assim como a superação das dificuldades. O *futuro*, de forma particular, marcava uma dimensão onde se tornavam presentes o medo, a esperança, a incerteza quanto aos rumos da colônia. Estas formas de organização, articulando então diferentes dimensões do processo, envolveram a constituição de dois espaços diferenciados: as colônias e sua estrutura organizacional e, de outro lado, a sociedade de instalação das colônias. A existência destes dois espaços, percebidos como foco de tensão, provocava a transformação e a construção de novos sentimentos de pertencimento, influenciando o processo de integração destas comunidades e a construção de uma nova identidade.

Na configuração destes espaços, a vida comunitária era fundamento identitário e, ao mesmo tempo, cerne do que estava em jogo na adaptação. A vontade de manter uma vida cotidiana judaica levou a ICA, e estes grupos, a buscarem a organização de aldeias, onde a ênfase era a própria comunidade. No entanto, assim como o imigrante não poderia renunciar aos hábitos incorporados que fundavam sua identidade, não poderia levar a vida numa sociedade estrangeira tal como a levava em seu país de origem. A vida comunitária sofreu transformações mais ou menos impostas, ou até mesmo reivindicadas. Assim, o português e o espanhol passaram a ser ensinados nas escolas, e os centros constituídos nas colônias estabeleceram pontos de contato com a sociedade de instalação, dinamizando as relações comerciais e as trocas. A própria agricultura acabou atuando no processo de integração na medida em que representava uma série de mudanças para os colonos. Mudança de status atribuído à própria atividade já que, em seu país de origem, a comunidade judaica dedicava-se às atividades de comércio. Nos países latino-americanos, a agricultura passava a ser condição para a instalação dos colonos, e a obtenção de um lote fazia com que este indivíduo tivesse que tornar-se agricultor.

Além disso, a agricultura constituía um ponto essencial na proposta da ICA. Esta proposta, em suas origens, previa a reintegração do gueto judeu dentro da ordem econômica de cada país de instalação. Ao mesmo tempo em que prestava ajuda aos necessitados, a inserção na economia através da instalação de colônias agrícolas seria a solução para o

problema da miséria e a normalização da posição judaica na sociedade. Pelo acesso à terra o colono passaria a fazer parte da sociedade de instalação.

Ao mesmo tempo, a atuação da ICA evidenciava a existência de políticas nacionais ou regionais que atuaram no sentido de facilitar a imigração. O projeto nacional brasileiro englobava, em especial desde os anos 20, o branqueamento, a latinização e cristianização das populações. O mesmo pode ser afirmado em relação à Argentina, onde a imigração estava ligada à construção da nação com a europeização de sua população. A imigração aparecia como parte das medidas a serem tomadas pelos governos visando o progresso de seus países, visto que a instalação de pequenas propriedades agrícolas em áreas vazias dos territórios traria uma série de contribuições para o crescimento destas regiões.

No entanto, no período de colonização de Quatro Irmãos e Moisés Ville, a afirmação nacional ainda não se fazia presente de forma explícita ou sistemática. Assim, antes de ser brasileiro, ou argentino, o judeu na colônia se aproximaria de uma identidade regional.

No período de instalação das colônias, os imigrantes receberam seus lotes em zonas desocupadas e ali permaneceram, relativamente isolados da sociedade nacional. O uso cotidiano da língua, a intensidade da vida associativa, a rede escolar, com sua forte vinculação à cultura judaica, ajudaram a construir uma identidade judaica e serviram como limites inclusivos da comunidade. Mesmo assim, a organização comunitária não ficou restrita às regiões coloniais. Revelaram-se, igualmente, em contextos urbanos onde ocorreram concentrações de judeus, permitindo caracterizar este tipo de organização como traço específico da cultura judaica em si.

A identidade judaica, assim como a nacionalidade, é uma qualidade compartilhada, uma condição de pertencimento a um grupo cujos membros possuem uma consciência coletiva. Para analisar as possíveis transformações neste sentimento de pertencimento, foram pensadas as respostas oferecidas pelas colônias em momentos de crise. Estas respostas possibilitaram uma maior visibilidade às questões da identidade judaica constituída nas colônias, e principalmente ofereceram indícios da integração, ou não, dos colonos às sociedades de instalação.

Quatro Irmãos e Moisés Ville viveram conflitos diferentes, mas que mobilizaram a coletividade judaica de forma semelhante. Circunstâncias históricas, políticas e econômicas da região em que estas colônias se inseriram, como em Quatro Irmãos, ou conflitos internos, vivenciados apenas pela colônia, como em Moisés Ville, foram analisados com o objetivo de evidenciar o processo de integração e/ou manutenção da cultura judaica em momentos específicos.

Em Quatro Irmãos, quando o movimento revolucionário de 1923 atingiu a colônia, os poucos colonos que lá residiam encontravam-se em dificuldades, vivendo inclusive um momento de conflito com a direção da ICA. No entanto, a crise em que se encontrava Quatro Irmãos, apresentando fatores ligados ao despreparo para o trabalho agrícola, à falta de orientação por parte da ICA e às dificuldades de adaptação a uma nova realidade, já se configurava nos anos anteriores, fazendo com que as dificuldades enfrentadas pelos colonos, de forma isolada, não fossem suficientes para explicar o êxodo que atingiu a colônia no período. Além disso, dos colonos que se encontravam em Quatro Irmãos no momento da revolução, alguns já tinham saldado suas dívidas para com a ICA, e a grande maioria não tinha para onde ir.

Portanto, os prejuízos causados pelos ataques ocorridos durante a revolução e seus reflexos imediatos entre os colonos provocaram uma desarticulação em Quatro Irmãos. Estes indivíduos, inseridos na colônia neste momento específico do processo de colonização, estabeleceram uma relação entre a atuação dos grupos revolucionários e os ataques de que eram vítimas na Europa. O medo da continuidade de experiências passadas constituiu um filtro através do qual estes indivíduos perceberam os ataques, condicionando a forma pela qual articularam uma resposta à situação. Frente à agressão, ou ameaça de agressão, buscaram em um substrato coletivo elementos de defesa, estabelecendo a relação de identificação entre a revolução e a tradição marcada pelas perseguições, determinando a saída da colônia.

A revolução foi percebida como uma nova perseguição, pois situações de risco integravam as crenças culturalmente compartilhadas por esta comunidade. Perdas, perseguições e fugas devem ser vistos como parte dos modelos cognitivos fornecidos pela cultura judaica enquanto instrumento de ordenação da conduta coletiva e como padrão de significados transmitidos historicamente. São estes modelos que orientaram as ações e a forma pela qual estes indivíduos perceberam a agressão, condicionando a resposta oferecida por esta comunidade à situação de risco.

As condições sócio-econômicas da colônia, associadas a este substrato comum, constituíram os principais fatores responsáveis pelo fato da revolução ter sido vivenciada como algo externo e como ameaça à existência de uma unidade baseada na cultura e no sentimento de identidade. A revolução deve ser vista como fator decisivo no êxodo, responsável por desencadear o processo de desarticulação da colônia.

Em 1896, os colonos mais antigos de Moisés Ville passaram a reivindicar a ajuda mensal, sendo que a ICA já havia resolvido não usar mais este meio de auxílio. A coletividade passava a discutir sua postura em relação à ICA e articular respostas aos problemas

vivenciados pela maioria dos colonos. Assim, os colonos atribuíam significado à sua relação com a ICA, e percebiam a atitude da instituição no que se refere à colônia. Neste processo, realizaram um afastamento entre a figura do administrador e a imagem da ICA enquanto instituição, construindo uma oposição entre a postura *paternalista* atribuída à instituição, e o caráter *explorador* atribuído a Miguel Cohen.

A relação com a ICA, em Moisés Ville, envolvia a construção de um laço de dependência, onde a instituição era responsável pela sobrevivência do colono, ao afastá-lo dos problemas vividos na Europa e ao fornecer as condições necessárias à sobrevivência na colônia. Com o desenrolar do conflito, o envolvimento da força policial de San Cristóbal revelou que a ICA percebeu o movimento de colonos como uma insubordinação que deveria ser combatida. Com a intervenção policial, o confronto entre Cohen e um grupo menor de colonos provocou a coletivização do problema, fazendo com que toda a comunidade se voltasse para a preservação do grupo.

Como tentei discutir, a integração e manutenção de uma identidade particular fizeram parte de um processo paralelo de reconhecimento e diferenciação. Para os judeus, tanto em Quatro Irmãos, quanto em Moisés Ville, parecia não haver contradição entre ser judeu e ser brasileiro, ou argentino. Henry I. Sobel pode fornecer indícios para definir esta relação:

“A meta, então, é criar uma ponte entre o particular e o universal. Integrar-nos sem perder nossa autenticidade como judeus, nossa identidade judaica, nossa alma judia. A integração do judeu no mundo é desejável e benéfica, sob a condição de ingressarmos na sociedade como judeus, com nossa particularidade, com nosso código moral e espiritual, sem jamais abdicar da herança do nosso passado. Permanecer judeu entre os outros, dar um exemplo judaico de dignidade e integridade a todos os povos, é cumprir a missão assumida no Monte Sinai”²³⁸.

Ainda que Sobel esteja preocupado com processos de assimilação que vem se desenvolvendo de forma acentuada desde o final do século XX, as questões propostas por ele podem oferecer caminhos para pensarmos o problema da integração dos judeus nas sociedades mais amplas desde a instalação das primeiras colônias judaicas na América Latina. Sobel discute o conflito entre ser cidadão e ser judeu, entre o que denomina particularismo e universalismo. Define o particularismo como barreiras artificiais que separam os homens uns dos outros, e como aceitação de que diferenças existem. O universalismo, ao contrário, seria aquilo que permite ao homem considerar-se cidadão do mundo... Particularismo e universalismo não são contraditórios ou incompatíveis no momento em que pode haver um espaço de coexistência. Para o universalismo de Sobel, trabalhei com a questão da assimilação

²³⁸ SOBEL, Henry I. *Ser Judeu*. In SLAVUTZKY, Abrão (org.) *A Paixão de Ser: Depoimentos e Ensaios sobre a identidade judaica*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998. p. 119.

nas colônias, e o particularismo encontra seu correspondente na questão da preservação de uma identidade judaica baseada na cultura. Assim, estes problemas entre preservação e integração, entre permanecer judeu entre os *outros*, sem deixar de pertencer a um contexto maior, são questões que acompanham a comunidade judaica e podem ser evidenciadas no processo de formação de colônias agrícolas judaicas na América Latina. A tensão que limita fronteiras não é incompatível, como diz Sobel, e provoca mesclas e traz transformações.

A estrutura das colônias atuou decisivamente na manutenção de uma comunidade ligada por um sentimento de pertencer a uma unidade baseada na cultura e identidade judaica. Ao mesmo tempo, não podemos negar que estes colonos se viram tocados pelos valores das sociedades de instalação nas quais foram inseridos. Estes colonos, acima de tudo, desejavam integrar-se às sociedades receptoras.

Entre os colonos que chegaram a Quatro Irmãos, assim como no que se refere aos colonos de Moisés Ville, era comum o desejo de integração, a imigração vista como possibilidade de uma vida melhor, longe do constrangimento e sofrimento causados pelas perseguições, pogroms e dificuldades enfrentadas na Rússia czarista. Alguns passos foram dados em direção à articulação da identidade cultural judaica com um sentimento de pertencimento mais amplo, envolvendo a construção de uma identidade regional, criando símbolos ligados a uma nova identidade. O português, e o espanhol, passou a ser ensinado nas escolas das colônias, as vestimentas impossibilitavam a distinção entre judeus de Quatro Irmãos e não judeus. O colonos de Moisés Ville desejavam sucesso na atividade agrícola, mesmo diferenciando-se a fim de consolidar a comunidade.

Neste sentido, dois aspectos devem ser observados no que se refere à colonização de Quatro Irmãos e Moisés Ville. De um lado, o fato de que estes indivíduos possuíam o desejo de imigrar, de encontrar em outro país um refúgio, onde as perseguições da Europa não se repetissem. Por outro lado, em função de circunstâncias historicamente determinadas, temos a existência de uma trajetória na qual perdas, perseguições e fugas se fizeram presentes de forma constante, obrigando, de certa forma, a construção de uma estrutura eficaz de manutenção da cultura e afirmação de uma identidade judaica, onde encontramos um substrato comum, marcado pela cultura e tradição extremamente fortes.

Nas colônias, com suas formas de organização, o judaísmo cotidiano se torna mais visível. Assim, podemos concluir que uma sociedade culturalmente plural poderia existir, e diferentes identidades poderiam se sobrepor. O multiculturalismo era vivido cotidianamente por imigrantes e nativos. A multiplicidade de identidades não precisava ser vivida, necessariamente, de forma conflituosa pelos seus protagonistas que, talvez sem se perguntar

muito sobre estas questões, podiam compartilhar sobreposições de identidades, embora às vezes estas possam nos parecer contraditórias. Com todas as diferenças vividas, os imigrantes judeus recriaram nos novos contextos de inserção seus valores e seu universo peculiar, e integraram-se às sociedades de instalação atuando efetivamente nestas sociedades, onde construíram seus lares.

Referências Bibliográficas:

- AARÃO REIS, Daniel. *Uma revolução perdida. A história do socialismo soviético*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.
- ACHUGAR, Hugo y CAETANO, Gerardo (compiladores). *Identidad uruguaya: mito, crisis o afirmación?* Montevideo: Trilce, 1993.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. *RS: as oposições & a revolução de 1923*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- ASHERI, Michael. *O judaísmo vivo: as tradições e as leis dos judeus praticantes*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- AUSUBEL, Nathan. Enciclopédia Conhecimento Judaico II. Volume 6.
- AVNI, Haim. *Argentina y la historia de la inmigración judía (1810-1950)*. Israel, Buenos Aires: Editorial Universitaria Magnes, Universidad Hebrea de Jerusalén, AMIA Comunidad de Buenos Aires, 1983.
- BACK, Leon. *Imigração judaica no Rio Grande do Sul*. In: Enciclopédia Rio-Grandense, vol 5. Canoas: Regional Limitada, 1958.
- BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- BARBOZA, Tatiana Machado. *Os reflexos da Revolução de 1923 e seu papel na desarticulação da Colônia agrícola de Quatro Irmãos/RS (1923/1926)*. Porto Alegre, Monografia de Bacharelado, UFRGS, 1999.
- BARON, Salo W. *História e Historiografia do Povo Judeu*. São Paulo: Brasiliense, 1974.
- BARYLKO, Jaime. *Estudio sobre la comunidad de Moisés Ville*. Conferencia de investigadores y estudiosos judeo-argentinos en el campo de las ciencias sociales y la historia. Buenos Aires: AMIA, Comunidade Israelita de Buenos Aires, 11-15 de outubro de 1961. mimeo.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Cap. V. Lisboa: DIFEL, 1980.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade & etnia; construção da pessoa e resistência cultural*. SP, Brasiliense, 1986.
- CAETANO, Gerardo. *Identidad nacional e imaginário colectivo em Uruguai. La síntesis perdurable del Centenario*. In ACHUGAR, Hugo y CAETANO, Gerardo (compiladores). Identidad uruguaya: mito, crisis o afirmación? Montevideo: Trilce, 1993.

- CARDOSO, C. F. e BRIGNOLI, H. P. *Os métodos da história*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. 2ª edição.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. e BRIGNOLI, Héctor Pérez. *História econômica da América Latina*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.
- _____. *O Mundo como Representação*. Estudos Avançados 11[5], 1991.
- COCIOVITCH, Noé. *Gênesis de Moisés Ville*. Buenos Aires: Editorial Milá, 1987.
- DACANAL, José Hildebrando (org.) *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1992.
- DIAMENT, Mario. *Conversaciones con un judío*. Buenos Aires: Timerman Editores, 1977.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Etnias e culturas no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 1980.
- DONGHI, Túlio Halperin. *História da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- EIZIRIK, Moisés. *Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1984.
- FAERMANN, Martha Pargendler. *A promessa cumprida: histórias vividas e ouvidas de colonos judeus no Rio Grande do Sul (Quatro Irmãos, Baronesa Clara, Barão Hirsch e Erebangó)*. Porto Alegre: Metrópole, 1990
- FALBEL, Nachman. *Estudos sobre a comunidade judaica no Brasil*. São Paulo: Federação Israelita do Estado de São Paulo, 1984.
- FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- FEIERSTEIN, Ricardo. *Historia de los judíos argentinos*. Buenos Aires: Ameghino, 1999.
- GIANELLO, Leoncio. *Historia de Santa Fé*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1997.
- GINZBURG, Carlo. *Représentation: le mot, l'idée, la chose. Pratiques de la représentation*. Annales – École des Hautes Études en Sciences Sociales: Paris, 1991.
- GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

- GOLOMBEK, Lea L. *Moisés Ville: crónica de un shtetl argentino*. Israel: La Semana Publicaciones LTDA, 1982.
- GRITTI, Isabel Rosa. *A Imigração Judaica no Rio Grande do Sul: a Jewish Colonization Association e a Colonização de Quatro Irmãos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.
- _____. *A imigração judaica para o Rio Grande do Sul: a Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos*. Dissertação de mestrado. PUCRS, Porto Alegre, março de 1992.
- GRUZINSKI, Serge. *Os mundos misturados da Monarquia e outras "connected histories"*. EHESS, Paris, mimeo, s/d.
- GUTKOWSKI, Hélène (coord.). *Rescate de la herencia cultural – vidas... en las colonias*. Buenos Aires: Editorial Contexto, s/d.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios. 1875 – 1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- _____. *Nações de nacionalismo desde 1780: Programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. *A Era dos Extremos: O Breve Século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 22.
- IOLOVITCH, Marcos. *Numa Clara Manhã de Abril*. Porto Alegre: Movimento, 1987. 2ª ed.
- JODELÈT, Denise. *Représentations sociales: un domaine en expansion*.
- KLIEMANN, Luiza H. Schmitz. *RS: Terra & Poder. História da questão agrária*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- KORN, Francis. *Algunos aspectos de la asimilación de inmigrantes en Buenos Aires in América Latina*. Rio de Janeiro: Ano 8, nº 2, abril-junho de 1965.
- LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a Questão Judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- _____. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *L'identité*. Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France, 1987.
- LINS, Ivan. *História do positivismo no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1967.
- LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- MENDELSON, Jose et all. *50 Años de Colonización Judía en la Argentina*. Buenos Aires: Delegación de Asociaciones Israelitas Argentinas (D.A.I.A.), 1939.

- NICOLAIEWSKY, Eva. *Israelitas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Garatuja, 1975.
- OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A invenção da sociedade gaúcha*. Ensaios FEE, Porto Alegre, (14)2:383-396, 1993.
- _____. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: *Estudos Históricos* 1989/3. SP, Ed. Revista dos Tribunais LTDA (Edições Vértice), 1989.
- QUEIRÓS, César Augusto Bubolz. *O governo do Partido Republicano Rio-Grandense e a questão social (1895-1919)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- ROCK, David. *Argentina 1516-1987: desde la colonización española hasta Raúl Alfonsín*. Buenos Aires: Alianza, 1995.
- RODRIGUES, Ricardo Vélez. *Castilhismo: uma filosofia da república*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- SAIDMAN, Sheila Nadia. *Colectividad judía de Posadas*. Monografia. Universidade Nacional de Misiones. Posadas, Misiones, República Argentina, outubro de 1999.
- SALGADO, Sebastião. *Êxodos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SCHWEIDSON, Jacques. *Judeus de bombachas e chimarrão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
- SCLIAR, Moacyr. *Caminhos da esperança; a presença judaica no Rio Grande do Sul*. (Pathways of Hope; the Jewish presence in Rio Grande do Sul). Porto Alegre, Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, 1990.
- SHATZKY, Jacob. *Comunidades judias en latinoamerica*. Buenos Aires: American Jewish Committee, 1952.
- SHUMWAY, Nicolás. *La invención de la Argentina*. Buenos Aires: Emecé, 1995.
- SLAVUTZKY, Abrão (org.) *A Paixão de Ser: Depoimentos e Ensaios sobre a identidade judaica*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.
- SORJ, Bernardo, e GRIN, Mônica. *Judaísmo e modernidade: metamorfoses da tradição messiânica*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- SORJ, Bila (org.) *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- VIEIRA, Nelson H. (org.). *Construindo a imagem do judeu: algumas abordagens teóricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

WASSERMAN, Claudia (coord.) *História da América Latina: cinco séculos*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1996.

_____. *A Questão Nacional na América Latina no começo do século XX: México, Argentina e Brasil*. Tese de Doutorado. RJ, UFRJ, 1998.

_____. *Problemas teóricos que envolvem a questão da identidade social e a formação de novas identidades*. Mimeo. Porto Alegre, 2000.

Relação das fontes:

- Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul:

Revista Pesquisas Regionais: ano 7 - nº 15. Erexim/RS, julho de 1985. Publicação da Fundação Alto Uruguai para a Pesquisa e o Ensino Superior – Correspondência da Jewish Colonization Association – JCA, tradução Ernesto Cassol:

Correspondência de Philipppson para Paris, nº 268, de 06 de fevereiro de 1911.

Correspondência de Philipppson para Paris, nº 273, de 16 de março de 1911.

Correspondência de Philipppson para Paris, nº 278, de 09 de maio de 1911.

Correspondência de Philipppson para Paris, nº 283, de 06 de julho de 1911.

Correspondência de Philipppson para Paris, nº 284, de 20 de julho de 1911.

Correspondência de Philipppson para Paris, nº 288, de 30 de agosto de 1911.

Correspondência de Philipppson para Paris, nº 299, de 22 de setembro de 1911.

Correspondência de Philipppson para Paris, nº 304, de 28 de outubro de 1911.

Revista Pesquisas Regionais: Ano 8 – nº. 16. Erexim/RS, setembro de 1985. Publicação da Fundação Alto Uruguai para a Pesquisa e o Ensino Superior – Correspondência da Jewish Colonization Association – JCA, tradução Ernesto Cassol:

Correspondência de Philipppson para Paris, nº 309, de 01 de dezembro de 1911.

Correspondência de Philipppson para Paris, nº 317, de 3 de janeiro de 1912.

Correspondência de Philipppson para Paris, nº 320, de 23 de janeiro de 1912.

Correspondência de Philipppson para Paris, nº 330, de 3 de março de 1912.

Correspondência de Philipppson para Paris, nº 331, de 3 de março de 1912.

Correspondência avulsa:

Correspondência da Jewish Colonization Association à Directoria de Terras e Colonização (Secretaria do Estado do Rio Grande do Sul), em 04 de agosto de 1909. Grupo Obras Públicas – Terras – Jewish Colonization Association – 1909.

Correspondência da Jewish Colonization Association à Directoria de Terras e Colonização (Secretaria do Estado do Rio Grande do Sul), em 14 de agosto de 1909. Grupo Obras Públicas – Terras – Jewish Colonization Association – 1909.

- Arquivo Histórico Judaico Brasileiro (São Paulo):

Correspondência de Paris para Philippson, n° 179, de 09 de junho de 1909. cx7, M5.

Correspondência de Paris para Philippson, n° 228, de 24 de novembro de 1910. cx7, M5.

Correspondência de Paris para Philippson, n° 246, de 06 de julho de 1911. cx7, M5.

Correspondência de Paris para Philippson, n° 282, de 30 de maio de 1912. cx7, M6.

Correspondência de Paris para Philippson, n° 283, de 06 de junho de 1912. cx7, M6.

Correspondência de Paris para Erebango, n° 322, de 14 de março de 1913. cx7, M7.

Correspondência de Paris para Erebango, n° 337, de 05 de junho de 1913. cx7, M8.

Correspondência de Paris para Erebango, n° 343, de 10 de julho de 1913. cx7, M8.

Correspondência de Paris para Erebango, n° 365, de 22 de outubro de 1913. cx7, M8.

Correspondência de Paris para Erebango, n° 370, de 27 de novembro de 1913. cx7, M9.

Correspondência de Paris para Erebango, s/n°, de 1913. cx7, M8.

Correspondência de Paris para Erebango, n° 378, de 15 de janeiro de 1914. cx7, M9.

Correspondência de Paris para Erebango, s/n°, de 21 de agosto de 1915. cx8, M1A.

Correspondência de Paris para Erebango, n° 431, de 08 de junho de 1915. cx8, M1B.

Correspondência de Paris para Erebango, n° 451, de 03 de janeiro de 1916. cx8, M1B.

Correspondência de Paris para Quatro Irmãos, n° 452, de 13 de janeiro de 1916. cx8, M1B.

Correspondência de Paris para Erebango, n° 539, de 27 de novembro de 1919. cx9, M2.

Correspondência de Paris para Erebango, n° 566, de 25 de novembro de 1920. cx9, M3.

Correspondência de Paris para Erebango, n° 571, de 12 de abril de 1921. cx9, M3.

Correspondência de Paris para Erebango, n° 572, de 14 de abril de 1921. cx9, M3.

Correspondência de Paris para Erebango, n° 575, de 17 de maio de 1921. cx9, M2.

Correspondência de Paris para Erebango, n° 587, de 08 de dezembro de 1921. cx9, M4.

Correspondência de Paris para Erebango, n° 597, de 31 de maio de 1922. cx9, M4.

Correspondência de Paris para Erebangó, nº 605, de 26 de setembro de 1922. cx9, M4.
 Correspondência de Paris para Erebangó, nº 608, de 03 de novembro de 1922. cx9, M4.
 Correspondência de Paris para Erebangó, nº 619, de 01 de maio de 1923. cx9, M5.
 Correspondência de Paris para Erebangó, nº 620, de 03 de maio de 1923. cx9, M5.
 Correspondência de Paris para Erebangó, nº 623, de 16 de maio de 1923. cx9, M5.
 Correspondência de Paris para Erebangó, nº 640, de 30 de setembro de 1923. cx9, M5.
 Correspondência de Paris para Erebangó, nº 642, de 26 de outubro de 1923. cx9, M5.
 Correspondência de Paris para Erebangó, nº 643, de 16 de novembro de 1923. cx9, M5.
 Correspondência de Paris para Erebangó, nº 654, de 02 de maio de 1924. cx9, M5.
 Correspondência de Paris para Erebangó, nº 655, de 02 de maio de 1924. cx9, M6.
 Correspondência de Paris para Erebangó, nº 660, de 22 de setembro de 1924. cx9, M6.
 Correspondência de Quatro Irmãos para Paris, nº 864, de 26 de setembro de 1926, cx19, M1.
 2º Rapport sur Quatro Irmãos – 1924. cx33.
 Rapport Annuel – année 1926 pour les colonies de la Jewish Colonization Association en Brèsil. cx10.
 Rapport Annuel – Colonies de la Jewish Colonization Association au Brèsil – année 1930. cx10.
 Informe sobre o movimento agrícola e administrativo do 2º trimestre de 1927 nas colônias do Brasil – Direção das colônias da J.C.A. para Paris, 15 de julho de 1927, cx10.
 Relatório: A obra da ICA no Brasil, 07 de abril de 1960. cx19 M6.

- Instituto Cultural Judaico Marc Chagall – entrevistas do acervo do Departamento de Memória:

Entrevista nº 002. Porto Alegre, 1988.

Entrevista nº 043. Porto Alegre, 1988.

Entrevista nº 054. Porto Alegre, 1988.

Entrevista nº 071. Porto Alegre, 1987.

Entrevista nº 099. Porto Alegre, 1987.

Entrevista nº 111. Clevelândia, 1988.

Entrevista nº 184. Erechim, 1988.

Entrevista nº 189. Porto Alegre, 1988.

Entrevista nº 198. Porto Alegre, 1988.

Entrevista nº 208. Porto Alegre, 1988.